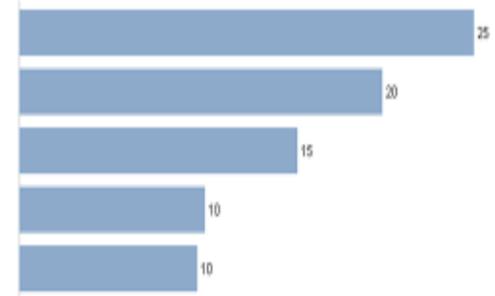
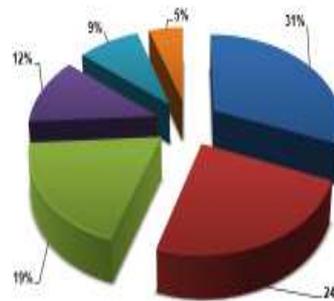
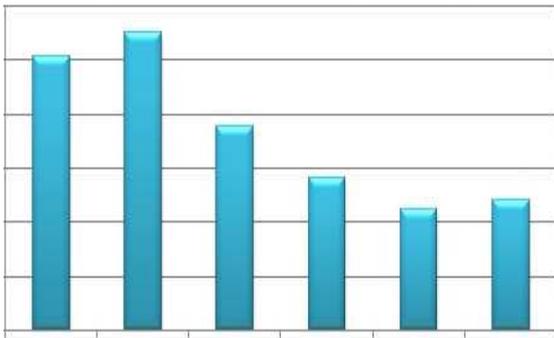


# RELATÓRIO FINAL PESQUISA POP RUA

*LONDRINA - 2018*



**PESQUISA COM A POPULAÇÃO  
EM SITUAÇÃO DE RUA LONDRINA-PR (2017-2019)**

**Organização**

Fabio Lanza (UEL)  
Marco Antonio da Rocha (MP-PR)  
Rozinaldo Antonio Miani (UEL)

**Autores**

Luis Gustavo Patrocino (UEL – UNESP)  
Vinícius dos Santos Moreno Busto (UEL)  
Villenon Edlon Almeida de Oliveira (UEL)  
Líria Maria Bettiol Lanza (UEL)  
Afrânquia Hemanuely Castanho Duarte (UEL)  
Eliezer Rodrigues dos Santos (UEL e PML)  
Adriana de Jesus de Azevedo (MP-PR)  
Edna Costa de Oliveira (UEL e MP-PR)  
Maria Lucimar Pereira (PML)  
Flávia Angélica Andreasse Violin (PML)  
Clarice Junges (PML)  
Clodoaldo Porto Filho (Defensoria Pública do Estado do Paraná e UNOPAR)  
Nara Damião dos Santos Lucena (Defensoria Pública do Estado do Paraná)  
Alysha Carolyn Rocha de Oliveira (Defensoria Pública do Estado do Paraná)  
Kemeli Rodrigues Pivetta (Defensoria Pública do Estado do Paraná)  
Carlos Alexandre Guimarães (UEL)  
Jeniton da Silva Stein (MNPR)

**Revisão de Português**

Ivone Lima

**Diagramação e Revisão Final**

Lina Penati Ferreira

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	4
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1 QUANTIFICAÇÃO E PERFIL DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA</b> .....	18
<b>2 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E SUAS RELAÇÕES FAMILIARES</b> .....	31
<b>3 EDUCAÇÃO E TRABALHO</b> .....	40
<b>4 SOBREVIVÊNCIA NA RUA</b> .....	48
<b>5 SAÚDE</b> .....	59
<b>6 VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DESSE PÚBLICO</b> .....	71
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	82
<b>APÊNDICE</b> .....	85
<b>ANEXOS</b> .....	98

## APRESENTAÇÃO

A Pesquisa sobre a População em Situação de Rua de Londrina teve origem em uma demanda apresentada pela 24ª Promotoria de Justiça da Comarca de Londrina, com atribuições na defesa da saúde pública e proteção aos direitos humanos.

O trabalho de monitoramento e acompanhamento da política municipal de atendimento à população em situação de rua vinha exigindo dados atualizados sobre a quantidade de pessoas que vivem nessa condição em Londrina, bem como elementos acerca das estratégias de sobrevivência dessa população, de modo a tornar possível a avaliação daquela política pública.

Diante dessa demanda, na frente interna do Ministério Público do Paraná, o Centro de Apoio Técnico à Execução (CAEX) buscou articular uma rede institucional para viabilizar a realização da pesquisa. Nesse processo foram procuradas a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Defensoria Pública do Estado do Paraná – sede de Londrina, a Coordenação Municipal do Movimento Nacional da População em Situação de Rua, a Secretaria Municipal de Assistência Social de Londrina e a Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR.

Após mais de dois anos de trabalho árduo, cujo resultado está sendo apresentado, resta agradecer aos representantes daquelas instituições, pela parceria e compromisso, bem como ao Promotor de Justiça Doutor Paulo César Vieira Tavares, titular da 24ª Promotoria de Justiça da Comarca de Londrina e ao Promotor de Justiça Doutor Joelson Luis Pereira, Chefe do NATE/CAEX, pelo apoio institucional, à Professora Doutora Ana Lúcia Rodrigues, do Observatório das Metrôpoles da UEM, pela disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos sobre a temática e aos mais de sessenta estudantes de graduação e pós-graduação que se voluntariaram para atuar como pesquisadores na coleta e tratamento dos dados dessa pesquisa.

Sem o apoio dessas instituições e pessoas, a realização dessa pesquisa não teria sido possível.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre a população em situação de rua de Londrina almeja sensibilizar os gestores das políticas sociais do município e a sociedade quanto aos direitos da população em situação de rua. Uma dificuldade primeira foi saber quem são e quantos são; como vivem e se organizam; quais suas necessidades e aspirações. Dessa maneira, o problema da pesquisa organizou-se a partir da questão central: quais são as características da população em situação de Londrina - PR?

A equipe de pesquisadores e profissionais envolvidos buscou responder ao problema e organizou os objetivos específicos que auxiliaram no processo de planejamento, execução, análise e interpretação dos dados da pesquisa:

- a) quantificar a população em situação de rua de Londrina;
- b) identificar os aspectos socioeconômicos, políticos, sociais e culturais da população em situação de rua de Londrina;
- c) caracterizar as dinâmicas dos modos de vida da população em situação de rua e sua relação com as políticas públicas.

O Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, define assim esse segmento:

[...] grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009).

Além dessa definição que aponta para a vulnerabilidade e heterogeneidade, a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua - PNIPSR (2008) indica que essa população também institui a rua como principal espaço de sobrevivência e constituição de identidade. Nesse sentido, Prates, Prates & Machado (2011) afirmam que a definição apontada reconhece que a rua, como referência, impacta na subjetividade dos indivíduos.

É de fundamental importância que o planejamento das políticas sociais e dos serviços específicos considere as interfaces que definem essa população, marcada por estigmas de múltiplos condicionantes e pela exclusão social.

Sobre o processo de exclusão e a pobreza, Paugam (2004) utiliza o termo desqualificação social como uma das dimensões desse processo. A desqualificação

social é um conceito que aponta a pobreza como algo dinâmico e mutável. Para o autor, o enfraquecimento dos vínculos sociais diz respeito a uma das fases da desqualificação social.

A exclusão do mercado de trabalho também gera sentimentos de fracasso, de inferioridade, além de interferências nas relações familiares, com crises de identidade, pelo fato de o indivíduo passar a depender dos serviços sociais para a sua subsistência. A fragilidade pode levar a fase da dependência ao uso de substâncias psicoativas, e isso pode apresentar ao indivíduo complicações de saúde.

Para o autor, quanto maior for o período em que o indivíduo viver sem moradia, maior será a probabilidade de ruptura com os vínculos familiares e a tendência a desconfiar das instituições sociais.

Outro conceito importante é o da rualização, utilizado por Prates, Prates e Machado (2011), que considera o processo da pessoa em situação de rua como algo não estático:

O termo processo de rualização [...] o reconhece como processo social, condição que vai se conformando a partir de múltiplos condicionantes, num continuum, razão pela qual processos preventivos e a intervenção junto àqueles que estão ainda há pouco tempo em situação de rua parecem ser fundamentais para que se logre maior efetividade em termos de políticas públicas (PRATES; PRATES; MACHADO, p. 194, 2011).

Assim como o processo de exclusão e rualização é considerado a partir de múltiplos condicionantes e determinantes sociais, a política de saúde, por exemplo, também adota o conceito ampliado, considerando a saúde além de determinações biológicas.

As mobilizações contra a ausência de reconhecimento e a invisibilidade da população de rua para os formuladores das políticas públicas levou ao surgimento do Movimento Nacional da População de Rua – MNPR, no ano de 2005 (COSTA, 2007). Essas iniciativas de mobilização política ganham força no final da década de 1990, a partir da articulação com as cooperativas de catadores de materiais recicláveis.

Um dos marcos dessa articulação ocorreu no ano de 2001, em Brasília, na I Marcha Nacional da População de Rua e no I Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. A partir desses eventos foi criado o Fórum da População de Rua.

O MNPR atualmente possui núcleos organizados em diversas regiões do país, assim como desenvolve sua articulação em diversos espaços representativos no âmbito governamental. Nesse sentido consideramos aqui a importância da atuação política desse segmento, para enfrentar a invisibilidade vivenciada por essa população.

Com uma população estimada em 558.439 habitantes<sup>1</sup>, Londrina é uma cidade de grande porte e um importante polo de desenvolvimento regional e nacional. Desde sua constituição<sup>2</sup>, a “pequena Londres” orgulha-se do seu “pujante progresso”. Da década de 1990 para cá, o desempenho de Londrina no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)<sup>3</sup> apresentou contínuo crescimento, como mostra a Figura 1.

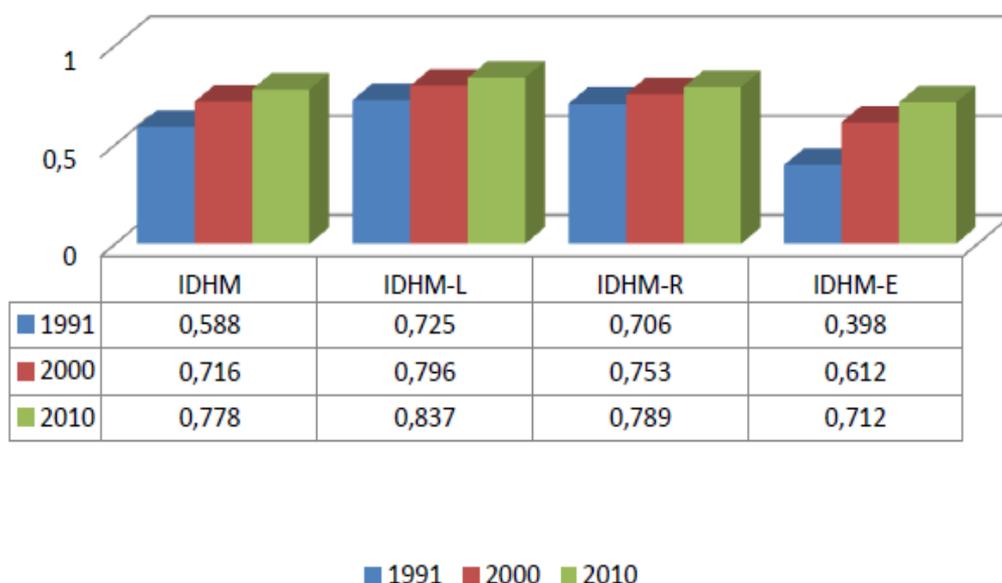
---

<sup>1</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01.07.2017**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

<sup>2</sup> Londrina surgiu em 1929, como primeiro posto avançado do projeto de colonização implantado na região pela Companhia de Terras Norte do Paraná, subsidiária da firma inglesa Paraná Plantations Ltda. O nome da cidade foi uma homenagem prestada a Londres –“pequena Londres”. A criação do Município ocorreu cinco anos mais tarde, através do Decreto Estadual n.º 2.519, assinado pelo interventor Manoel Ribas, em 3 de dezembro de 1934. Sua instalação foi em 10 de dezembro do mesmo ano, data em que se comemora o aniversário da cidade. Para mais informações: LONDRINA. **Perfil do Município de Londrina 2013 (Ano Base 2012)**. Prefeitura Municipal de Londrina. Disponível em: <[http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=546&Itemid=560](http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=546&Itemid=560)>. Acesso em: 18 maio 2015.

<sup>3</sup> Uma das principais ferramentas para medir o desenvolvimento socioeconômico e a qualidade de vida nos vários municípios brasileiros é o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), produzido pelo Programa das Nações Unidas em parceria com o Ipea e a Fundação João Pinheiro. Ele é um indicador composto (que reúne várias dimensões da realidade), calculado com base nos dados dos censos demográficos, e obtido pela média geométrica de três subíndices, referentes às dimensões Longevidade (IDH-L), Educação (IDH-E) e Renda (IDH-R). Seu valor varia de 0 a 1 (quanto mais próximo do 1 melhor o desempenho), sendo considerado alto entre 0,700 a 0,799, e muito alto a partir de 0,800.

**Figura 1** – Evolução do IDHM de Londrina 1991 – 2010



**Fonte:** PNUD; IPEA; FJP, 2013.

Nas duas últimas décadas, Londrina teve um incremento no seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 32,31%, aumento importante, porém inferior às médias de crescimento nacional (47,46%) e estadual (47,73%). Em 2010 passou à 145ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros, sendo que 144 (2,59%) deles estão em situação melhor e 5.421 (97,41%) em situação igual ou pior. Em relação aos 399 outros municípios do Paraná, Londrina ocupa a 6ª posição, logo 5 (1,25%) municípios estão em situação melhor e 394 (98,75%) municípios em situação pior ou igual<sup>4</sup>.

A dimensão que apresentou melhor desempenho na última década foi Longevidade, com índice 0,837, seguida de Renda, com índice de 0,789, e da Educação, com o pior desempenho: 0,712. Ainda assim a Educação foi a dimensão que mais cresceu em relação à década anterior (crescimento de 0,100), seguida por Longevidade e por Renda.

Este é o lado positivo do progresso a que os relatórios oficiais dão ênfase. É preciso, porém, identificar os dados relativos às desproteções sociais e à extrema

---

<sup>4</sup> LONDRINA. Prefeitura do Município de Londrina. **Plano decenal de atendimento socioeducativo do município de Londrina 2015-2024**. Londrina, 2015. Disponível em: <[http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec\\_assistencia/pdf/plano\\_decenal.pdf](http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_assistencia/pdf/plano_decenal.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2018.

pobreza, que comprometem grande parcela da população local. Ainda, no campo do trabalho formal, acaba sendo excluída do acesso aos direitos trabalhistas e sociais.

Portanto, se as políticas de Estado estão verdadeiramente comprometidas com o bem comum de todos os cidadãos e com a proteção social, conforme a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), é preciso ter em mente que, por trás dos percentuais negativos, ainda que pequenos, existem grandes quantidades de pessoas, neste caso, pessoas marginalizadas (no sentido de estarem à margem do acesso à riqueza socialmente produzida).

Para ilustrar o que está sendo dito apresentamos os Quadros 1 e 2. Embora os baixos percentuais oficiais de pobreza e extrema pobreza, e de ter havido pequena redução da concentração de renda e da desigualdade, retratada pelo Índice de Gini<sup>5</sup>, existe um número expressivo de famílias beneficiárias de programas sociais por conta da extrema pobreza ou da pobreza<sup>6</sup>, que é fruto da concentração de renda.

**Quadro 1** – Renda, pobreza e desigualdade – Índice Gini – Londrina-PR.

<b>Índices</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Renda per capita (em R\$)	647,74	868,80	1.08335
% de extremamente pobres	3,12	2,14	0,74
% de pobres	14,81	9,58	3,27
Índice de Gini	0,56	0,57	0,51

Fonte: PNUD; IPEA; FJP, 2013.

**Quadro 2** – Porcentagem da renda apropriada por estratos da população – Londrina-PR

<b>Estrato da população</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
20% mais pobres	3,36	3,12	4,14
40% mais pobres	10,11	9,61	12,15
60% mais pobres	20,68	19,91	23,94
80% mais pobres	38,61	37,98	42,77
20% mais ricos	61,39	62,02	57,23

Fonte: PNUD; IPEA; FJP, 2013.

Se, por um lado, Londrina, com um IDHM de 0,778, tem o 6º melhor desempenho entre os 399 municípios paranaenses e ocupa o 145º lugar entre os

---

<sup>5</sup> O Índice de Gini é um instrumento usado para medir o grau de concentração de renda. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda, ou seja, o grau máximo de concentração e desigualdade.

<sup>6</sup> Em situação de extrema pobreza estavam, em 2010, as pessoas com renda de até R\$ 70,00 (setenta reais), e pobres eram aquelas com renda (per capita) de R\$ 70,01 a R\$ 140,00. A partir de 01/06/14 os valores foram reajustados para R\$ 77,00 e R\$ 154,00 respectivamente.

5.565 municípios brasileiros, quando olhamos especificamente para a concentração de renda, medida pelo Índice de Gini, passa ao 325º lugar no *ranking* estadual e à 3.459ª posição no nacional (PNUD; IPEA; FJP, 2013). Temos, portanto, uma desigualdade brutal. E a desigualdade, todos sabemos, produz muitos outros problemas sociais.

Apesar de ter havido uma pequena redução no índice de desigualdade, em 2010, a renda dos 20% mais ricos era **13,8 vezes superior à dos 20% mais pobres**. Segundo o economista José Luis Oreiro (2015) concentração acima de 10 vezes a mais para os ricos significa (como é o caso do Brasil e de Londrina) uma sociedade “potencialmente explosiva”. Ele sugere reduzir essa diferença para o padrão dos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) que varia de 4 a 5 vezes (OREIRO, 2015).

Em maio de 2018 estavam cadastradas no Cadastro Único dos Programas Sociais do Governo Federal<sup>7</sup> 45.828 famílias londrinenses (ou 120.234 pessoas), assim classificadas segundo as faixas de renda: 17.894 famílias (48.709 pessoas) com renda *per capita* familiar de até R\$ 85,00 [extremamente pobres]; 3.561 famílias (12.098 pessoas) com renda *per capita* familiar entre R\$ 85,01 e R\$ 170,00 [pobres]; 12.555 famílias (38.454 pessoas) com renda *per capita* familiar entre R\$ 170,01 e meio salário mínimo; 11.818 famílias (20.973 pessoas) com renda *per capita* acima de meio salário mínimo.

Na pesquisa qualitativa foi identificado que o Programa Bolsa Família (PBF), programa de transferência de renda que beneficia famílias pobres e extremamente pobres, em junho de 2018, contemplava 17.175 famílias beneficiárias (aproximadamente 52.500 pessoas), com valor médio mensal de R\$ 163,00<sup>8</sup>.

Parte desses beneficiários dos programas de transferência de renda são pessoas que se encontram em situação de rua, mas é importante considerar que grande parte dessa população não recebe nenhum benefício ou não aparece em nenhuma pesquisa referida anteriormente.

---

<sup>7</sup> O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (Cadastro Único) é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, entendidas como aquelas que têm renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa; ou renda mensal total de até três salários mínimos.

<sup>8</sup> BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. **Relatório de Informações Sociais – RI, Bolsa Família e Cadastro Único**. Disponível em: <[https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Cadastro Único](https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Cadastro%20%C3%9Anico)> Acesso em: 19 jul. 2018.

De acordo com o IBGE<sup>9</sup>, a aplicação do Censo em todo o país além de pesquisar os domicílios e as instituições:

[...] ainda investiga os moradores dos domicílios particulares improvisados ocupados, que são aqueles que, embora não construídos com a finalidade de servir de moradia, estavam sendo utilizados como tal. Alguns exemplos: estabelecimentos não residenciais (bares, lojas etc.), grutas, galpões, tendas, barracas em acampamentos, habitações improvisadas sob pontes, viadutos etc.

Apesar dessa consideração, o IBGE não identifica o quantitativo específico da população em situação de rua no país. E essa tem sido uma necessidade posta pelas diversas frentes que defendem os direitos dessa população a melhores condições de vida, por meio do acesso às políticas públicas e sociais.

O Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), além de outras entidades, é um dos grandes mobilizadores dessa frente e atualmente tem chamado atenção para que o IBGE passe a contabilizar as pessoas que vivem nas ruas. De acordo com o *Jornal SUL 21* (2018), essa também tem sido uma demanda do Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua (Ciamp-Rua), mas, para o IBGE, “o assunto é estudado pela equipe técnica, porém ainda sem previsão de inclusão no levantamento”<sup>10</sup>.

Frente a isso, alguns municípios têm realizado pesquisas sobre a população em situação de rua buscando, além de quantificar as pessoas, qualificá-las e obter dados a respeito de suas condições e modos de vida. O processo de planejamento e avaliação das políticas sociais deve considerar os dados produzidos por essas pesquisas como referência para a oferta de novos serviços e para a avaliação da política municipal de atendimento à população em situação de rua.

De acordo com o Plano Municipal de Saúde (2017), a Prefeitura Municipal de Londrina (PML), por meio da Diretoria de Atenção Primária à Saúde, gerencia a equipe do Consultório na Rua, que existe desde o ano de 2012. Suas ações estão direcionadas principalmente às:

Abordagens aos moradores de rua para acolhimento e avaliação; Redução de Danos; Busca ativa; Visita Institucional/ Visita Domiciliar; Coleta de exames laboratoriais e Papanicolau; Planejamento familiar; administração de anticoncepcional injetável e fornecimento de

---

<sup>9</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conceituação**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/conceituacao.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

<sup>10</sup> SUL21. **População de rua deve ficar fora do Censo 2020**. 22 set. 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/09/populacao-de-rua-deve-ficar-fora-do-censo-2020/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

preservativos; Administração de medicamento para tratamento de Sífilis e IST's; Agendamento de consulta especializada; Acompanhamento psicossocial/ Grupos/ Projeto Terapêutico Singular – PTS; Acompanhamento dos usuários a exames e consultas nas Unidades Básicas de Saúde; Administração de medicamentos injetáveis e TDO (Tratamento Diretamente Observado) (LONDRINA, 2017, p. 60).

O Consultório na Rua se desenvolve como serviço integrante da Rede intersetorial, desenvolvendo ações de atenção básica à população em situação de rua *in loco*, de forma itinerante e compartilhada com outros pontos de atenção à saúde.

Em relação à rede de saúde mental é constituída pelo Pronto Atendimento/Ambulatório; Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) AD, CAPS I e CAPS III.

Com relação à Política de Assistência Social, o município possui o Serviço Especializado em Abordagem Social e o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, ambos sediados no Centro POP (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua) e o Serviço de Acolhimento em repúblicas (sendo duas casas). Além disso, o município convenia instituições beneficentes, sem fins lucrativos, para a execução do Serviço de Acolhimento Institucional para compor a política pública. Esses serviços estão vinculados à Política de Proteção Social Especial que busca articular o atendimento interdisciplinar a essa população.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social, provenientes do seu sistema de informações - IRSAS – Informatização da Rede de Serviços Socioassistenciais, foram atendidas pelos serviços de atenção à população em situação de rua alocados no Centro POP, ao longo dos anos de 2016, 2017 e 2018, respectivamente, 4.457, 4.447 e 4.648 pessoas. Nota-se que entre 2016 e 2017 houve uma ínfima variação para menos (10 indivíduos ou 0,22%), enquanto entre 2017 e 2018 houve um aumento expressivo para mais (201 indivíduos), indicando uma tendência de crescimento desta população de 4,52%.

Um dos objetivos e desafios desses serviços especializados é trabalhar na perspectiva de intersetorialidade com a finalidade de articular o cuidado integral dessa população. Planejar e promover a gestão desses diferentes serviços e políticas públicas no município exige que os objetivos e a finalidade desses serviços devam ser construídos e avaliados com os próprios sujeitos e com a rede que constitui o território e o espaço de vida dessa população. Essa construção e

avaliação devem ser fundamentadas pelas necessidades e realidade dessa população. Nesse sentido, acreditamos que a realização dos censos e pesquisas específicas nos municípios vem ao encontro desse objetivo.

A garantia desses avanços no trato com as políticas sociais tem exigido novos esforços políticos e de resistências dos movimentos sociais e trabalhadores implicados, frente às recentes alterações impostas pelo governo federal, como a aprovação da “PEC do Teto” (Proposta de Emenda Constitucional nº55/2016), que congela os gastos públicos por 20 anos, impactando principalmente as políticas de seguridade social.

Devemos, portanto, estar atentos ao desmonte das políticas sociais no que se refere ao desfinanciamento, assim como ao gerenciamento fundamentado nas práticas sociais e institucionais voltadas a um discurso simbólico, que reproduz códigos binários e práticas de higienização social, atendendo as pessoas somente com o objetivo de tirá-las da rua e do uso de substâncias psicoativas. Para Matos (2017, p.21):

[...] a abertura das categorias de diferenciação permite que se tornem visíveis as construções dos eixos das diferenças, que são naturalizadas e hierarquizadas nas relações, práticas sociais e institucionais, gerando, das mais variadas formas, exclusão social, dor e sofrimento. Dessa maneira, é possível desvelar a violência simbólica que legitima e justifica a dominação social em suas diversas manifestações cotidianas. É possível ainda mostrar como operam os sistemas de classificação/desclassificação social em diferentes contextos e, com isso, desconstruir os códigos binários, sempre presentes nas categorias de diferenciação, que estão sempre produzindo e reproduzindo assimetrias arbitrariamente construídas entre os indivíduos.

Os marcadores sociais também devem ser levados em conta na construção de políticas públicas para esse segmento populacional. Categorias como classe social, gênero, raça devem substanciar ações que realmente atendam expressões da realidade, pois são interações e intersecção de formas de subordinação dinâmicas.

Frente ao exposto, acreditamos ser de suma importância a pesquisa realizada, construída a partir da articulação do Ministério Público do Estado do Paraná com a equipe do Projeto Práxis Itinerante – PROEX da Universidade Estadual de Londrina, UNOPAR, Defensoria Pública do Estado do Paraná, MNPR, os serviços públicos da Política de Assistência Social e a Equipe do Consultório na Rua da Política de Saúde, que defendem a efetivação dos direitos das pessoas em

situação de rua, na busca de combater as diversas violações aos Direitos Humanos enfrentadas por essa população diariamente.

Os dados obtidos pelos serviços municipais voltados especificamente à essa população não conseguem ou não têm o objetivo de quantificar os usuários que não acessam esses serviços, ou que acessam serviços ou ações esporádicas, articuladas pela sociedade civil (grupos religiosos, “sopão”, casas de acolhida beneficentes etc.). Face a isso é que se reitera a necessidade do tipo de pesquisa realizada – em parceria com a própria população em situação de rua (representada pelo MNPR), que buscou compreender a representação política e social das necessidades e demandas desses sujeitos coletivos. Essa articulação nos auxiliou na construção do instrumento da coleta dos dados e no planejamento para a execução da formação dos pesquisadores ao longo dos anos de 2017 e 2018.

## **Metodologia e epistemologia da pesquisa**

No campo da pesquisa, a complexidade das dinâmicas sociais que perpassam a relação entre os indivíduos e a sociedade exige processos investigativos que contemplem diferentes aspectos da realidade social a ser problematizada.

O trabalho ora apresentado envolveu a realização de uma pesquisa mista, envolvendo abordagens quanti e qualitativa. Conforme Minayo (2007), a oposição entre essas abordagens deve ser substituída pela noção de complementaridade.

O desenho metodológico da pesquisa junto à população em situação de rua de Londrina apresentou duas fases.

### ***Fase 1***

Caracterização da população de rua – pesquisa quantitativa com aplicação de formulários aos moradores de rua na cidade de Londrina. O instrumento de pesquisa continha questões fechadas que permitiram conhecer a população tanto em termos numéricos quanto em termos de apropriação de seus modos de vida e necessidades sociais.

A definição de locais de aplicação, amostragem e variáveis de análise foram definidas a partir das contribuições da estatística aplicada às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além disso, durante o planejamento da pesquisa, levou-se em

consideração a *expertise* dos trabalhadores do Centro POP, que apontaram os locais estratégicos que deveriam ser percorridos pelas equipes de pesquisadores.

Levou-se em conta também as contribuições dos representantes da população em situação de rua, que participaram ativamente do processo de planejamento e realização da pesquisa. Além disso, seis membros do MNPR que vivem em Londrina atuaram como facilitadores da pesquisa

A presença desses sujeitos e seu envolvimento ativo no desenho e desenvolvimento da pesquisa, tornou-os produtores do conhecimento construído, ampliando sua legitimação junto aos sujeitos que vivem na rua.

A pesquisa de campo foi realizada por discentes de graduação e de pós-graduação dos cursos (Ciências Sociais, Serviço Social, Psicologia, Geografia, Comunicação Social, Jornalismo, outros) e instituições envolvidos na pesquisa e profissionais das redes de serviços municipais que atendem a população em situação de rua. Destacamos ainda, que o processo de coleta de dados contou com a presença de um representante da equipe de Coordenação da Pesquisa em cada frente de investigação nas ruas londrinenses.

A coleta de dados resultou de busca ativa, através de abordagens dos indivíduos, que forneceram as informações de acordo com seu entendimento dos enunciados. Nesse sentido a interferência da equipe de coleta foi mínima.

Os pesquisadores receberam capacitação teórica e metodológica para atuar nas diversas fases da pesquisa. Foram realizadas três etapas de formação, nas dependências da Universidade Estadual de Londrina e do Ministério Público do Estado do Paraná. Atuaram como facilitadores os profissionais da rede de serviços (assistência social e saúde), representantes do Ministério Público, membros do Movimento Nacional da População em Situação de Rua, docentes e discentes de pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, além da Professora Doutora Ana Lúcia Rodrigues, da Universidade Estadual de Maringá.

O conteúdo programático envolveu estudos dirigidos por referências bibliográficas acerca da temática, mediados por diálogos entre os participantes e rodas de conversas. Por último, como parte do processo de capacitação e planejamento, foram apresentados e amplamente discutidos os instrumentos propostos para a coleta de dados.

## **Fase 2**

Estudo qualitativo acerca da população de rua de Londrina PR: o planejamento da pesquisa valorizou as falas e discursos orais dos sujeitos. Para esse momento previu-se, no instrumento de coleta de dados questões abertas e a possibilidade de a população de rua manifestar-se livremente. Como estratégia as falas foram transcritas e estão apresentadas como apêndice após as referências bibliográficas. Caberá aos interessados(as) tomar o discurso da população em situação de rua com o sentido de aprofundar o conhecimento e a produção acadêmica e das políticas públicas para melhor beneficiá-los(as).

### **Metodologia de análise dos dados**

Os dados de natureza quantitativa obtidos foram coletados através da técnica de entrevista que tinha como roteiro um questionário de tipo *survey*.

O tratamento destes dados quantitativos e sua conversão em gráficos e tabelas foi feito por meio do software *Lime Survey*, disponibilizado pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina.

Os gráficos e tabelas produzidos por meio do software foram retrabalhados por pesquisadore(a)s vinculado(a)s ao projeto Práxis Itinerante PROEX UEL e ao LERR – Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades PROPPG UEL, que o converteram para formatos mais flexíveis que possibilitassem a exportação dos dados para diversos editores de textos e planilhas.

Os dados contidos nos gráficos e tabelas foram posteriormente analisados por grupos dentre a equipe de Coordenação da Pesquisa divididos por temas, que buscaram analisar, compreender e interpretar os dados quantitativos e qualitativos coletados.

### **Apresentação dos dados**

Optamos por representar as informações com gráficos, tabelas, quadros e a transcrição das falas, visando facilitar a leitura e compreensão. Em determinados casos, foram apresentados tanto os números absolutos quanto sua relação percentual, sendo que em algumas situações apresentamos apenas uma destas versões.

Adotou-se a notação de uma casa decimal visando garantir precisão das taxas, devido ao limite que as apresentações gráficas impõem em alguns casos. Isso pode produzir impacto na somatória geral das porcentagens devido aos

arredondamentos, ou seja, em alguns gráficos é possível que não se chegue ao resultado de 100% ao somar-se as taxas.

A base de dados adotada para confecção das informações foi organizada objetivando a consistência e precisão. Para tal foram excluídos 102 questionários parcialmente respondidos, deixando o total médio da resposta em 825 questionários. Ainda assim, sempre que esse total se altera, excluindo os casos óbvios das questões de múltipla escolha, há indicação no texto.

Nas questões apresentadas como múltipla escolha espontânea não apresentamos a opção 'não respondeu' por estas não interessarem de imediato a finalidade da pergunta.

Uma vez que não é possível saber o total exato de pessoas em situação de rua, o cálculo amostral adequado fica aproximado. Por isso optou-se por trabalhar ao longo de quatro semanas, entre setembro e outubro de 2018, para fazer o registro e coleta com o número máximo possível de sujeitos em situação de rua em Londrina PR. Dessa forma, a pesquisa alcançou um número relativamente grande para uma amostra representativa e não muito inferior, do que poderia ser um censo na cidade. Portanto, é possível indicar tendências e propensões sem, contudo, defini-las ou atestá-las de forma exata. A amostragem possibilita a produção de um cenário, e representa um relevante fluxo de informações frente ao que se é possível coletar.

Segundo os princípios consolidados a partir das Ciências Exatas, especialmente da Estatística, diante dos fatores apresentados e dos dados coletados recomenda-se a taxa de menos 5% de erro e nível de confiança de 95% para os cruzamentos e uso das informações a seguir. Embora as informações sejam quantitativas, as análises, interpretações e compreensões são produzidas sob a perspectiva qualitativa e não excluem as múltiplas matrizes hermenêuticas dos atores nos seus contextos, bem como dos objetos e suas restrições.

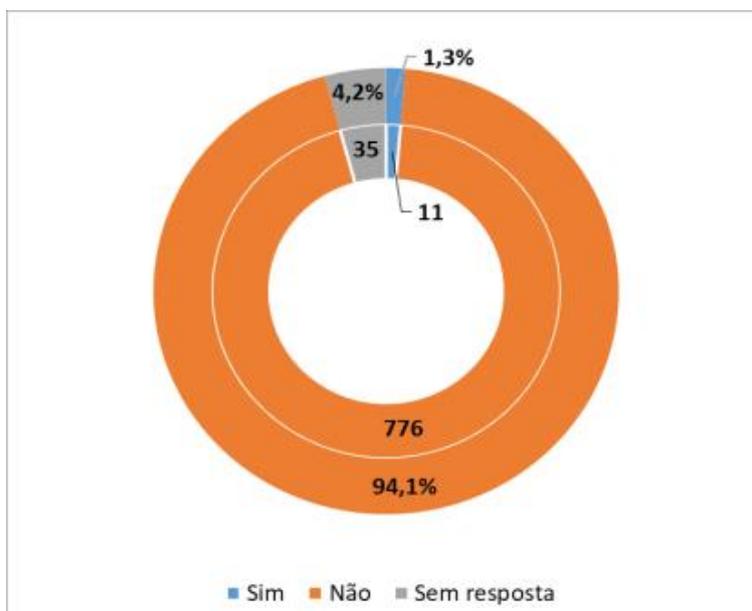
## 1 QUANTIFICAÇÃO E PERFIL DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA

Para construir o perfil da população em situação de rua foram analisadas as respostas às perguntas contidas no questionário aplicado, que resultaram nos gráficos a seguir apresentados.

Como a pesquisa foi realizada inicialmente nos acolhimentos para as pessoas em situação de rua, achamos necessário iniciar o questionário com esta pergunta, para que não ocorresse duplicidade de resposta do mesmo sujeito.

A circulação das pessoas em situação de rua, entre a rua e a instituição de acolhimento, assim como entre as próprias instituições de acolhimento, é considerável, tanto por situações relacionadas aos critérios para permanecer no acolhimento, como regras e tempo de permanência (a maioria, se não todos, os acolhimentos estabelecem o período/prazo que a pessoa em situação de rua pode permanecer institucionalizada), quanto por questões de uso abusivo de substâncias psicoativas (álcool e outras drogas), abstinência, ou desentendimentos com funcionários ou com outros acolhidos.

**Gráfico 1** – Pessoas que já foram entrevistadas pela Pesquisa Pop Rua



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

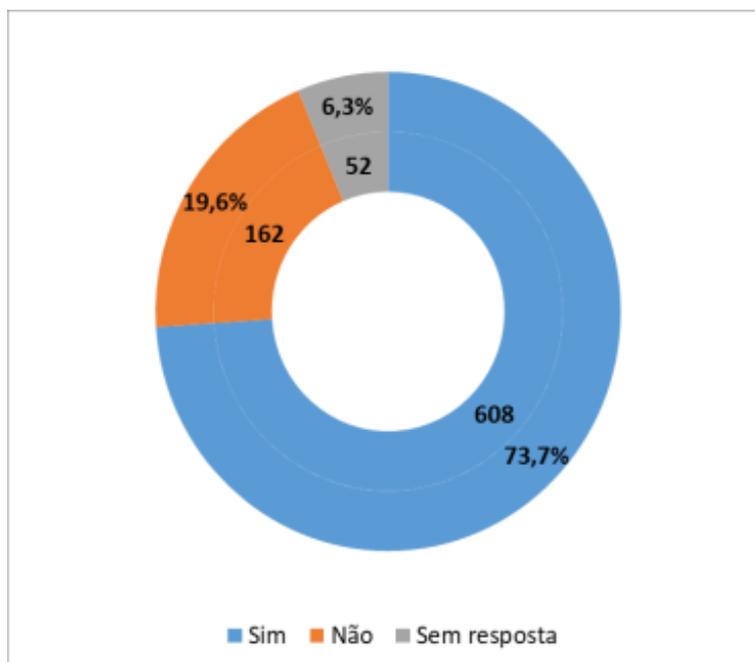
O gráfico mostra que a grande maioria, 94,1%, ainda não tinha respondido ao questionário e que apenas 1,3% ou 11 pessoas declararam já ter respondido<sup>11</sup>,

---

<sup>11</sup>Nesses casos não foi dado sequência à entrevista.

enquanto 4,2% ou 35 pessoas deixaram sem resposta. É importante considerar que algumas pessoas podem ter respondido que já haviam sido “pesquisados” só para se “livrar” da entrevista, e que somente com estes dados não temos como avaliar por que 35 sujeitos não deram resposta alguma.

**Gráfico 2** – Pessoas que se consideram em situação de rua



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Constatamos que 73,7% ou 608 pessoas declararam estar em situação de rua, 19,6% ou 162 pessoas declararam que não estavam em situação de rua e 6,3% ou 52 pessoas não responderam.

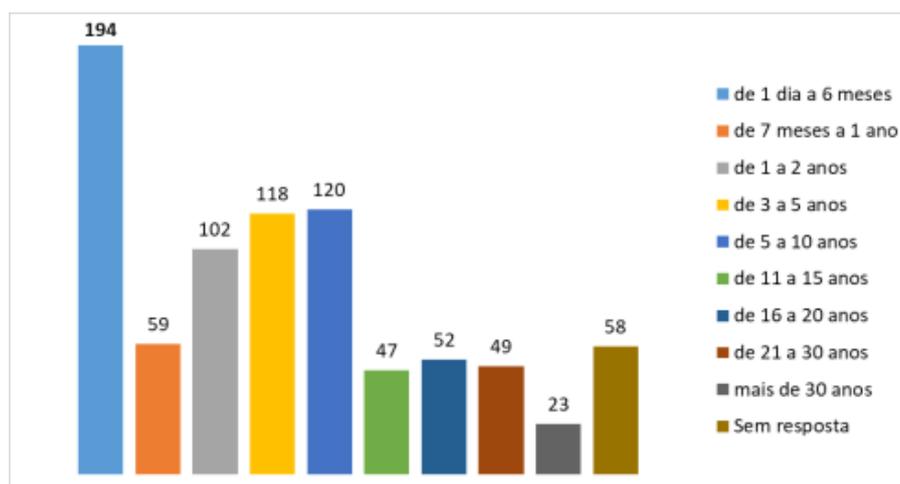
Rosa (2005) questiona a definição utilizada para designar pessoas que vivem em ruas, praças, marquises, em logradouros públicos etc., fazendo um resgate desde a década de 1970, lembrando as várias nomenclaturas carregadas de significados que eram usadas, como, por exemplo, mendigos, vagabundos, pedintes, favelados, subalternos, entre muitos outros. A autora retrata como essa forma pejorativa de intitular a população de rua foi sendo abrandada conforme foram surgindo novas pesquisas em torno do tema e novas publicações, revelando que grande parte da população que se encontrava nas ruas era de trabalhadores.

Contudo, a autora destaca a importância de se ter clareza de que as formas de inserção nas ruas são diferentes, e que, portanto, uma pessoa pode ficar, estar, ou ser da rua, ou seja, pode ficar ou estar na rua de forma circunstancial/provisória, ou pode morar na rua há muitos anos.

Na realidade de Londrina, levamos esses fatores em consideração e nos preocupamos em distinguir as pessoas que moram, e estavam em situação de rua, das pessoas que ficam circunstancialmente em situação de rua, como, por exemplo, usuários de substâncias psicoativas que ficam na rua somente nos momentos de uso, e pessoas que estavam de passagem por Londrina, ou, ainda, que vieram para trabalhar na cidade, mas perderam o emprego, e estavam acolhidas, e que responderam tratar-se de uma situação provisória.

Vale ressaltar que Londrina é uma metrópole, polo regional de desenvolvimento, e que pessoas de todas as regiões do país acorrem à cidade em busca de melhores condições de vida, o que pode gerar uma demanda bem maior do que a oferta de serviços voltados a essa população. Parte dessas pessoas, ao terem frustradas suas expectativas de atendimento às demandas, pode ficar em situação de rua.

**Gráfico 3 – Tempo de permanência em situação de rua**



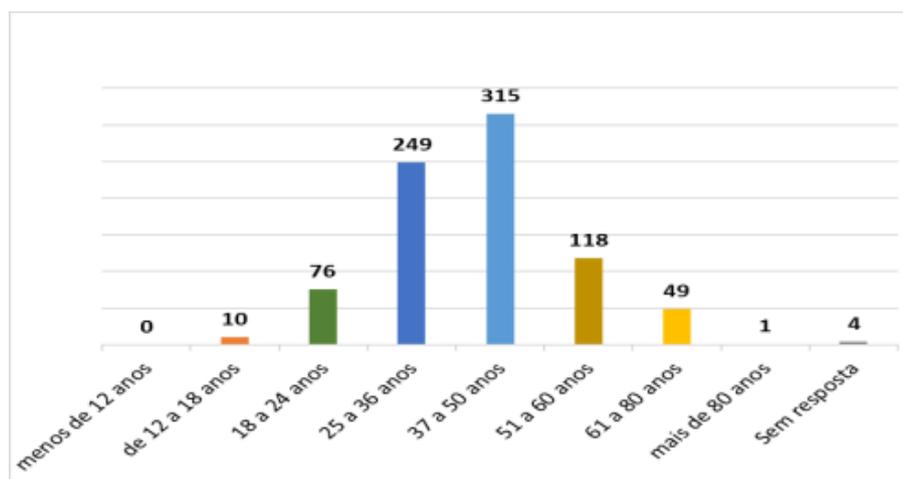
**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Observamos que 23,5% ou 194 pessoas responderam que estavam em situação de rua de 1 dia a 6 meses e, se somarmos com os que estão em situação de rua no máximo há dois anos, teremos um total de 43% ou 355 pessoas. Trata-se, portanto, de um número importante de pessoas que estão nas ruas há pouco tempo.

Pessoas que estão em situação de rua de 3 a 5 anos e de 5 a 10 anos representam, respectivamente, 14,3% e 14,5%, somando 238 pessoas. Há mais de 10 anos em situação de rua, temos um total de 20,7% ou 171 pessoas e 58 pessoas não responderam.

Uma análise possível é que quanto mais tempo uma pessoa vive em situação de rua, maior será o desafio para que políticas públicas voltadas para a superação da situação de rua efetivamente atinjam seus objetivos. Fica cada vez mais difícil reestabelecer vínculos familiares e comunitários quando existentes, ou, em alguns casos, simplesmente a pessoa pode não querer sair dessa condição por não se adaptar novamente a viver domiciliado.

**Gráfico 4 – Idade**

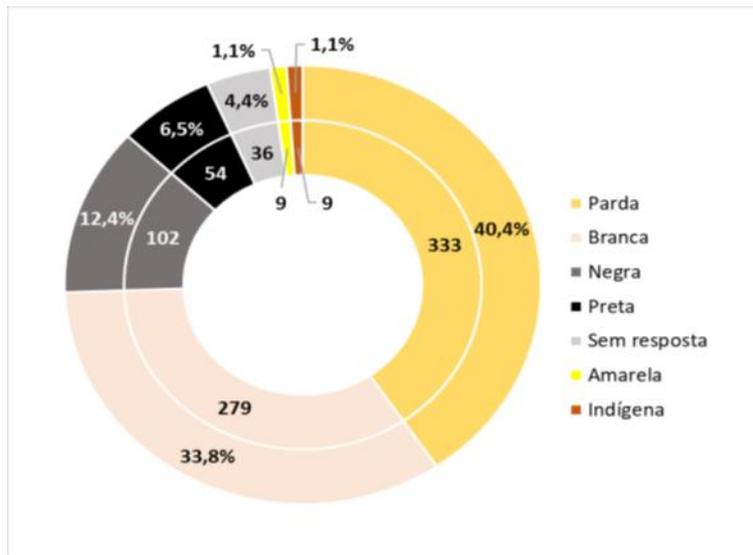


**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Observamos que, assim como na pesquisa nacional realizada no ano de 2007, o maior número de pessoas em situação de rua em Londrina (564) tem idade entre 25 e 50 anos, faixa etária considerada como a mais produtiva da vida, na qual a pessoa encontra-se mais apta para o trabalho. Considere-se, no entanto, que o mercado de trabalho não absorve as forças de trabalho disponível.

Como Silva (2009) pontua em seu livro, o fenômeno da população em situação de rua, que possui múltiplas determinações imediatas vinculadas à trajetória de vida de cada pessoa atingida por ele, tem origem na base estrutural da sociedade capitalista, no contexto do processo violento e sanguinário de expropriação das terras dos produtores rurais e camponeses. E a reprodução desse fenômeno ocorre no processo de criação de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva, cujo movimento de expansão e retração é condicionado pelas necessidades de expansão do capital.

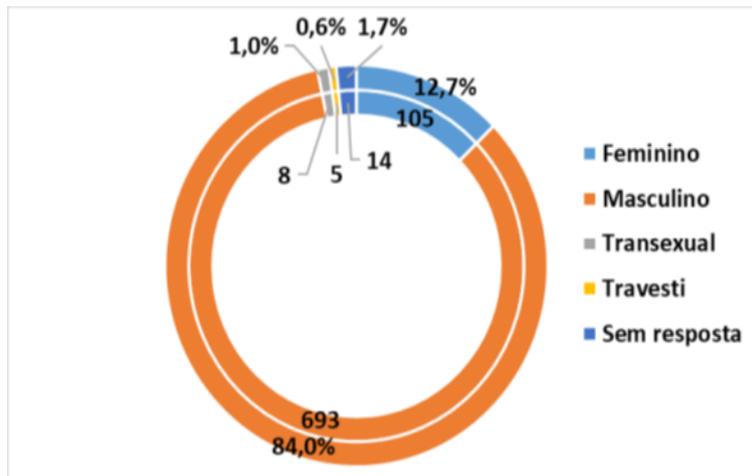
**Gráfico 5 – Cor/raça**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

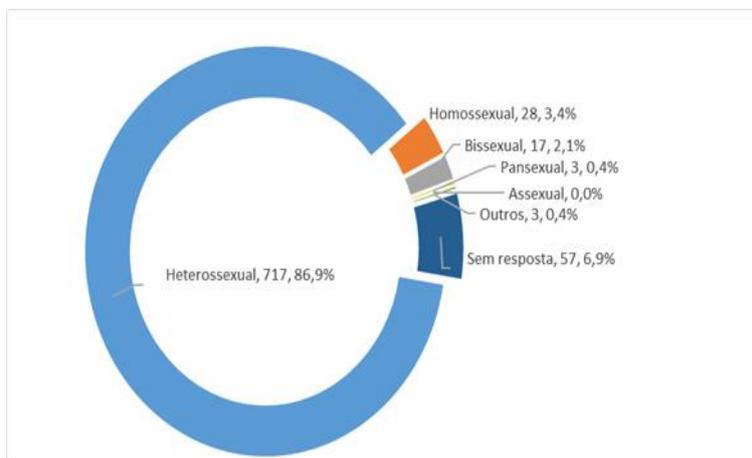
Entre as pessoas que responderam, 40,4% ou 333 entrevistado(a)s se auto declararam da cor parda, 33,8% ou 279 pessoas se autodeclararam da cor branca, 12,4% ou 102 pessoas se autodeclararam da cor negra, 6,5% ou 54 pessoas se autodeclararam da cor preta, 1,1% ou 9 pessoas se declararam da cor amarela e o mesmo número se autodeclararam indígena. Não responderam à pergunta 4,4% ou 36 pessoas. Constatamos que a grande maioria, 59,3% ou 489 pessoas, autodeclarou-se como pertencentes as cores/raça preta, negra e parda, o que só corrobora que no Brasil a pobreza e as desigualdades têm cor definida.

**Gráfico 6 – Sexo/gênero**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

**Gráfico 7 – Orientação sexual**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Os gráficos 6 e 7 nos revelam que, na mesma perspectiva da Pesquisa Nacional para a População de Rua realizada em 2007, a maioria da população em situação de rua em Londrina é composta por homens heterossexuais. Em um universo de 825 questionários, obtivemos as informações de que 84% ou 693 pessoas são do sexo masculino e que 86,9% ou 717 são heterossexuais.

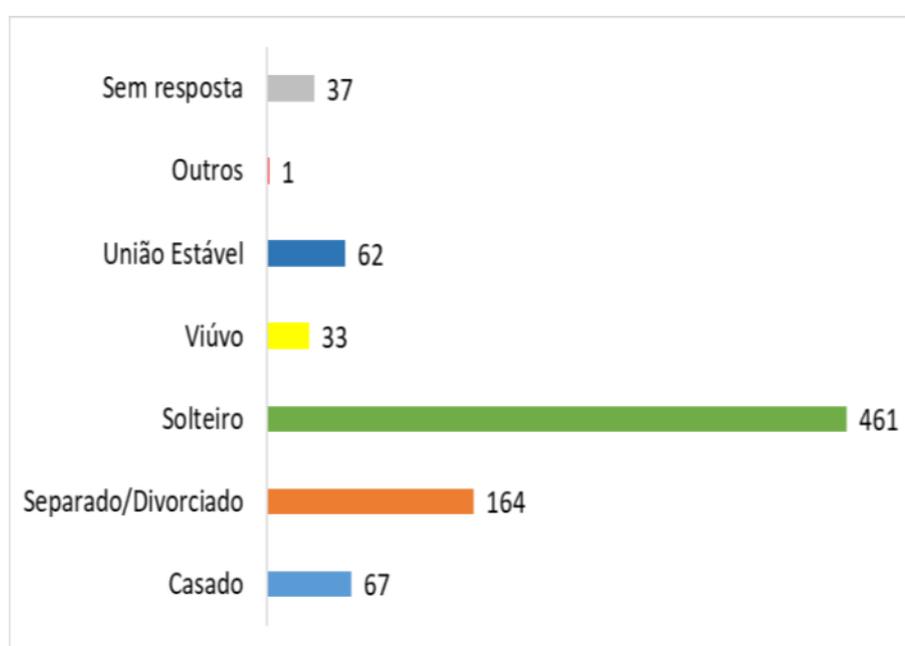
Os dados mostram ainda quão pequenos, em relação aos homens, é a proporção de mulheres em situação de rua: são 12,7% ou 105 pessoas do sexo feminino. Os que se declararam travestis e transexuais são apenas 1,6%, ou 13 pessoas, e os que se declararam homossexuais, bissexuais e pansexuais somam 51 pessoas.

Observamos que o número de pessoas que não responderam às perguntas é de 14 para o sexo/gênero e de 57 para a orientação sexual. Nos dois casos, os

números de respostas são bem menores do que os que não declararam o seu sexo/gênero e dos que não se declararam heterossexual.

Vale ressaltar que as pessoas LGBT enquanto sujeitos sociais também estão expostos às expressões da questão social, como desemprego, falta de formação escolar e profissional, conflitos familiares, violação de direitos, ausência de moradia, porém ainda sofrem com o preconceito e a homofobia na família, no trabalho e na sociedade em geral. Por essas razões são necessárias políticas de inclusão e vagas específicas em acolhimentos voltados para esse público.

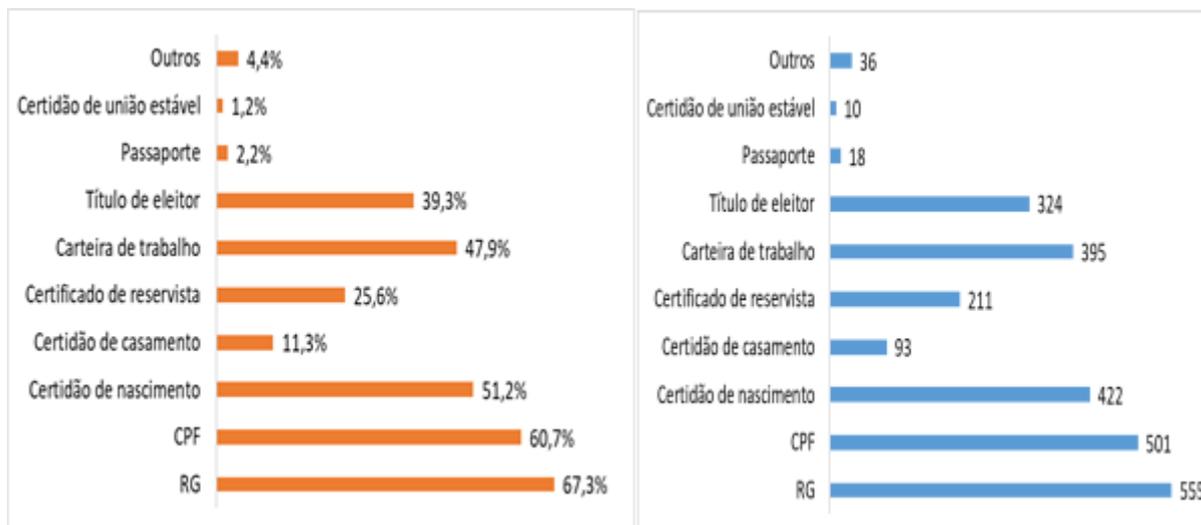
**Gráfico 8 – Estado civil**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Com base nas respostas a essa pergunta, fica evidente que a maioria da população em situação de rua é composta de pessoas solteiras, sendo 55,9% ou 461 pessoas. Isso somado ao número de pessoas separadas e divorciados totaliza 75,8% ou 625 pessoas. A vivência de rua pode dificultar, portanto, o estabelecimento de vínculos conjugais permanentes.

## Gráficos 9 e 10 – Documentos que possui



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

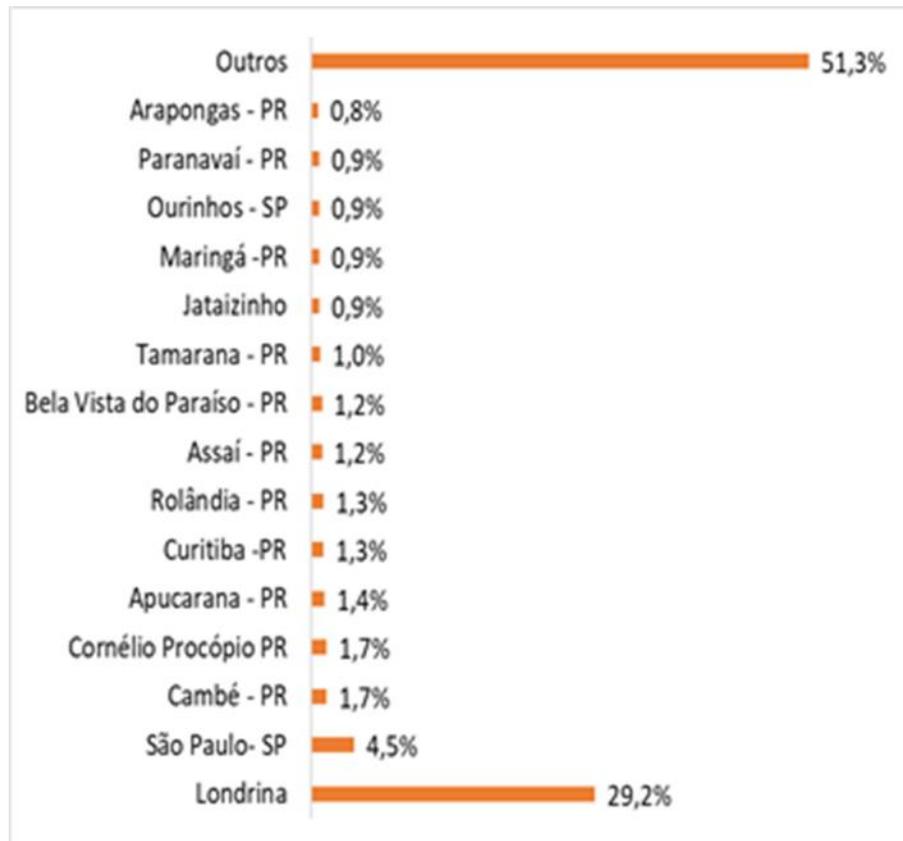
Os gráficos 8 e 9 mostram que 60,7% dessa população possui RG e CPF e que 47,9%, ou seja, 395 pessoas têm Carteira de Trabalho. Um dado importante é que 39,3% ou 324 sujeitos possuem título de eleitor.

Os dados retratam a realidade atual da população em situação de rua do município. Ela tem nome e documentos. Isso é bem diferente de um passado não muito distante, quando essa população era vista como sendo composta por mendigos, indigentes e vagabundos. Na contemporaneidade é composta por trabalhadores pertencentes a um exército industrial de reserva<sup>12</sup>, formado por pessoas marginalizadas.

Contudo, se invertermos o raciocínio, ou seja, observarmos o montante de pessoas que não possuem os documentos básicos, verificamos que há ainda muitos carentes de documentação básica. No caso do RG, principal documento e requisito para a confecção de outros documentos, 37% dos indivíduos não o possuem.

<sup>12</sup> Exército industrial de reserva é um conceito desenvolvido por Karl Marx em sua crítica da economia política.

**Gráfico 11 – Cidade em que nasceu**

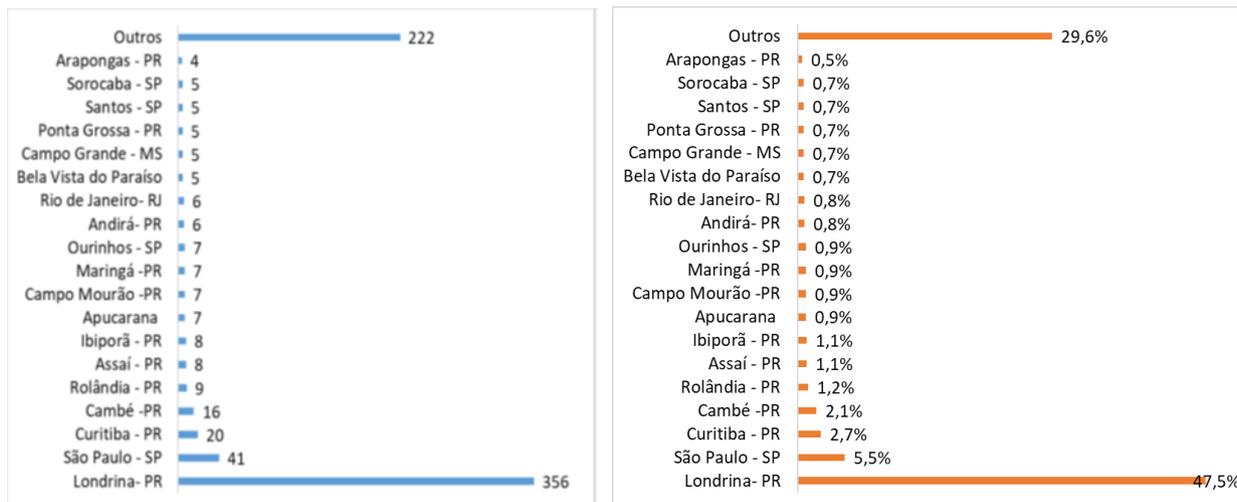


**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

A cidade de nascença tem importância nesta pesquisa por indicar o processo migratório e ao mesmo tempo a produção de indivíduos na condição de rua da própria região.

Nota-se dois locais com maior incidência percentual, a categoria “outros” que é a junção das diversas localidades com percentual inferior a 0,8% fato que indica a ‘pulverização’ geográfica dessa população e o forte caráter de migração. Destaca-se também a categoria “autóctone” com 29,2%. A dispersão das localidades pode ser evidenciada no quantitativo percentual apresentado pelas demais localidades: a se excluir São Paulo com 4,5% as demais obtiveram valores entre 0,8 e 1,7 %.

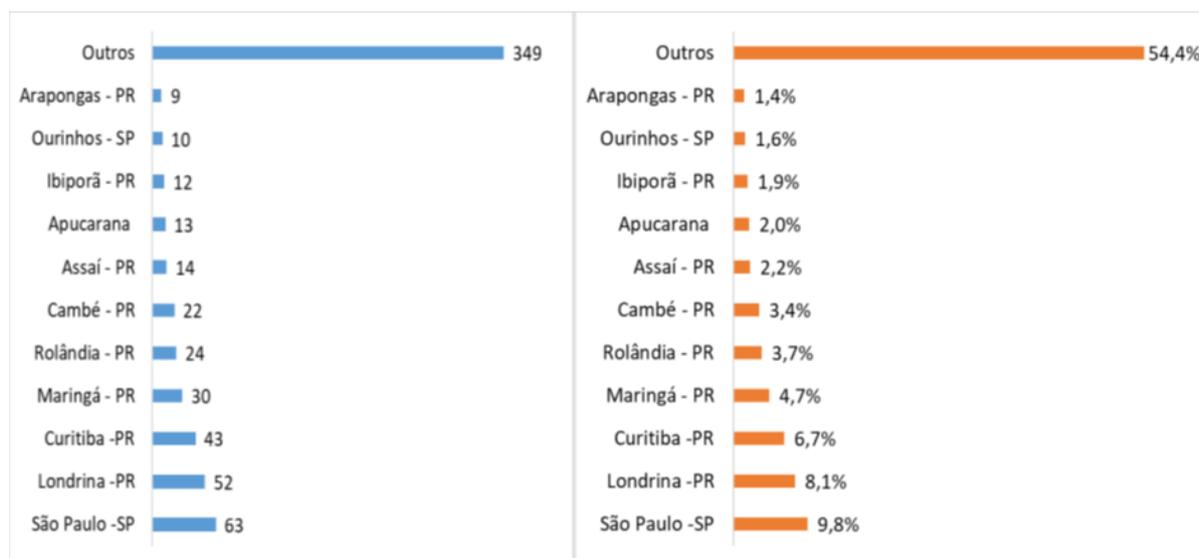
### Gráfico 12 e 13 – Cidade que morou por mais tempo



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Os gráficos 11 e 12 revelam que um total de 47,5% ou 356 pessoas declararam ter morado em Londrina por mais tempo, dado que pode confirmar que as pessoas migram para Londrina em busca de melhores condições de vida e acabam ficando em situação de rua.

### Gráficos 14 e 15 – A última cidade que morou antes de Londrina



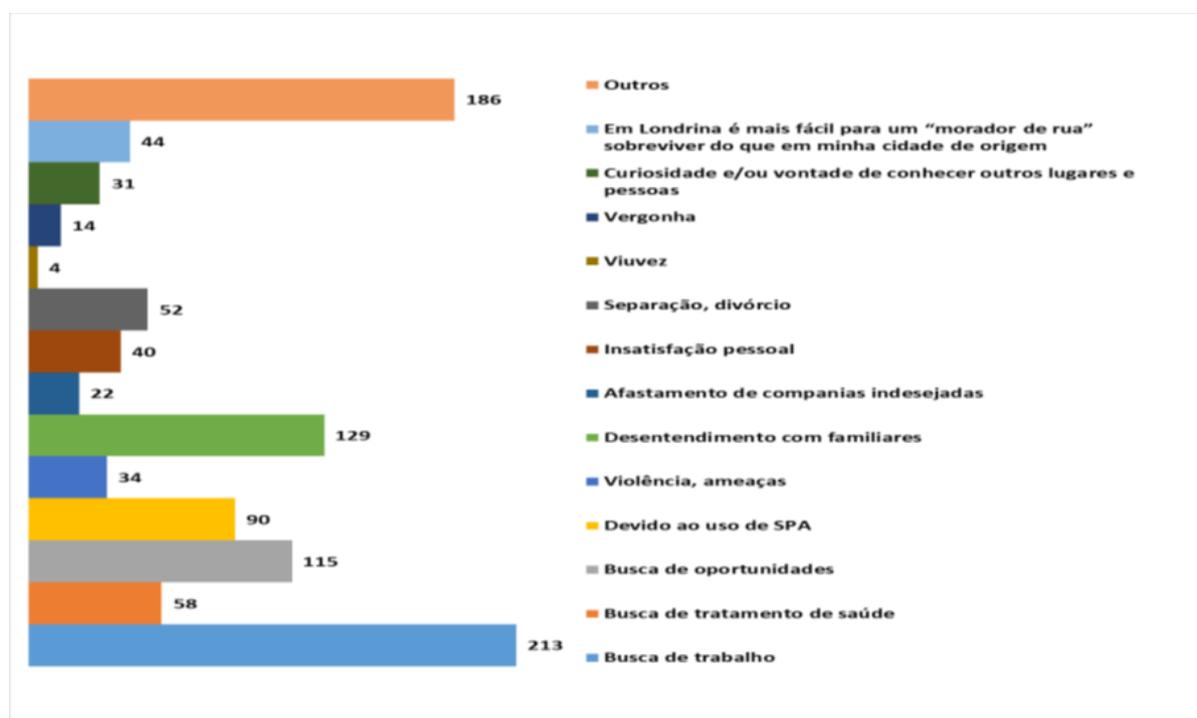
**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Os gráficos 13 e 14 corroboram os dados anteriores. As respostas mostram que metade (54,4%), ou mais da metade, da população em situação de rua entrevistada (se considerarmos as regiões vizinhas) é composta por migrantes de outras cidades e Estados, que recorrem à cidade de Londrina por vários motivos, entre eles, procura por trabalho ou de melhores condições de vida.

Houve nessas respostas um dado não previsto: 52 respostas indicaram a própria cidade de Londrina como município em que o entrevistado viveu anteriormente. Possivelmente ocorreu uma má compreensão da pergunta pelo informante. O registro correto da má resposta no instrumento, pelos entrevistadores, demonstra o profissionalismo da equipe de coleta e a confiabilidade dos dados.

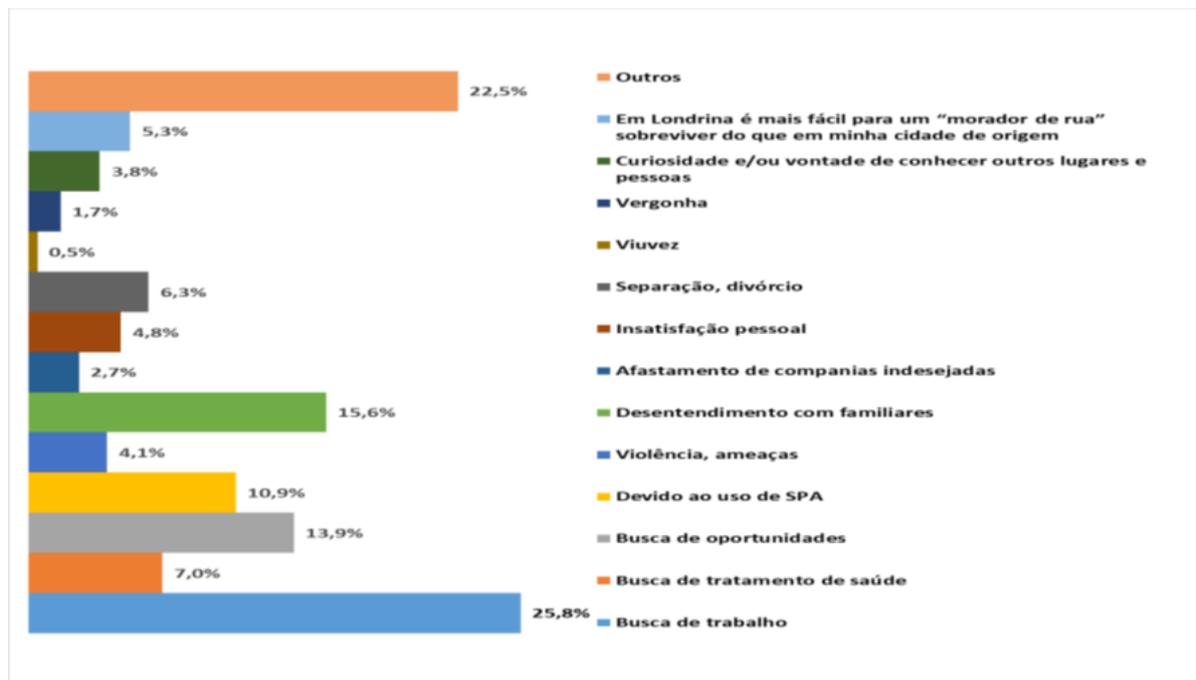
Esta situação produziu um ruído nas informações totais. Se excluía essa opção de respostas, a média de acréscimo às demais categorias é de 8%, aproximadamente.

**Gráfico 16** – Razões pela qual saiu da sua cidade de origem/que morou mais tempo



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

**Gráfico 17** – Razões pela qual saiu da sua cidade de origem/que morou mais tempo



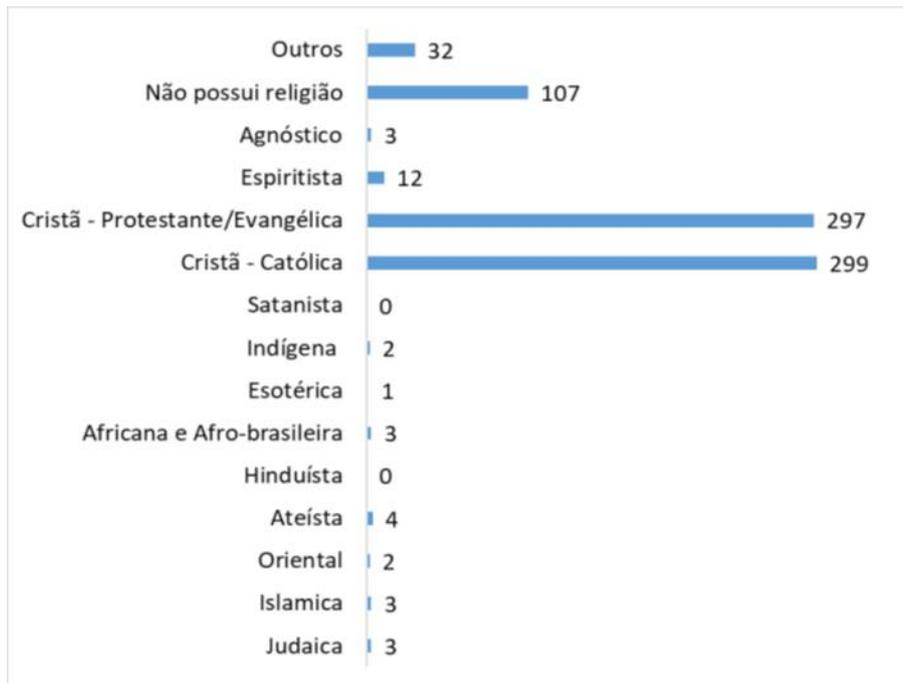
**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Os gráficos 15 e 16 retratam as razões pelas quais as pessoas migraram para a cidade de Londrina e ficaram em situação de rua. Os gráficos indicam que 46,7% (a soma de 25,8% trabalho + 7% tratamento de saúde + 13,9% oportunidades) vieram para o município em busca de melhores condições de vida.

Merece destaque também o fato de 22,5% do(a)s entrevistado(a)s terem afirmado que vieram para Londrina porque seria uma cidade melhor para o morador de rua sobreviver. Isso significa que, ao vir para Londrina, essa parcela da população em situação de rua já se encontrava nessa condição.

Tratando-se de uma metrópole, Londrina é o segundo maior aglomerado urbano do Estado, a segunda cidade mais populosa do Paraná e a quarta da região sul do país. Muitas pessoas vêm à procura de trabalho, saúde e educação e, não encontrando atendimento, podem ficar em situação de rua. Por essa razão se faz tão urgente e imprescindível a priorização dessa população pelo gestor público, no planejamento das políticas públicas e na destinação de recursos.

**Gráfico 18 – Religiões**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Os dados contidos no gráfico 17 revelam que 72,2% dos entrevistados indicaram ser adeptos de religiões ligadas à matriz cristã, somando-se católicos e protestantes.

As demais religiões tiveram o total de 32 respostas, ou 3,9% do total de respostas. Considerando que o IBGE indicou, no Censo de 2010, que 86,8% dos brasileiros declararam-se cristãos, percebemos que tal índice é consideravelmente menor entre a população em situação de rua.

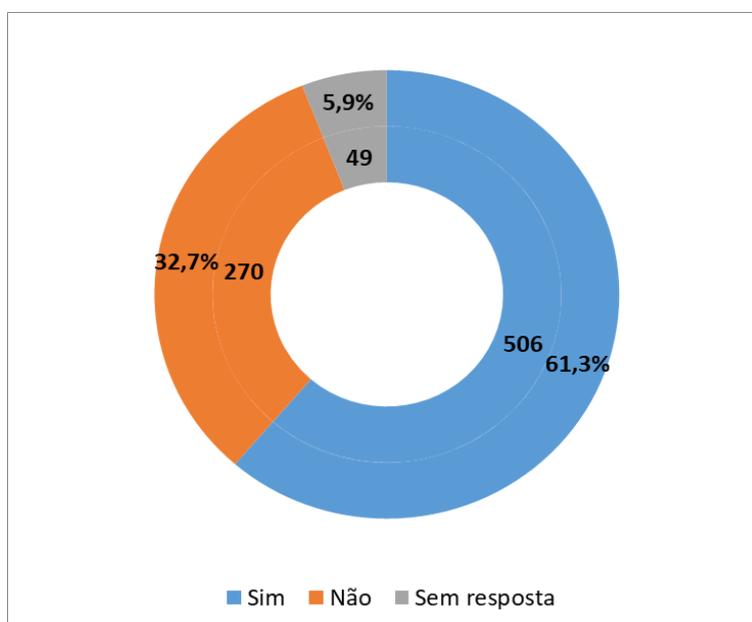
Os que responderam que não possuem religião somaram 107 pessoas, ou 13% do total de respostas, enquanto os Espiritistas somaram 12 pessoas, ou 1,5, do total. O já citado Censo (IBGE, 2010) revelou que 8% dos brasileiros haviam se declarado “sem religião”, um número bem menor do que aquele obtido entre os entrevistados.

## 2 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E SUAS RELAÇÕES FAMILIARES

Investigar a relação que as pessoas em situação de rua mantêm com suas famílias é um desafio, por ser um assunto pouco explorado teoricamente e pelo fato de ser uma temática muito delicada de se abordar com o(a)s entrevistados, considerando a carga afetiva envolvida.

Para a análise da subseção família, deve-se levar em consideração o conceito apresentado pelo Decreto nº 7053, de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e define o segmento como “grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, **os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados** e a inexistência de moradia convencional regular”.

**Gráfico 19** – Pessoas que disseram ter filhos

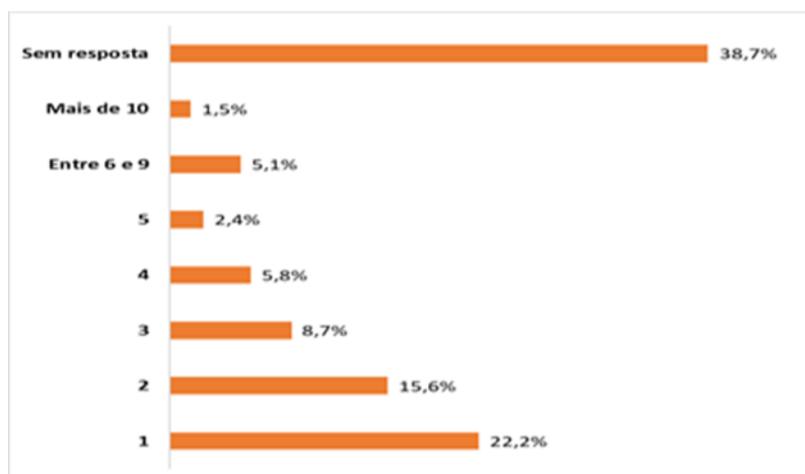


**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

A pesquisa buscou identificar a existência de prole. Os dados indicam que 61,3% dos(as) entrevistados(as), o que corresponde a 506 pessoas, responderam ter filhos, enquanto 32,7% ou 270 pessoas afirmaram não possuir, e os demais 5,9%, optaram por não responder.

Esses resultados mostram que mais da metade das pessoas entrevistadas afirma ter filhos. Evidencia-se, assim, que estar em situação de rua não significa a inexistência de uma família ou que a trajetória de rua e ou de institucionalização de todas essas pessoas tenha iniciado na infância.

**Gráfico 20** – Quantidade de filhos



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

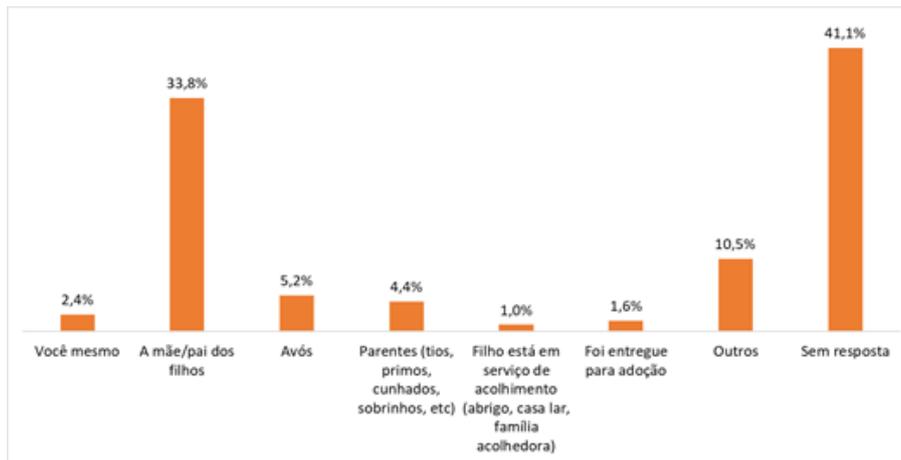
No que se refere à quantidade de filhos, foram apresentadas as seguintes respostas: 22,2% dos entrevistados(as), ou 189 pessoas, responderam que têm 1 filho, enquanto 15,6% dos entrevistados(as) indicaram que têm 2 filhos, 8,7% do(a)s entrevistados(as) afirmaram ter 3 filhos, 14,8%, ou 122 pessoas, informaram ter mais de 4 filhos e, de modo recorrente, um número significativo de entrevistados(as) optaram por não responder, representando 38,7% ou 319 do(a)s entrevistados(as).

A soma das respostas de pessoas que informaram ter até três filhos corresponde a 46,5% dos(as) entrevistados(as). Se soubéssemos quando esses filhos foram gerados em relação ao tempo em que a rua se tornou habitat, poderíamos inferir o quanto o ‘gatilho’ gerador da condição de rua impacta a taxa de natalidade desse público. Ainda sim, com base no IBGE<sup>13</sup> podemos perceber que no país de modo geral a tendência é de queda, tanto na natalidade quanto no tamanho das famílias. Esses dados, portanto, nos indicam número de prole acima da média nacional suscitando atenção para essa informação.

---

<sup>13</sup> Tabela 759. Média de integrantes da família passou de 3,62 em 2002 para 3,30 em 2018.

**Gráfico 21 – Responsáveis pela guarda dos filhos**

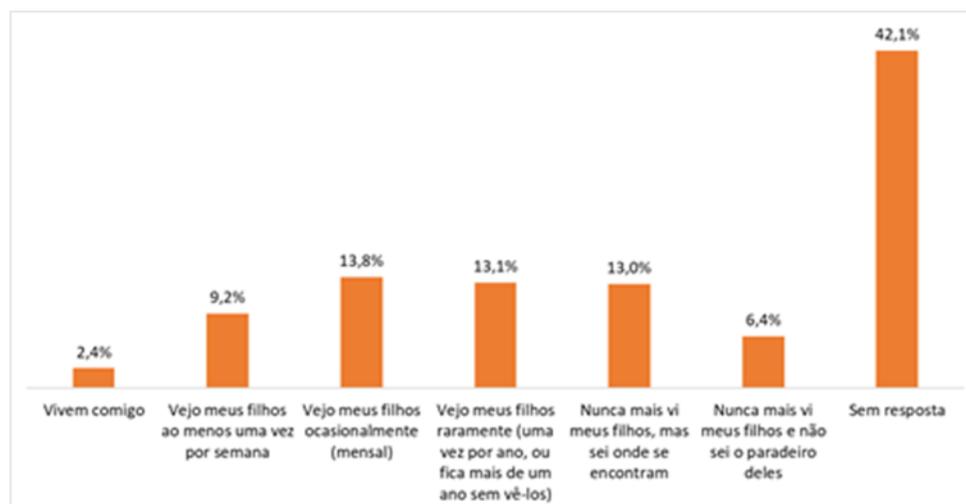


**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Com relação a quem detém a guarda dos filhos, 46% ou 369 pessoas responderam que não são os(as) responsáveis pela guarda dos filhos. A alternativa “outros” corresponde a 10,5%, enquanto apenas 2,4% afirmou que detém a guarda dos filhos. Registre-se que 41,1% do total dos(as) entrevistados(as) preferiu não responder.

O número expressivo de entrevistados(as), que afirmaram não manter a guarda dos filhos, revela que viver na rua é uma condição social marcada pela ausência de direitos e das mínimas condições para uma sobrevivência digna, inclusive para o exercício do direito à convivência familiar e comunitária. Esse dado demonstra que a vivência e a permanência da pessoa na situação de rua ultrapassam o sujeito e abarcam também suas relações familiares, especialmente pais e filhos, que nem sempre podem conviver.

**Gráfico 22 – Vínculo com os filhos**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

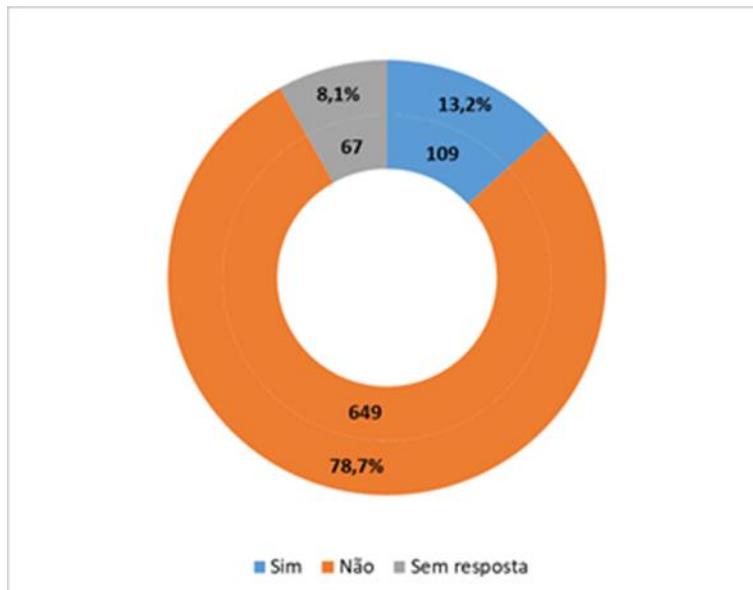
A pesquisa buscou verificar como se dá a convivência da pessoa em situação de rua com seus filhos. Somando-se aqueles que convivem com os filhos uma vez por semana, com os que convivem ocasionalmente/mensalmente, percebemos que apenas 23% dos(as) entrevistados(as) têm contato com os filhos.

Esse dado demonstra que quem vive em situação de rua encontra dificuldades para estar com os filhos, o que é reforçado pelo fato de que 13,1% das pessoas entrevistadas responderam que nunca mais viu os filhos, mas sabem onde estão, e de que 6,4% afirmaram nunca mais ter visto os filhos e não sabem onde estão. Registre-se também que 2,4% dos(as) entrevistados(as) relataram que vivem com os filhos. O número de pessoas que deixou de responder a essa questão corresponde a 42,1% das respostas.

O município de Londrina não prevê a oferta de uma unidade de acolhimento institucional que abrigue conjuntamente todos os membros da família. O serviço de acolhimento ofertado pela instituição Morada de Deus – Centro de Assistência e Recuperação de Vidas permite a possibilidade de a mãe em situação de rua permanecer acolhida com seu filho, inclusive filhos adolescentes. Porém a instituição conta com número reduzido de vagas.

Devemos considerar que o acolhimento de membros das famílias das pessoas que estão em situação de rua em instituições distintas pode culminar em rompimentos de vínculos, em especial com os filhos pequenos.

**Gráfico 23** – Pessoas que disseram possuir familiares em situação de rua

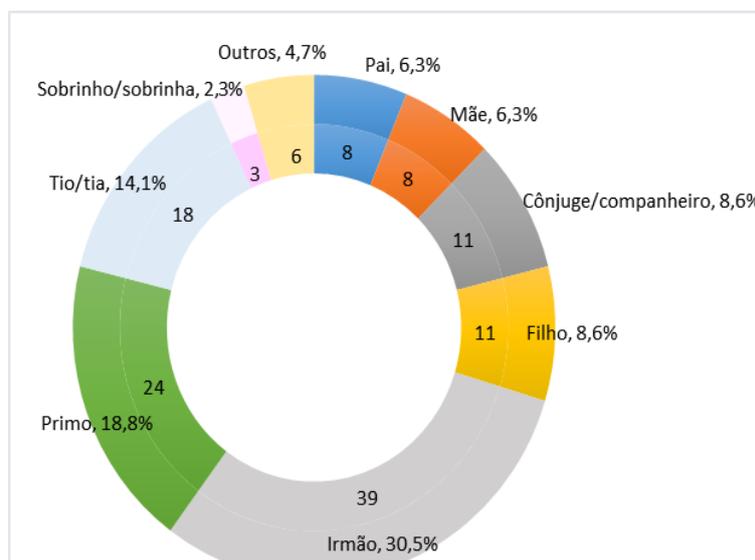


**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Outra questão abordada pela pesquisa buscou constatar se a pessoa entrevistada possui familiares em situação de rua. Dentre as respostas, 78,7% respondeu que não, 13,2% informou que sim e 42,1% dos(as) entrevistados(as) optou por não responder.

Esse dado pode apontar para o fato de que a vivência de rua nem sempre afeta todo o conjunto familiar ou mais de uma pessoa na família. Por outro lado, há que se considerar que um número significativo de pessoas afirmou que outros membros da família são afetados por essa condição.

**Gráfico 24** – Grau de parentesco para aqueles que tem parentes em situação de rua



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

A pergunta relativa ao grau de parentesco das pessoas da família que estão em situação de rua possibilitou respostas de múltipla escolha e, na ordem em que aparecem, os que afirmaram ter parentes nessa situação: 30,5% ou 39 pessoas responderam ter irmãos(ãs), seguidos de primos(as) 18%, filhos(as) e cônjuges 8,6%, pai ou mãe 6,8% em situação de rua.

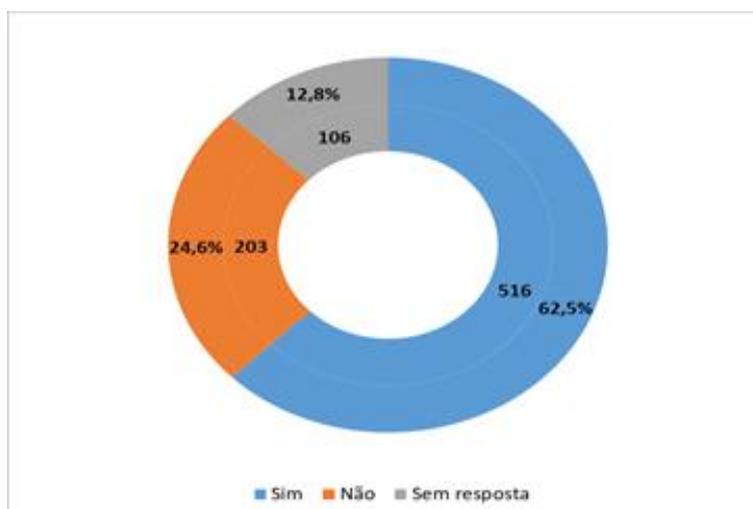
A população em situação de rua sofre com sucessivos processos de perda e de rompimento de vínculos. Diante dessas agruras da vida, muitas pessoas que vivem nessa condição ampliam a concepção de família para além daquela garantida por consanguinidade ou parentesco, estabelecendo vínculos com pessoas que lhes transmitam segurança, proteção e afeto.

Diante desse contexto e como forma de garantir a própria sobrevivência, a realidade das ruas aponta a necessidade de formação de grupos. Nas palavras de Kunz (2012) a formação de agrupamentos de pessoas em situação de rua ocorre com frequência e é fundamentada em regras de convivência.

Santos *et al.* (2013, p. 200) explicam que esses agrupamentos se dão como

“forma de sociabilidade que se moldam a temporalidade e espacialidade marcadas pela mobilidade contínua, pela fluidez e pela inconstância. Desse modo, compreende-se que a união desses grupos não ocorre de forma aleatória, mas está baseada em interesses e características comuns, formando uma espécie de rede de proteção e de solidariedade que para muitos tem o mesmo sentido de família.”

**Gráfico 25** – Contato com familiares domiciliados



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Questionados se mantêm algum contato com familiares domiciliados, 62,5% afirmou que sim, enquanto 24,6% respondeu que não e 12,8% dos entrevistados(as) não respondeu a essa questão.

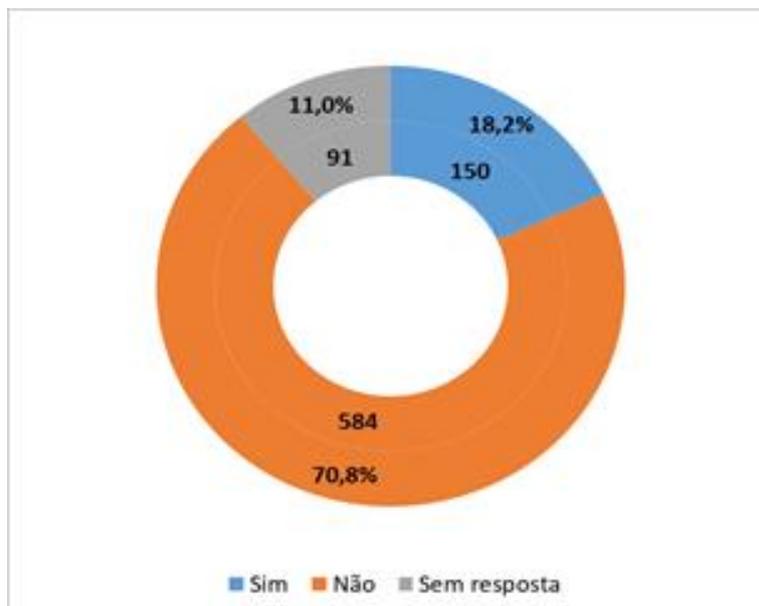
Verificamos, pelos dados apresentados acima, que conforme a colocação de Kunz (2012), estar em situação de rua não significa necessariamente que houve rompimento definitivo de vínculos familiares. Durante a aplicação do instrumento de coleta de dados da pesquisa, ouvimos relatos de sofrimentos vividos por familiares em função da ausência e por causa das condições da vida de quem está situação de rua.

O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro POP de Londrina, além de suprir as necessidades imediatas da pessoa em situação de rua, como higiene e alimentação, busca também – por meio do atendimento e acompanhamento prestados pelos profissionais do serviço - respeitando a particularidade de cada usuário e sua história, restabelecer os vínculos familiares, quando essa providência é possível e desejada pelo usuário. A pessoa em situação de rua, porém, às vezes, recusa-se a fazer contato com os familiares por vergonha da condição em que se encontra, ou por não concordar com as regras impostas pela família para permanecerem domiciliados.

Kunz (2012) menciona que, proporcionalmente aos que permanecem com o vínculo interrompido ou enfraquecido, são poucos os que rompem com o viver nas ruas para fazer o caminho inverso, isto é, retornar para o local em que residiam anteriormente.

Os números da pesquisa apontam a existência de vínculos familiares na trajetória de pessoas em situação de rua. Contudo, devido às inconstâncias vividas por esse segmento populacional, os dados devem ser analisados considerando-se a dinâmica e a mobilidade, por conta das frequentes alterações nas configurações familiares das pessoas em situação de rua.

**Gráfico 26** – Pessoas que possuem algum animal de estimação



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

A pesquisa investigou a relação das pessoas em situação de rua com os animais de estimação. Dentre o(a)s entrevistados(as), 70,8% respondeu que não possui animal de estimação, enquanto 18,2% respondeu que sim e 11,9% preferiu não responder a essa questão.

Os dados apontam que 584 das pessoas entrevistadas responderam que não têm animal de estimação, enquanto um número reduzido de pessoas em situação de rua afirma possuir. Esse número revela que a própria condição de se viver “em situação de rua”, que envolve violências, falta de alimentação e abrigo e condições impróprias de higiene, pode influenciar na opção por não ter um animal de estimação.

Em relação a essa temática, o texto que trata sobre a Orientação para o Reordenamento do Serviço de Acolhimento para População Adulta e Famílias em Situação de Rua (2012) prevê a existência de espaços para a acomodação de animais de estimação nas unidades de acolhimento institucional, conforme a realidade de cada local.

Sposati (2009 p. 193) afirma que o “encontro entre uma pessoa em situação de rua e um cão é, sem dúvida, um símbolo de mútuo reconhecimento de identidades perdidas”, ou seja, frequentemente esses animais são tidos parte da família, “filho” ou como seus “únicos companheiros”.

Portanto, na ausência dos locais apropriados para a acomodação do animal de estimação, é comum que a pessoa em situação de rua também rejeite o

acolhimento pelo sentimento de abandono em relação ao animal, já que o mesmo não seria concomitantemente acolhido.

### 3 EDUCAÇÃO E TRABALHO

Dentre os indicadores sociais de um determinado segmento populacional, os dados referentes à condição de escolarização e à situação educacional em geral, bem como as informações sobre a realidade de emprego e trabalho, são fundamentais e reveladores da (precária) qualidade de vida das pessoas. Em se tratando da população em situação de rua, essas estatísticas mostram a perversidade da realidade, mas também revelam aspectos que, apesar de parecerem contraditórios, explicitam a complexidade de tal realidade e de seus sujeitos.

Nesse sentido, a equipe de coordenação da Pesquisa Pop Rua inseriu no instrumento de pesquisa algumas perguntas relativas à educação e ao trabalho. Apresentaremos e comentaremos os dados coletados e faremos breves considerações a respeito dos resultados.

#### 3.1 Educação

Para a questão da educação, foram formuladas três perguntas: Qual sua escolaridade? Por que interrompeu os estudos? Gostaria de retomar seus estudos? Vejamos o que a pesquisa revelou:

**Gráfico 27 – Escolaridade**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Para esta questão, tivemos um total de 825 questionários válidos para a obtenção de dados. Desse total, 54 não responderam a essa pergunta, que equivale a 6,5% dos entrevistados.

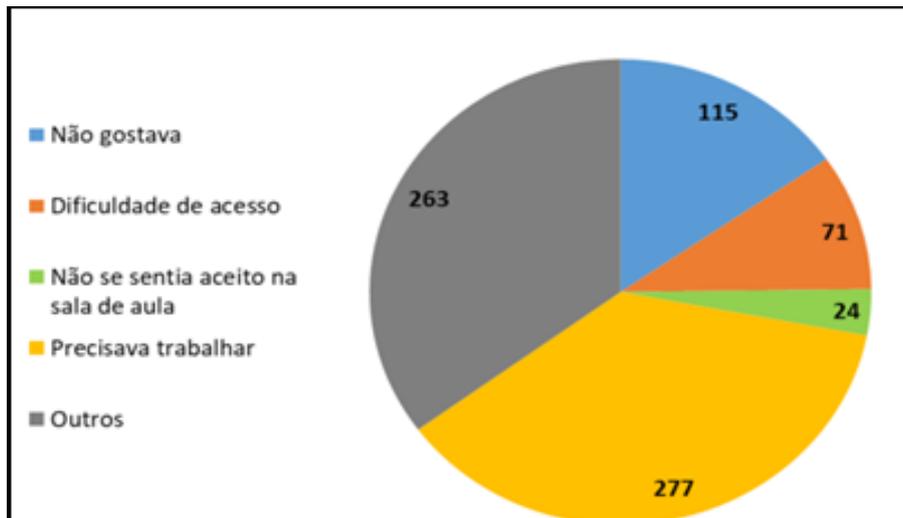
Observando os demais resultados, a principal constatação é que o nível de escolarização da maioria das pessoas em situação de rua é baixo. Entre os entrevistados há 36 pessoas (4,4%) não alfabetizadas. Quase metade dos entrevistados, num total de 381 indivíduos (46,2%), possui ensino fundamental incompleto e 90 pessoas (10,9%) concluíram apenas o ensino fundamental. Por esses dados, constatamos que 61,45% da população em situação de rua não consegue avançar para além da educação fundamental ou, ainda mais grave, sequer é atendida, ou não consegue concluir essa etapa de escolarização.

Em se tratando da última etapa da educação básica, qual seja, o ensino médio, a pesquisa revelou que 226 pessoas (27,4%, ou pouco mais de 1/4 da população entrevistada) atingiram esse nível de escolarização. Desse total, 92 pessoas (11,2%) concluíram o ensino médio e outras 134 (16,2%) não chegaram a concluir essa etapa, indicando que possuem o ensino médio incompleto.

A pesquisa também revelou que existe um contingente relativamente significativo de pessoas - se considerarmos os estereótipos que incidem sobre a população em situação de rua - que atingiu a etapa mais avançada da escolarização. O número dos que chegaram ao ensino superior é idêntico ao de não alfabetizados (36), representando 4,4% do total. Também aqui é menor a proporção de pessoas que concluíram a graduação (14) em relação àqueles que não concluíram (22), respectivamente, 1,7% e 2,7% do total de entrevistados. No topo dos índices de escolaridade há duas pessoas (0,2%) com pós-graduação.

A respeito dessa questão, é necessário apresentar uma importante ponderação. Por se tratar de uma resposta autodeclaratória, não se pode negligenciar o fato de, eventualmente, a resposta não corresponder à comprovação efetiva e oficial da referida condição de escolaridade. Uma das consequências disso é a possibilidade de a realidade do analfabetismo entre a população em situação de rua ser maior do que a pesquisa indicou.

**Gráfico 28** – Motivos pelos quais interrompeu os estudos



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Essa questão tinha como objetivo verificar os motivos da interrupção dos estudos por parte das pessoas em situação de rua.

Dentre os entrevistados, 750 pessoas indicaram que não estavam mais estudando e apresentaram suas justificativas.

Dentre as principais motivações, a necessidade de trabalhar foi a mais indicada: 277 pessoas largaram os estudos por esse motivo e esse número representa 36,9% do total de respostas para esta questão.

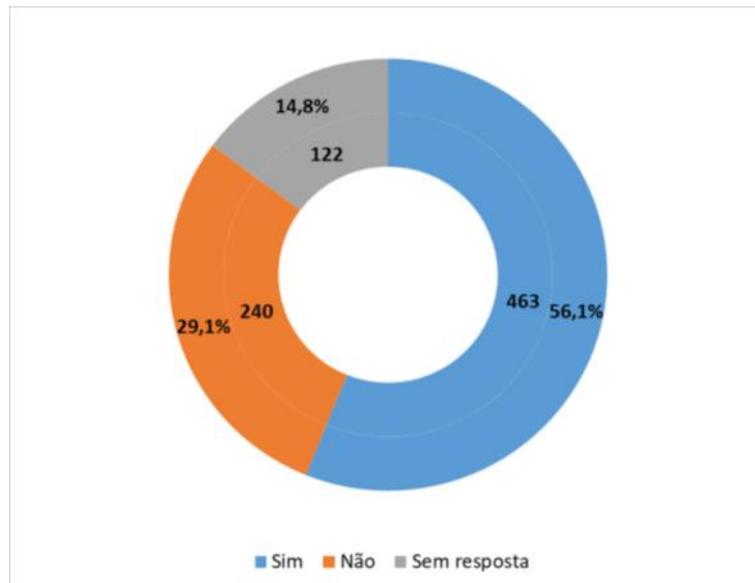
A alegação de não gostar de estudar foi a resposta de 15,3% dos entrevistados, totalizando 115 pessoas.

A dificuldade de acesso à escola ou às condições objetivas de estudo foi responsável pelo abandono de 71 pessoas (9,5%).

Além disso, 3,2% dos entrevistados (24 pessoas) apontaram como principal motivo o fato de não se sentirem aceitos na sala de aula. Por fim, 263 entrevistados atribuíram o abandono dos estudos a outros motivos, não especificados.

Não foi possível, por meio desta pesquisa, verificar em que medida a desistência dos estudos contribuiu para levar a pessoa à condição de rua, mas podemos afirmar que o fato de não permanecer na escola colaborou de maneira decisiva para fragilizar ainda mais as condições de sobrevivência dessas pessoas.

**Gráfico 29** – Pessoas que gostariam de retomar os estudos



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

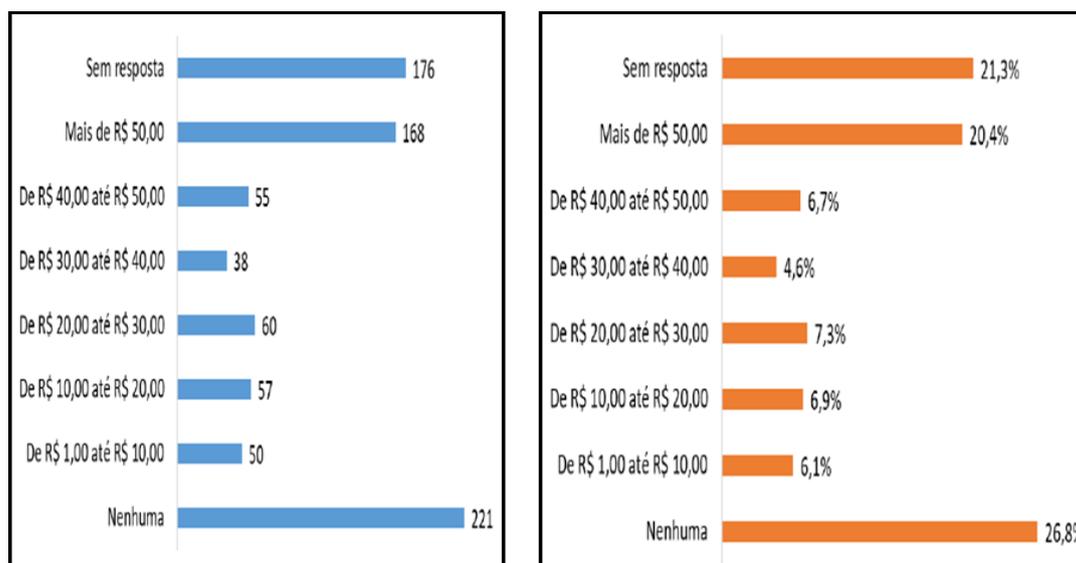
Também para essa pergunta, o número de questionários contabilizados para a realização de nossa análise totalizou 825. Desses, 122 entrevistados não apresentaram nenhuma resposta, o que corresponde a 14,8% do total. Do total de entrevistados, mais da metade (463 pessoas) afirmou que gostaria de retomar os seus estudos; isso equivale a 56,1% do total, mas se considerarmos apenas os 703 que apresentaram alguma resposta, esse percentual sobe para 65,9%. Por sua vez, 240 pessoas (29,1% do total) responderam que não têm interesse de retomar os seus estudos.

Nessa questão, também é preciso reconhecer que apenas uma análise mais minuciosa dos dados poderá nos oferecer elementos para apontar em qual nível de escolarização as respostas que indicam o desejo de voltar aos estudos têm maior incidência e, conseqüentemente, em qual etapa se faz necessário investir em criação e/ou ampliação de políticas públicas na área da educação voltadas para a população em situação de rua.

### 3.2 Trabalho

Para o tema trabalho, foram estabelecidas quatro perguntas: Qual o valor da sua renda média diária? Você possui alguma profissão? Quais as principais fontes geradoras de renda? Você recebe algum tipo de benefício? A partir de agora, passaremos a apresentar e comentar os dados obtidos com a pesquisa.

### Gráficos 30 e 31 – Renda média diária



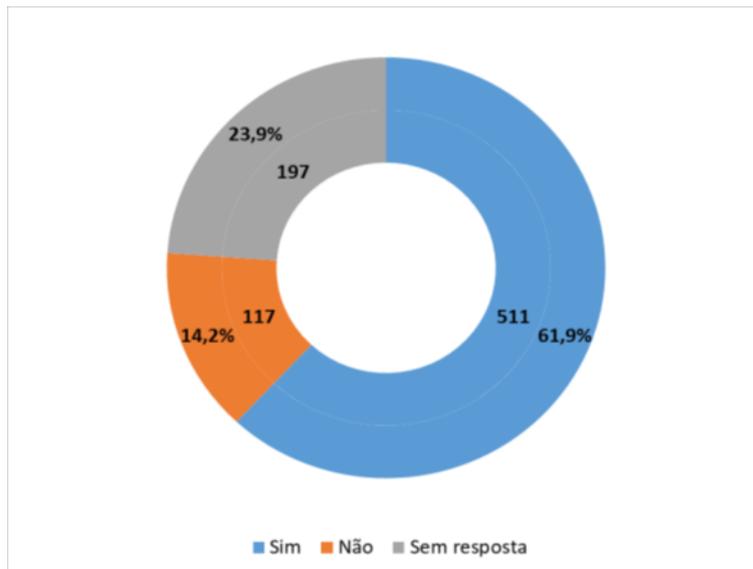
**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Do total de 825 questionários válidos para a análise dessa questão, 26,8% dos entrevistados (221 pessoas) afirmaram que não têm nenhum tipo de renda diária. Se contabilizarmos os entrevistados que não responderam a essa questão, que foram 176 pessoas (21,3%), temos um total de apenas pouco mais da metade dos entrevistados que apontaram algum valor de renda média diária.

Entre as faixas de R\$ 1,00 até R\$ 10,00 (50), de R\$ 10,00 até R\$ 20,00 (57), de R\$ 20,00 até R\$ 30,00 (60) e de R\$ 40,00 até R\$ 50,00 (55), a variação ficou entre 50 e 60 pessoas. Na faixa de R\$ 30,00 até R\$ 40,00, esse número cai para 38, representando 4,6% do total de entrevistados.

A principal surpresa ficou para a resposta de recebimento de mais de R\$ 50,00 de média diária; nessa questão, 168 entrevistados indicaram essa resposta, o que equivale a 20,4% do total e representa mais de 1/5 dos entrevistados. Se esse valor efetivamente se mantivesse durante um mês, a previsão de recebimentos seria de mais de R\$ 1 mil reais se contabilizássemos apenas os dias úteis; se fossem considerados todos os dias do mês, essa renda seria de aproximadamente R\$ 1.500,00.

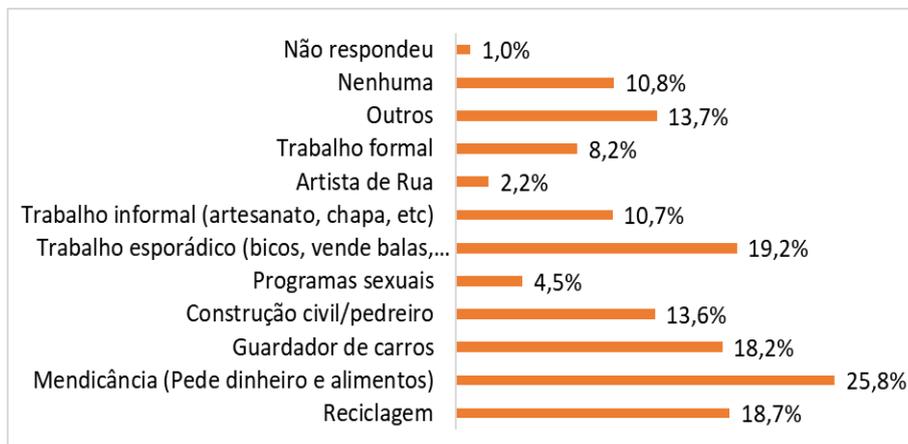
**Gráfico 32 – Pessoas que disseram possuir alguma profissão**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Perguntados se possui uma profissão, a grande maioria (511 pessoas, ou 61,9%) respondeu que sim. Apenas 117, o que equivale a 14,2% do total, responderam que não têm nenhuma profissão. Se excluirmos aqueles que não responderam, que totalizaram 23,9% (197 pessoas), o percentual de pessoas em situação de rua que possui uma profissão ficaria em 81,3%.

**Gráfico 33 – Principais fontes geradoras de renda**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Essa pergunta procurou identificar as fontes de renda encontradas pelas pessoas em situação de rua para garantirem a sua sobrevivência. Nessa questão, o entrevistado podia apresentar mais de uma alternativa, com isso, registramos 1.208 respostas.

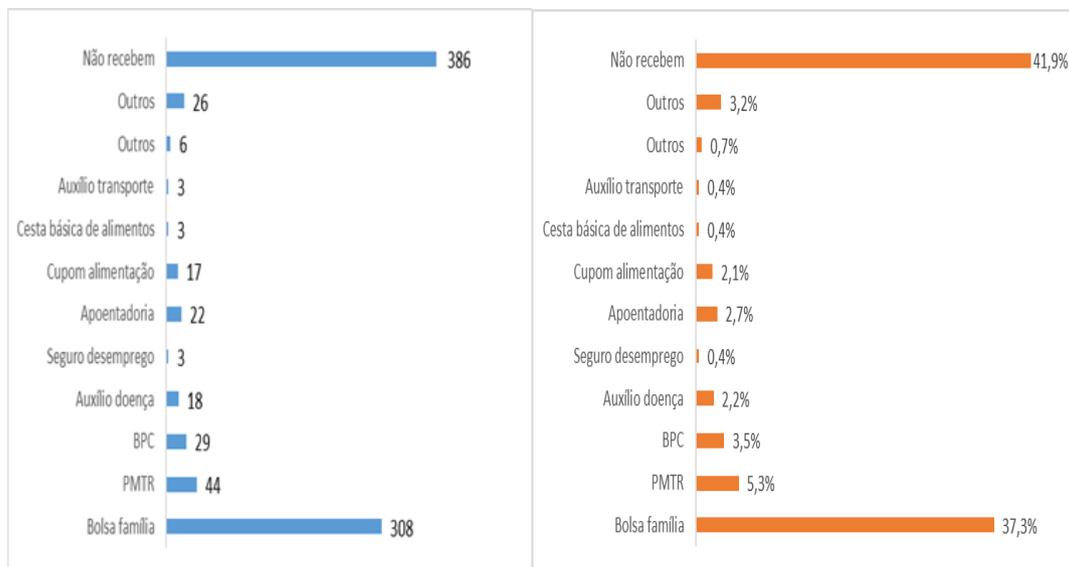
Algumas das alternativas revelam que muitas dessas pessoas exercem algum tipo de atividade profissional ou de trabalho formal. Nesse sentido, o item trabalho formal, apesar de não indicar com precisão o tipo de atividade, apareceu como fonte geradora de renda para 68 entrevistados (8,2% do total). As atividades relacionadas à construção civil geram renda para 112 pessoas (13,6%), enquanto a reciclagem aparece como fonte de renda para 154 pessoas (18,7%). Esses três itens juntos correspondem a 40,5% do total de respostas.

Considerando as atividades de maior informalidade e, portanto, de maior precariedade e vulnerabilidade, o percentual atinge 54,8%. Nesses casos, temos a realização de trabalhos esporádicos (os considerados “bicos”), que geram renda para 158 pessoas (19,2%); a atividade dos guardadores de carros com 18,2% dos entrevistados (150 pessoas); os trabalhos informais, em especial com artesanato, que atende a 88 pessoas (10,7%); os programas sexuais, realizados por 37 pessoas (4,5%); e a atividade dos artistas de rua que gera renda para 18 pessoas em situação de rua (2,2%).

O item que mais recebeu respostas foi o da mendicância, quando a pessoa em situação de rua pede dinheiro ou alimentos. Nesse item, 213 entrevistados fizeram essa indicação, representando 25,8% do total de participantes da pesquisa.

Entre as respostas a essa pergunta ainda foram registradas outras formas de geração de renda que não estavam contempladas nos itens discriminados, que foram identificadas como “outros”, totalizando 113 respostas ou 13,7% do total, 89 pessoas (10,8%) afirmaram que não têm nenhuma fonte de renda e 8 pessoas não responderam a essa questão.

### Gráfico 34 e 35 – Pessoas que disseram receber algum tipo de benefício



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Nessa pergunta, dos 825 questionários válidos para a análise de dados, apenas 479 apresentaram alguma resposta, o que corresponde a 58% do total de entrevistados. Dentre as respostas, o item bolsa família foi o que mais apareceu como benefício recebido pela população em situação de rua, em percentual equivalente a 37,3% (308 pessoas).

Essa informação merecerá, posteriormente, análises mais aprofundadas, pois é reveladora de que os valores definidos para o referido benefício não são suficientes para garantir as mínimas condições de sobrevivência para as pessoas que o recebem, apesar de reconhecermos a sua importância no contexto da realidade social brasileira.

Outras respostas significativas foram apontadas em relação ao recebimento de benefício referente ao Programa Municipal de Transferência de Renda (PMTR), que contempla 44 pessoas entrevistadas (5,3% do total) e do Benefício de Prestação Continuada (BPC) recebido por 29 pessoas (3,5%).

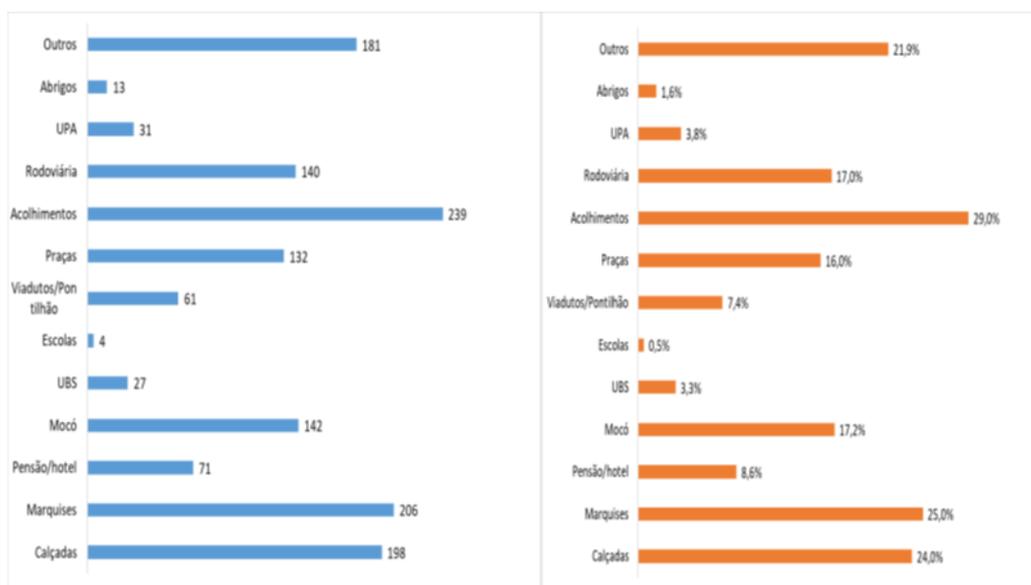
Além disso, 22 pessoas em situação de rua que vivem em Londrina já estão aposentadas, o que equivale a 2,7% do universo entrevistado.

Identificados como “outros”, há 32 respostas (3,9%). Há também outros benefícios que são recebidos pela população em situação de rua, como: auxílio doença (18 pessoas); cupom alimentação (17 pessoas); seguro desemprego, auxílio transporte e cesta básica de alimentos (3 pessoas cada um).

## 4 SOBREVIVÊNCIA NA RUA

A partir de agora iniciaremos a exposição de um bloco de perguntas relativas às estratégias de sobrevivência adotadas pela população em situação de rua.

**Gráfico 36 e 37 – Locais utilizados para dormir**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

A pergunta questiona onde os entrevistados costumam dormir e permite múltiplas escolhas. O número de respostas, portanto, não corresponde ao número de pessoas que responderam, pois uma mesma pessoa pode dormir em mais de um dos locais indicados nas alternativas.

A resposta mais indicada entre as alternativas foi o Serviço de Acolhimento, local em que mais tem o costume de dormir, somando 30,6% um montante de 251 respostas. Entretanto, quando somados os demais locais, quase em sua totalidade refere a locais desprotegidos.

Nesse ponto gostaríamos de indicar o número de vagas em Serviço de Acolhimento Institucional ofertadas para a população adulta no município de Londrina, posteriormente retomaremos a análise dos demais dados. Em (2019) indicam um total de 184 vagas em Serviços de Acolhimentos, assim distribuídas:

- 124 vagas em Serviço de Acolhimento Institucional;
- 20 vagas em Residência Inclusiva e
- 40 vagas em Serviço de Acolhimento em República.

Destacamos que no período do inverno - maio a setembro - há ampliação da oferta de vagas para acolhimento, que acontece através de uma intervenção da

Secretaria de Assistência Social denominada “Operação Noites Frias”, que além das vagas acima detalhadas, são oferecidas outras 64 vagas.

Estabelecendo um paralelo entre o número de indivíduos identificados através da pesquisa realizada em outubro de 2018 como estando em situação de rua e o número de vagas ofertadas, percebe-se de imediato que a oferta é muito reduzida em relação à demanda.

Mesmo sabendo que nem todas as pessoas que estão nessa situação são casos que precisam e/ou desejam ser encaminhadas para os acolhimentos, pois algumas têm moradia no município ou na região metropolitana<sup>14</sup>, outras têm dificuldades para adequar-se às exigências e regras dos serviços e outras ainda simplesmente não aceitam as opções oferecidas, optando por permanecer na rua. O fato é que, em vários momentos do ano, essa quantidade de vagas é insuficiente para o atendimento da demanda.

Diante do número reduzido de vagas em serviços de acolhimento e outras dificuldades para acessá-los, as estratégias de locais para dormir para quem está na rua são necessárias e diversas, na ordem das alternativas indicadas, as mais recorrentes depois do acolhimento são as calçadas, marquises e praças que somaram 536 respostas, em seguida, vêm os mocós e viadutos que somaram 203. A utilização das UPAs, UBSs, escolas e rodoviária somaram 202 respostas.

Vale destacar que o número de pessoas que optam por dormir em espaços públicos em detrimento do acolhimento é relativamente grande. As principais razões para essa preferência são a falta de liberdade e as rígidas regras de entrada e saída dos acolhimentos; o acesso de substâncias psicoativas dentro dos acolhimentos e ainda a dificuldade em dormir em ambiente com muitas pessoas.

Destacamos, ainda, que a escolha de alguns espaços não se justifica apenas por serem adequados para dormir, mas também porque servem para venda e consumo de SPA (mocós) e para a prática de exploração sexual, não obstante, há alguns mocós que são especialmente para moradia, e já encontramos mocós com móveis e cuidados de uma residência nas quais é possível perceber o sinal da

---

<sup>14</sup> Nem sempre estar em situação de rua significa não ter um imóvel disponível: pode acontecer de a pessoa dispor de um imóvel mas estar em situação de rua em virtude de conflitos familiares, dependência química ou optar por viver nas ruas por não dar conta de conviver com a dinâmica de sua família.

vassoura no chão de terra que foi varrido, ou seja, há uma relação de cuidado com o local de permanência.

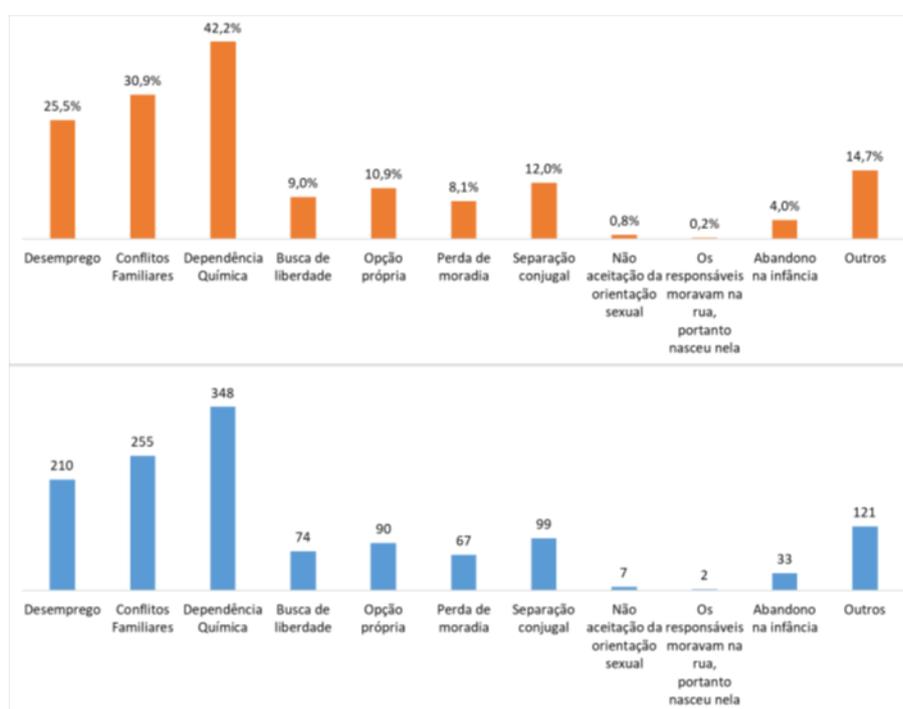
Outros locais são escolhidos a partir do sentimento de segurança que lhes são promovidos, como é o caso da rodoviária e outros espaços onde atuam serviços das políticas públicas como UBS, UPA e escolas.

A Rodoviária é, historicamente, um local escolhido para a permanência de pessoas em situação de rua por tratar-se de um espaço no qual, geralmente, há iluminação e circulação de pessoas 24 horas ao dia, este também é o caso dos serviços de saúde. Apontamos que aqueles que atendem 24 horas são recorrentemente utilizados pela população em situação de rua.

Outra relação importante a destacar é a permanência de pessoas em situação de rua em locais que facilitam o acesso à alguma fonte de renda e/ou trabalho, como é o caso dos cuidadores de carro, recicladores, vendedores ambulantes e aqueles que exercem a prática do “manguieio”. Geralmente esses espaços são calçadas, marquises e praças na região central das cidades.

Essa situação é observada em Londrina nos relatos das pessoas que ficam na região da Concha Acústica e seus entornos. Observa-se também que estes locais têm a oferta de alimentação diária por grupos/entidades, especialmente religiosos.

**Gráficos 38 e 39 – Razões apontadas para estar em situação de rua**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Os gráficos indicam que a maior razão para a estadia na rua está relacionada à dependência química. No entanto, é preciso compreender que as razões para estar na rua estão interligadas, por isso essa é mais uma questão da pesquisa que possibilitou respostas de múltiplas escolhas.

Como resposta, observa-se que a soma das declarações resulta em 1316, ou seja, um número superior ao de entrevistas realizadas. A partir disso, pode-se perceber que, embora uma pessoa em situação de rua apresente características de dependência química de substâncias psicoativas, o desemprego ou conflitos familiares podem, juntamente, ser motivos para a sua estadia na rua.

A razão declarada pode não corresponder ao motivo do ingresso à situação de rua, ou, dito de outro modo, um motivo pode demarcar o início do percurso na situação de rua, mas outras razões, advindas das diversas circunstâncias vivenciadas, podem tornar-se preponderantes para o prolongamento da estadia na rua.

A dependência química está indicada como a maior razão para estar em situação de rua (42,2%). Esse fator tem presença marcante nas práticas de pessoas que se encontram nessas circunstâncias. Pode-se observar nos gráficos correspondentes aos problemas de saúde que 34,7% dos entrevistados declararam estar dependentes de álcool, 39,4% de cigarro e 31,5% de outras substâncias psicoativas.

Entre estas últimas, observando o gráfico do uso dos tipos de substâncias psicoativas, os mais consumidos são o crack e a maconha. O dependente químico pode, ainda, utilizar mais do que uma destas categorias de substâncias e há casos em que a pessoa faz uso, mas não se considera dependente químico.

Assim, a dependência química se torna um agravante para o preconceito e criminalização das práticas da população em situação de rua. É preciso, porém reconhecer que esse aspecto também demanda uma atenção como questão de saúde pública, pois o uso abusivo de álcool e de outras substâncias psicoativas acarreta o desenvolvimento de vários problemas de saúde física e mental, agravando ainda mais a vulnerabilidade que a própria situação de rua apresenta à saúde integral dessa população.

Para além do aspecto da saúde, a dependência química também agrava os fatores sociais, e o próprio fato de apresentar o maior índice de razão para a situação de rua já aponta isso. Dessa forma, a dependência química minimiza as

possibilidades de sucesso em oportunidades de trabalho e reconciliação familiar. Diante disso, indivíduos nessa situação se veem com maiores dificuldades para elaborar e concretizar projetos de vida, pois a dependência química sempre será considerada um obstáculo.

Sobre os conflitos familiares, indicados como a segunda maior razão para a situação de rua, há que se observar que nem sempre os vínculos familiares estão rompidos, ainda que haja divergências nas relações familiares. Existem casos de pessoas que não conseguem conviver com alguém que mora na mesma casa e preferem sair. O retorno para a casa pode corresponder a visitas ou períodos de estadia que perduram até uma nova saída, que pode ser para a outra casa, para a rua, ou para as instituições de acolhimento.

Igualmente, esse fator está relacionado com outras razões para estar na rua. Alguém pode alegar que saiu de casa por razão de conflitos com a família, mas tal conflito pode ter sido motivado pela falta de emprego ou pela dependência química não tolerada pela família. Outro aspecto da relação entre estes motivos está na orientação sexual. Declarar a não aceitação da orientação sexual como o motivo da ida para a rua indica a existência de conflitos familiares.

O mesmo pode-se considerar em relação ao trabalho. Observando os dados relacionados às fontes geradores de renda, percebe-se que apenas 8,2% possui emprego formal. Isso significa que o desemprego acompanha a situação de rua, embora ele apareça como razão para estar na rua abaixo da dependência química e dos desentendimentos familiares. Tanto a falta de trabalho pode ser uma razão para a situação de rua, como a situação de rua pode ser uma razão para a falta de um trabalho formal.

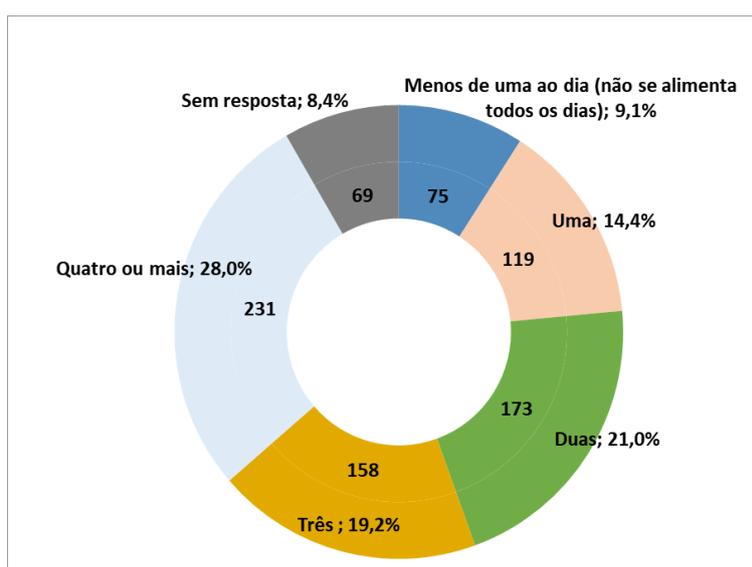
A busca pela liberdade, assim como a opção própria, os menores indicadores, pode significar o desejo de uma vida itinerante pelas ruas ou entre as cidades de passagem, como também pode representar o incômodo com a vida dentro de um imóvel ou a vida em família, que pode ser considerados um modo de vida opressivo ou aprisionador. O ambiente da casa pode ser inseguro e opressivo, apresentando casos de abuso sexual, violência doméstica, exploração de trabalho e, ainda, exposição a riscos e exploração por práticas ilegais.

Apenas duas pessoas declararam que os responsáveis moravam na rua e, portanto, estão em situação de rua desde a infância. São pessoas com formação de vida na rua. O abandono na infância tem semelhança nesse aspecto havendo casos

de pessoas criadas em abrigos para menores ou que passaram diversas vezes por períodos de estadias em abrigos.

Por todas essas observações, as razões para a situação de rua não podem ser trabalhadas de forma isolada pelos órgãos de políticas públicas e pelas instituições de atendimentos sociais. A situação de rua coloca em relação todos esses motivos, de modo que um indivíduo está sujeito a passar várias situações relacionadas a essas razões e em circunstâncias igualmente diversas.

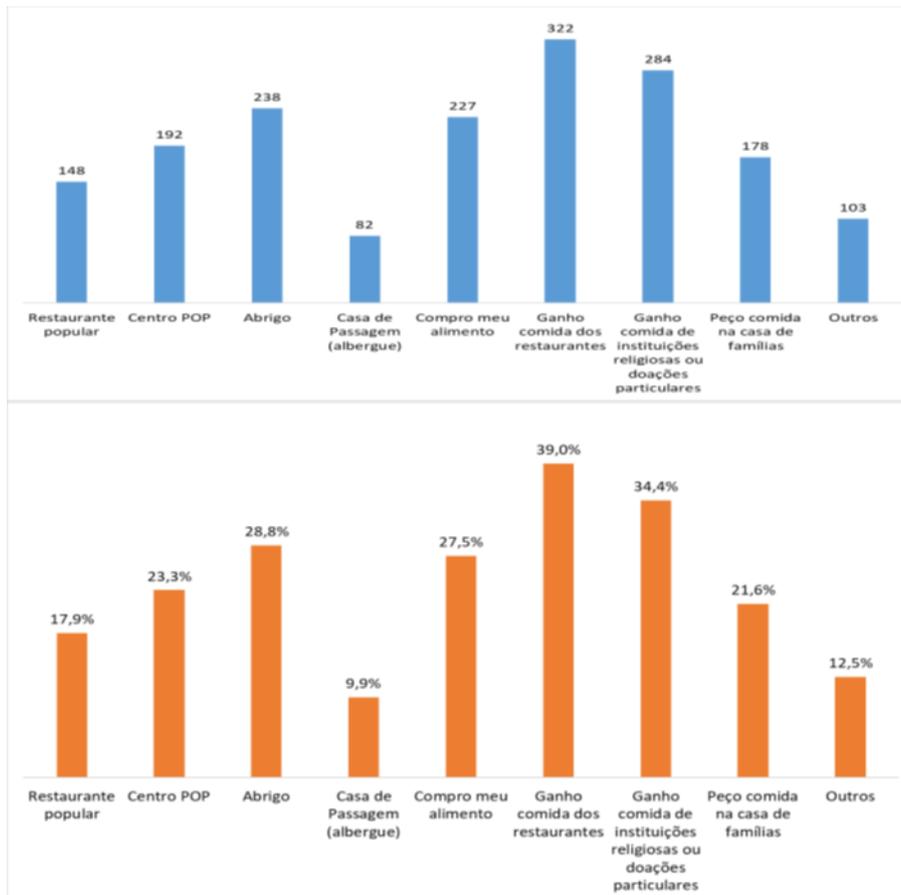
**Gráfico 40** – Quantidade de refeições / dia



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Com o intuito de compreender quais estratégias a população em situação de rua utiliza para sobrevivência nas ruas, questionamos quantas refeições os entrevistados conseguem acessar ao dia, 756 indivíduos responderam essa pergunta e 69 optaram por não responder. Apenas 9,1% disse que não conseguem alimento todos os dias, enquanto 14,4% se alimenta em média uma vez ao dia; 21%, duas vezes; 19,2%, três vezes e 28% refere se alimentar quatro ou mais vezes ao dia.

**Gráfico 41 e 42 – Fontes de obtenção de alimentos**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

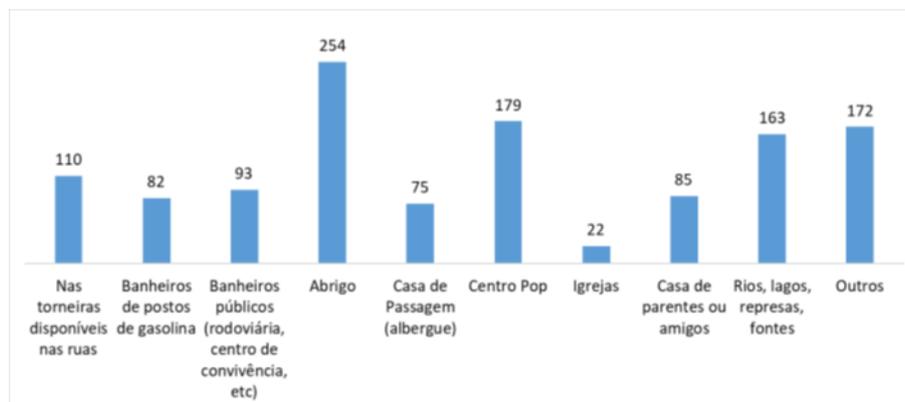
Em seguida questionamos como os entrevistados obtêm seu alimento. Nessa questão (que faz parte do rol de questões que possibilitam múltipla escolha), tivemos 1.774 respostas, elucidando que são diversas as estratégias adotadas para adquirir alimento.

Para fins de análise, optamos aqui por separar as alternativas em dois grupos: um primeiro que remete ao serviço público e um segundo que associa a obtenção de alimento à comunidade, restaurantes, igrejas etc, ou seja, pretendemos aqui estabelecer um comparativo entre a atuação do poder público e ações de caridade, as quais, sabe-se que permeiam veementemente as relações da população em situação de rua.

Assim, das 1.774 respostas, 660 indicam o serviço público como meio de conseguir alimento: Restaurante Popular; Centro Pop; Abrigo; Casa de Passagem/Albergue, ao passo que 784 respostas associam a obtenção de comida pelo viés da caridade: Ganho comida dos restaurantes; Ganho comida de instituições religiosas ou doações particulares; Peço comida na casa de familiares. A compra do alimento com recursos próprios aparece 227 vezes nas respostas e 103

respostas indicaram que os entrevistados obtêm alimento de outras formas, as quais não estavam no rol de alternativas a serem selecionadas.

**Gráfico 43** – Lugares para banho



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Seguindo a mesma lógica da questão anterior, esta pergunta visa elucidar até que ponto o serviço público contempla a demanda da população em situação de rua com relação ao acesso a banho

Quando perguntamos aos entrevistados onde costumam tomar banho (novamente tratando-se de questão de múltipla escolha), houve 1.235 respostas (cabe aqui lembrar que estamos trabalhando com um universo de 835 indivíduos).

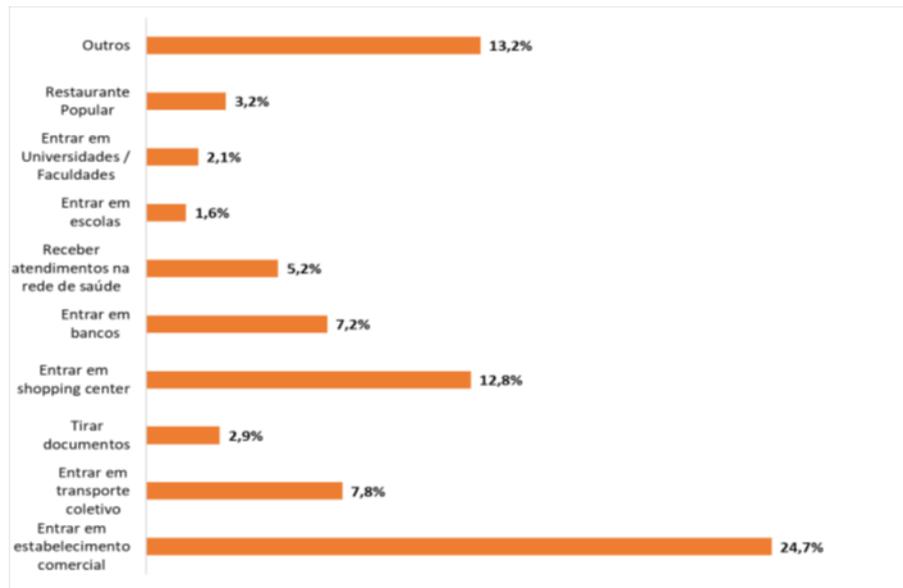
Entre as respostas, 508 remeteram o acesso à higiene pessoal ao serviço público: Abrigo; Casa de Passagem (albergue) e Centro Pop; enquanto 727 respostas associaram o banho a outras estratégias sendo:

- rios, lagos, represas, fontes – 163 respostas;
- banheiros públicos (rodoviária, centro de convivência etc) – 93 respostas;
- casa de parentes ou amigos – 85 respostas;
- banheiros de postos de gasolina – 82 respostas;
- outros – 172 respostas e
- igrejas – 22 respostas.

Observamos, portanto, que, quanto à higiene pessoal, o serviço público, assim como na questão anterior referente à alimentação, permanece em segundo plano em relação a outros meios de subsistência dessa população.

A caridade, por sua vez, aparece, aqui, muito aquém das estratégias individuais quando em comparação à questão que abordava o acesso à alimentação.

**Gráfico 44 – Lugares em que já foi impedido de entrar**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Por definição, espaço público é aquele que é de uso comum e posse coletiva (pertence ao poder público) e é utilizado das mais diversas maneiras, com os mais diversos objetivos, por uma infinidade de pessoas, porém determinados grupos sociais não são apenas excluídos, mas proibidos de acessar, utilizar e/ou permanecer nesses espaços “drogados”, “mendigos”, “prostitutas” e também os “moradores de rua” fazem parte desses grupos.

A pergunta “Você já foi impedido alguma vez de:” possui múltiplas alternativas e os espaços que mais tiveram indicações foram os estabelecimentos comerciais: *shopping centers* e bancos, somando 369 respostas, histórica e culturalmente, estes espaços sempre foram destinados às elites das cidades.

Quanto aos espaços onde atuam as políticas públicas, os quais deveriam ser de inclusão social, também foram apontados como espaços hostis a essa população.

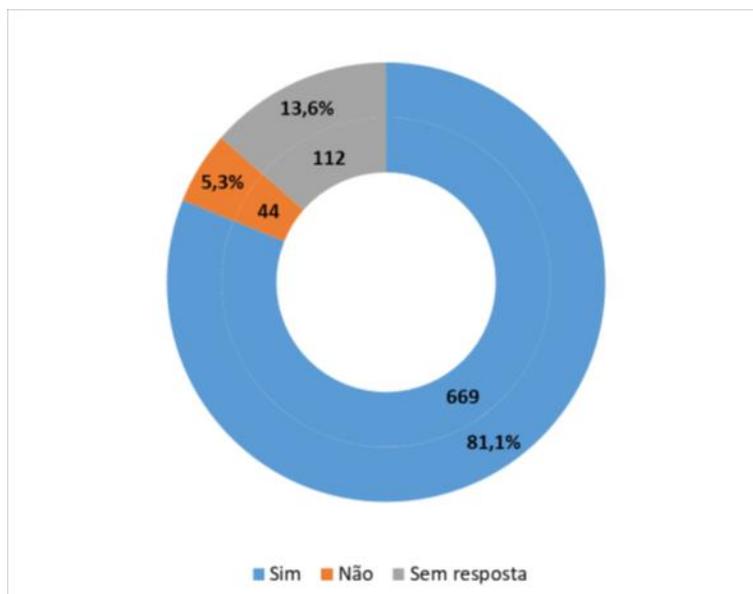
Proibidos de entrar em serviços públicos, como serviços de saúde, restaurante popular, transporte público, instituto de identificação para tirar documentos, espaços da educação, como escolas e universidades, somaram 123 respostas.

Ressaltamos que atualmente existe uma política de atenção à população de rua, construída conjuntamente pelas áreas de saúde, educação, assistência social, habitação, trabalho, esporte, cultura, entre outras.

Assim, o fato de pessoas em situação de rua serem impedidas de acessar quaisquer espaços de execução de políticas públicas é extremamente contraditório,

expressando uma ação destoante de quem executa as políticas para com os princípios nos quais essas são alicerçadas.

**Gráfico 45** – Pessoas que desejam sair da situação de rua



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

A maioria dos participantes que respondeu à pesquisa declarou que deseja sair da situação de rua. No entanto, a maioria não teve sucesso nas investidas para sair dessa situação. Os serviços prestados pelos órgãos de políticas públicas e instituições de atendimento social têm sido insuficientes para atender à grande demanda da população em situação de rua.

Pode-se observar no discurso de muitos entrevistados a saída da situação de rua por três caminhos: oportunidade de trabalho; tratamento contra a dependência química; e reconciliação com familiar. No entanto, em todos esses caminhos, pode-se conquistar um sucesso temporário que finda com a volta para a situação de rua.

Houve pessoas entrevistadas que contaram suas histórias demonstrando um histórico de idas e vindas entre momentos na rua e momentos em abrigos e outros em uma casa. Diante disso, essa questão está estreitamente relacionada com a pergunta sobre os motivos para estar em situação de rua.

Observa-se, por exemplo, que o tratamento para a dependência química ocorre em um processo duradouro que não envolve apenas desintoxicação com remédios psicotrópicos e internações em comunidades terapêuticas, mas também um acompanhamento psicológico e social que trabalhe com a pessoa atendida a sua complexidade. Ainda assim, o período de tratamento envolve vários episódios de recaída, isto é, a volta ao uso da substância psicoativa.

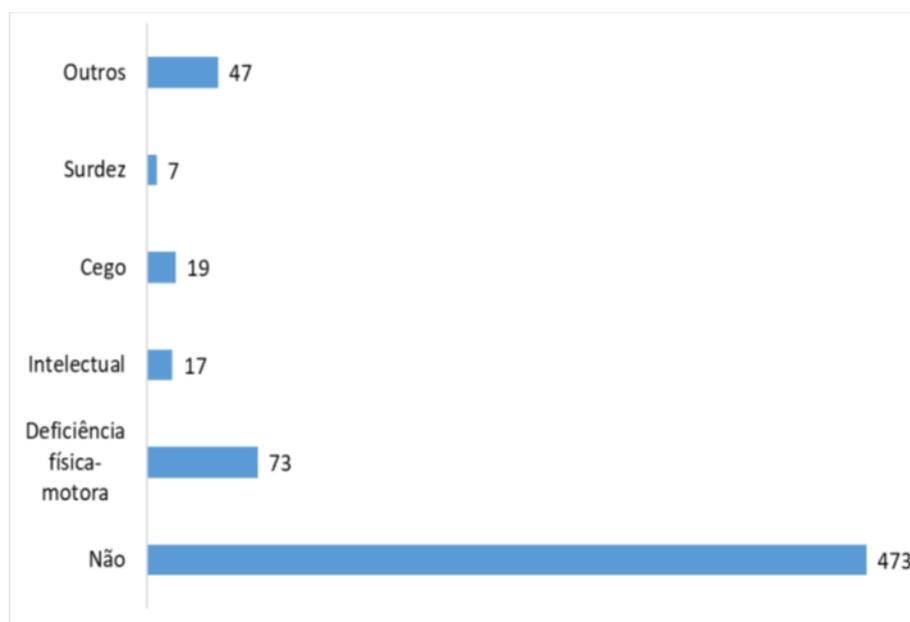
Quanto aos casos que declararam não querer sair da rua, observa-se algumas características em seus discursos que levam a compreender a permanência na rua, o gosto pela liberdade, acompanhado com o incômodo de viver em uma casa; a escolha pela vida itinerante, como é o caso de muitos trecheiros; o desânimo diante das tentativas frustradas de sair da rua que o levam a desistir por já saber como viver na rua.

Deve-se observar que o fato de algumas pessoas optarem por não abandonar a situação de rua, embora seja uma minoria, não significa que não tenham os mesmos direitos aos serviços da rede de assistência social, pois passam pelos mesmos problemas e apresentam as mesmas demandas dos serviços de atendimento social.

## 5 SAÚDE

A deficiência física, auditiva, visual e intelectual integra alguns dos indicadores de saúde bastante utilizados nas pesquisas censitárias e são de grande importância para o planejamento e avaliação das políticas públicas. O conceito de deficiência ao longo dos anos passou por formulações e avanços a partir da mobilização da própria população, tendo como marcos documentos e legislações internacionais e nacionais. Ainda considerada um conceito em desenvolvimento, a deficiência, de acordo com o Decreto Federal nº6949/2009<sup>15</sup>, “*resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas*”.

**Gráfico 46 – Eventuais deficiências**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

De acordo com o gráfico 46, os entrevistados poderiam assinalar mais de um tipo de deficiência conforme sua realidade. Sendo assim, 57,3% dos entrevistados afirmaram não possuir nenhum tipo de deficiência, enquanto os demais que responderam a essa pergunta afirmaram ter alguma deficiência, dentre elas a

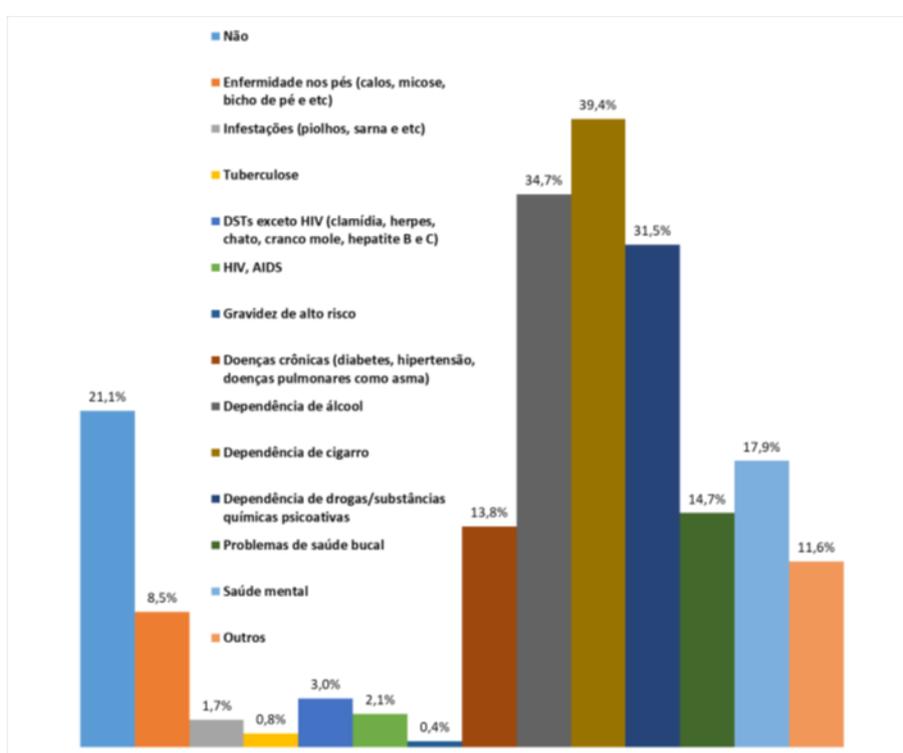
---

<sup>15</sup> Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)>. Acesso em 04 abr. 2019.

deficiência física-motora (8,8%), intelectual (2,1%), visual (2,3%), auditiva (0,8%) e outras (5,7%).

As pessoas em situação de rua enfrentam diversas barreiras no acesso aos direitos sociais. A essa questão, somam-se as barreiras do ambiente que não apresenta acessibilidade, seja no meio físico, no transporte, na comunicação, nos serviços de referência, entre outros. Portanto a pessoa em situação de rua que apresente alguma deficiência sofrerá ainda mais impedimentos para uma vida plena de participação social.

**Gráfico 47 – Problemas de saúde**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Em relação aos problemas de saúde identificados pelos entrevistados, tomamos como referência os mais comuns junto à população em situação de rua referenciados pelo Ministério da Saúde no “Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua” (2012).

Compreendemos o processo saúde-doença em seu conceito ampliado, reconhecendo que promoção e prevenção de saúde não dependem só de questões biológicas, mas também dos determinantes sociais que se apresentam nas diferentes realidades territoriais,

Diferenças culturais, de gênero, etnia/raça, vínculos familiares e comunitários, acesso aos serviços e direitos básicos (como alimentação, instituições de

permanência e locais para realização de higiene pessoal) interferem nas condições de saúde.

O gráfico 47 apresenta as alternativas de múltipla escolha identificadas pelos entrevistados. Desses, 21,1% não afirmou nenhum tipo de problema de saúde, enquanto a maioria identificou um ou mais problemas.

Os mais citados foram aqueles referentes ao uso abusivo de substâncias psicoativas ilícitas e lícitas: 34,7% álcool, 39,4% cigarro (tabaco) e 31,5% substâncias ilícitas.

Em seguida vêm os problemas de saúde mental (17,9%), saúde bucal (14,7%), doenças crônicas (diabete, hipertensão, doenças pulmonares) (13,8%), enfermidades nos pés (8,5%), infestações (piolhos, sarna) (1,7%), tuberculose (0,8%), doenças sexualmente transmissíveis (DST)<sup>16</sup> exceto HIV (clamídia, herpes, chato, cancro mole, hepatites virais) (3,0%), HIV/AIDS (2,1%), gravidez de alto risco<sup>17</sup> (0,8%) e outros (11,6%).

É importante considerar que não há consenso na literatura a respeito do uso prejudicial das substâncias psicoativas, ilícitas ou lícitas, e as formas de tratamento.

Podemos encontrar referências de influências mais biomédicas, centralizadas na doença, em modelos mais proibicionistas, e, também em abordagens mais interdisciplinares atentas não somente aos prejuízos e causas biológicas, mas às relações sociais, aos modos de vida, às vulnerabilidades sociais e à própria autonomia e liberdade do usuário.

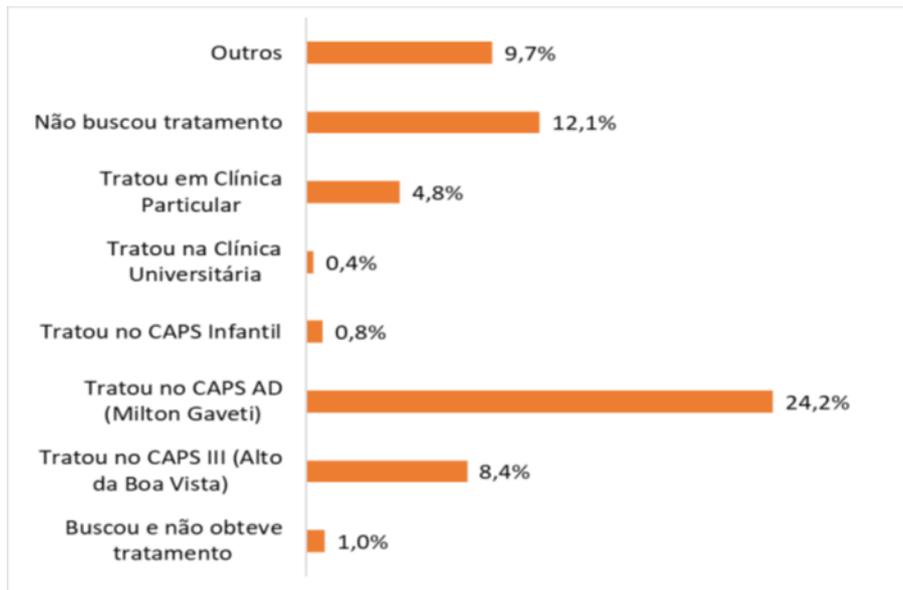
Nesse sentido, é importante frisar que a gestão clínica assistencial dos serviços prestados a essa população deva estar atenta a essas diferenças, fomentando a necessária intersecção do cuidado ampliado integral e intersetorial, sob a luz dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde.

---

<sup>16</sup> Recentemente o Ministério da Saúde passou a usar a nomenclatura IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis ao invés do DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis.

<sup>17</sup> De acordo com Brasil, por gestação de alto risco entendem-se aquelas que apresentam riscos gestacionais a saúde da mulher e ao feto. A partir da verificação dos fatores de riscos as gestantes são encaminhadas a serviços de saúde de média e alta densidade tecnológica para a assistência ao pré-natal. Os fatores de risco são agrupados da seguinte forma: características individuais e condições sociodemográficas desfavoráveis; história reprodutiva anterior; condições clínicas pré-existentes; doenças obstétricas na gravidez atual, intercorrências clínicas e condições de vulnerabilidade social. Mais informações: BRASIL, Ministério da Saúde. **Gestação de alto risco**. Manual Técnico. 5. ed. Brasília DF, 2010. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/gestacao\\_alto\\_risco.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/gestacao_alto_risco.pdf)>. Acesso 03 abr. 2019.

**Gráfico 48** – Serviço procurado para tratamento de saúde mental



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Daqueles que apontaram ou consideraram ter algum problema de saúde mental relacionado ou não com o uso abusivo de substâncias psicoativas, a grande maioria afirmou ter buscado tratamento nos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) nas modalidades<sup>18</sup>: Álcool e drogas (CAPS-AD), 24,2%, modalidade CAPS III com funcionamento 24h (8,4%) e na modalidade especializada para a população infantil (CAPSi), 0,8%.

Um número considerável afirmou não ter buscado tratamento algum, 12,1%, e os demais identificaram outros locais, como Clínicas Particulares, 4,8%, Clínicas Universitárias, 0,4% (atendimento ambulatorial e Pronto Atendimento Psicológico) e Outros, 9,7%.

Ainda houve aqueles que afirmaram ter buscado, mas não obtiveram tratamento, 1,0%. Podemos observar um percentual baixo dos entrevistados que afirmaram realizar ou ter realizado tratamento de saúde.

A gestão assistencial desses serviços, no que se refere a acesso e acolhimento dessa população aos serviços de saúde mental, deve considerar suas necessidades assim como suas particularidades, sejam elas relacionadas à localização territorial do serviços, número de profissionais adequados nas equipes interdisciplinares, formação permanente desses profissionais, os critérios e fluxos

---

<sup>18</sup> Para maiores informações consultar a PORTARIA Nº 3.088, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2011 que institui a Rede de atenção psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas.

institucionais de atendimento, entre outros critérios que proporcionem acesso de qualidade a essa população.

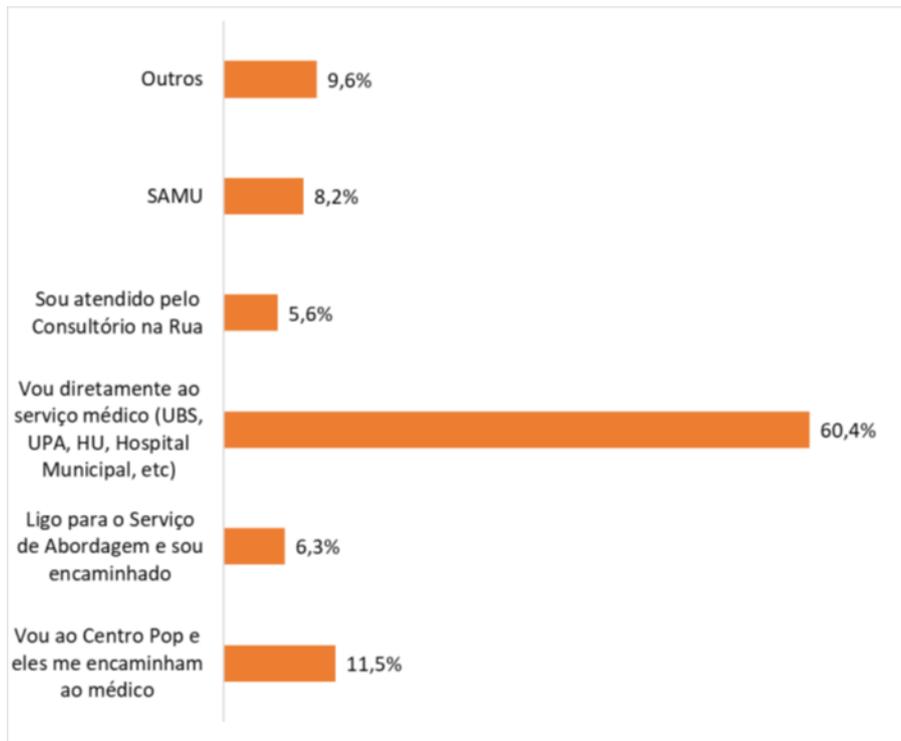
**Gráfico 49** – Pessoas que fizeram tratamento medicamentoso para problemas de saúde mental



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Em relação ao uso de medicamentos para o tratamento daqueles que afirmaram ter algum problema relacionado a saúde mental, 23,8% dos entrevistados responderam que fazem ou faziam uso, 39,2% responderam que não e 37,1% não apresentaram nenhuma resposta.

**Gráfico 50** – Serviços que costumam acessar para tratamento de saúde



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

O gráfico 50 corresponde aos dados relativos à forma como os entrevistados costumam acessar o tratamento de saúde. Esta questão também possibilitou as respostas de múltipla escolha. Em sua maioria, 60,4% afirmou que vão diretamente aos serviços de saúde, sejam eles da atenção básica e/ou Pronto Atendimento de Urgência e Emergência (UBS, UPA, HU, Hospital Municipal, outros), 8,2% acessa através do SAMU, Consultório na Rua, 5,6%, outros 6,3% afirmou acionar o Serviço de Abordagem Social e são encaminhados, 11,5% vai ao Centro POP e são encaminhados; 9,6% afirmou outras formas de acessar o tratamento.

É importante considerar esses dados, pois, apesar de 60,4% afirmar buscar diretamente alguns serviços, outra grande porcentagem afirma procurar outros serviços da rede intersetorial que fazem o encaminhamento e articulação interdisciplinar para acesso ao cuidado em saúde, assim como serviços que fazem o atendimento *in loco* dessa população e por meio de busca ativa, de forma itinerante, como o Consultório na Rua e o Serviço de Abordagem Social.

Vulneráveis à violência e com necessidades de subsistência, essa população encontra no espaço urbano percursos, rotinas e horários que melhor atendam suas necessidades de segurança, alimentação, abrigo, higiene, fonte de renda, socialização, entre outros. Essas rotinas e horários, ou seja, esses modos de vida,

muitas vezes esbarram nos limites e regras rígidas e engessados muitas vezes presentes nos serviços públicos assistenciais.

Garantir acesso à saúde de qualidade a essa população, seja por demandas crônicas ou agudas, por meio de ações de promoção e prevenção, é de extrema importância, pois há de se considerar o preconceito e estigma sofrido por esse segmento populacional.

Os dados da Pesquisa Nacional sobre população em situação de rua (BRASIL, 2008), assim como a presente pesquisa realizada em Londrina, reafirmam esse estigma, pois, ao serem identificadas em situação de rua, as pessoas declaram ser um impeditivo para entrar ou realizar atividades (ver Gráfico 44) em locais de serviços de saúde, locais para emissão de documentos, transporte público, entre outros.

Esses impedimentos geram ainda mais desconfiança nessa população para com esses serviços. Diante disso, podemos considerar que essa desconfiança e estranhamento a esses órgãos de atendimento, também fazem parte de uma assistência à saúde construída a partir de modelos tradicionais de institucionalização dos corpos e higienização das cidades, sem respeitar a singularidade e a autonomia dos sujeitos, desconsiderando os princípios do SUS no que se refere à universalidade, à equidade e à integralidade do cuidado.

Tabela 1 – Uso de produtos/substâncias psicoativas ilícitas ou lícitas

Produtos	Todos os dias		Às vezes		Não faz uso	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Crack (pedra)	191	23,2	160	19,4	355	43,0
Bebida Alcoólica	252	30,5	225	27,3	226	27,4
Cigarro	442	53,6	99	12,0	181	21,9
Cocaína (pó)	46	5,6	125	15,2	497	60,2
Maconha (baseado, beck)	151	18,3	139	16,8	397	48,1
Inalantes (loló, benzina, gasolina, cola de sapateiro)	8	1,0	48	5,8	606	73,5
Oxi	5	0,6	26	3,2	613	74,3
Etanol	19	2,3	53	6,4	558	67,6
Outros	9	1,1	16	1,9	244	29,6

**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

A tabela 1 refere-se aos dados relacionados às substâncias psicoativas utilizadas ou não pelos entrevistados, identificando as substâncias que usam “todos os dias”, “às vezes” e as que “não usam”. O Cigarro foi a substância lícita que mais foi citada por aqueles que afirmam fazer uso todos os dias, correspondendo a 53,6%, seguido do Álcool, com 30,5%.

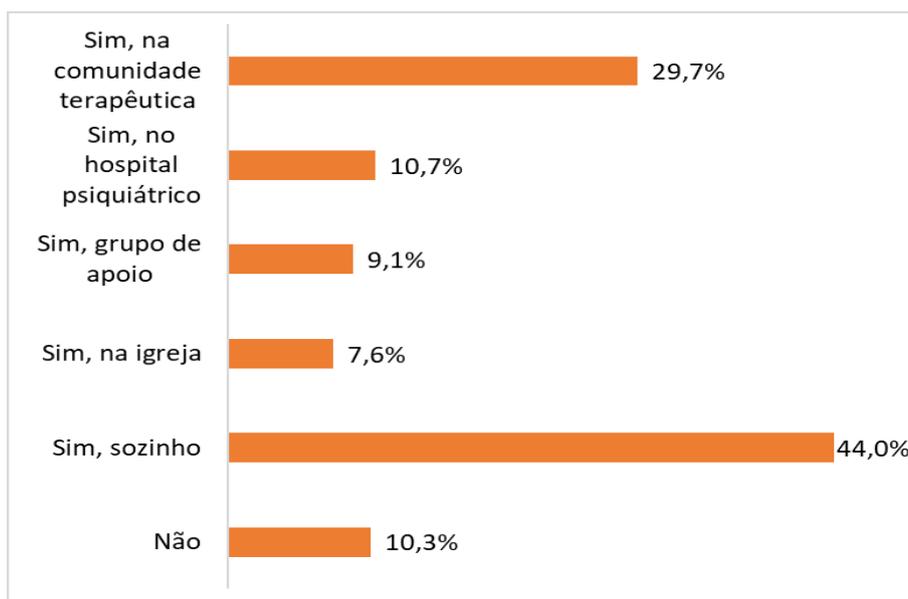
Sobre as substâncias ilícitas, 23,2% dos entrevistados citaram o uso de *Crack* diariamente, 18,3% citaram a Maconha e 5,6% a Cocaína. O Etanol 2,3%, os Inalantes, 1,0%, o Oxi, 0,6% e outros, 1,1%, foram os menos citados no uso diário.

Já no uso eventual, estes últimos (Etanol 6,4%, Inalantes 5,8%, Oxi 3,2% e outros 1,9%) apresentam uma prevalência maior comparado ao uso diário.

Podemos observar o número considerável dos entrevistados que afirmaram não usar essas substâncias, como, por exemplo, o crack: 43% dos entrevistados afirmaram não fazer uso. E mesmo o cigarro e o álcool, que foram mais apontados por aqueles que usam todos os dias, nesse caso 27,4% referiu não fazer uso de álcool e 21,9% não faz uso de cigarro. Esses dados reafirmam a heterogeneidade dessa população na sua relação com o uso de substâncias psicoativas, nos diferentes significados e sentidos simbólicos para os usuários, que ultrapassam e até mesmo negam a causalidade unicamente fisiológica de doença.

A realidade dessas pessoas em um contexto de violência e estigmatização pode levar a considerar o uso de álcool, por exemplo, para mecanismos de melhor sobrevivência para alívio de dor, frio, dentre outros sintomas. Nesse sentido, o uso abusivo de álcool e outras drogas não pode ser identificado como um processo de patologização somente, dando referência principal à morbidade, sem dar ênfase à vulnerabilidade e exclusão social dos sujeitos, ou seja, dando mínima importância aos determinantes sociais e suas diferentes percepções de uso.

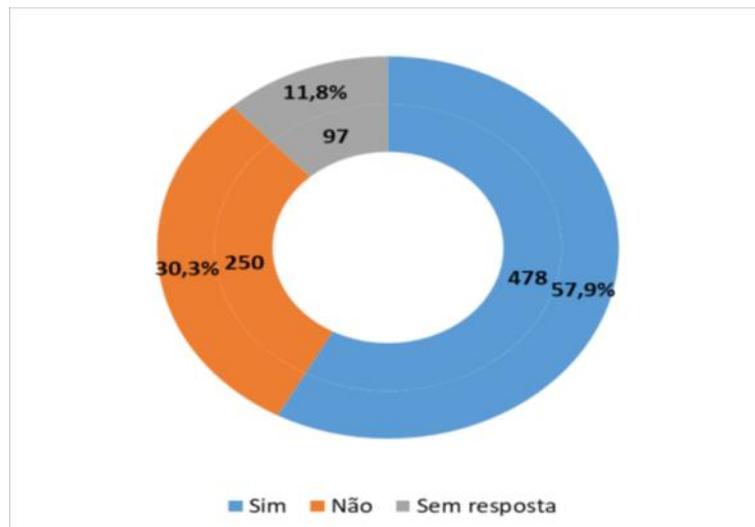
**Gráfico 51** – Pessoas que já tentaram parar de fazer uso de SPA



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Quando perguntado aos entrevistados se já tentaram parar o uso de substâncias psicoativas, a maioria, 44,0%, refere que tentou parar sozinho, ou seja, sem nenhum vínculo com serviço de saúde ou outras redes de apoio; 29,7% afirmou ter tido auxílio de comunidades terapêuticas; 10,7% afirmou ter sido internado em hospital psiquiátrico; 9,1% afirmou participar de grupo de apoio; 7,6% contou com a ajuda da igreja e 10,3% dos respondentes disseram não ter tentado parar.

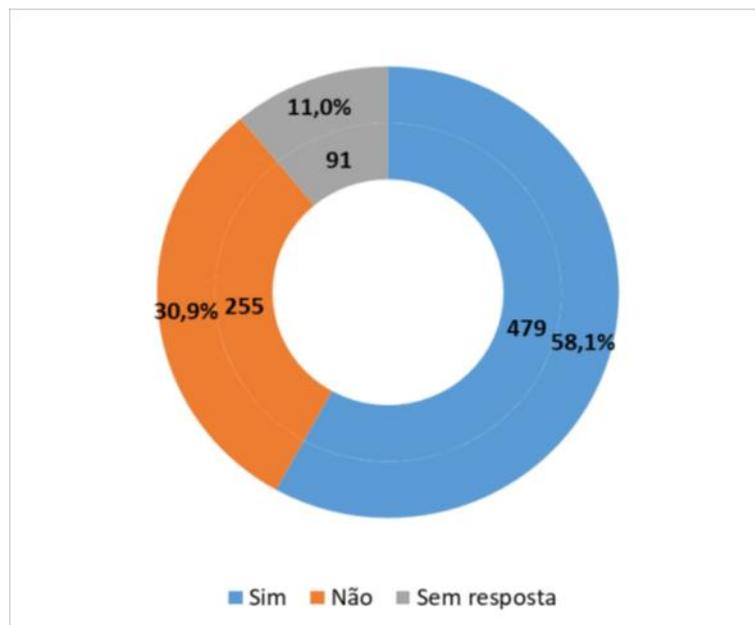
**Gráfico 52** – Pessoas que se consideram dependentes químicos



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Questionado se o entrevistado(a) considerava-se um dependente químico, 57,9% respondeu que sim, 30,3% respondeu que não e 11,8% dos entrevistados não respondeu a questão.

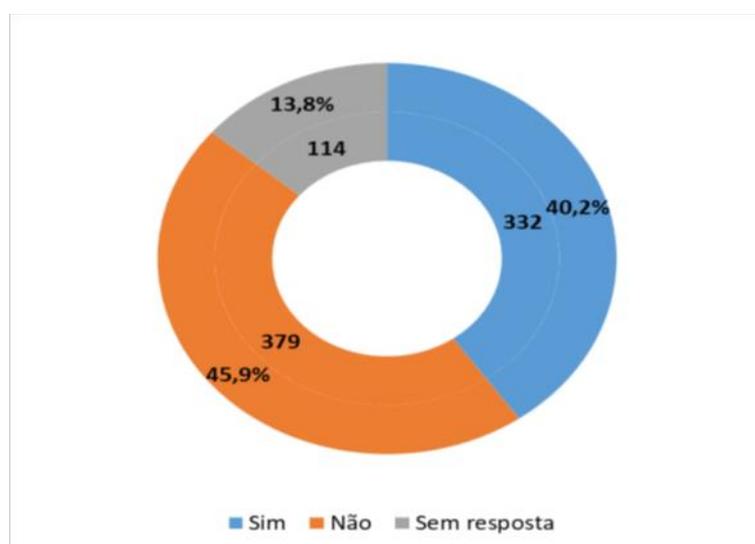
**Gráfico 53** – Pessoas que consideram que precisam de apoio/acompanhamento/tratamento psicológico



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

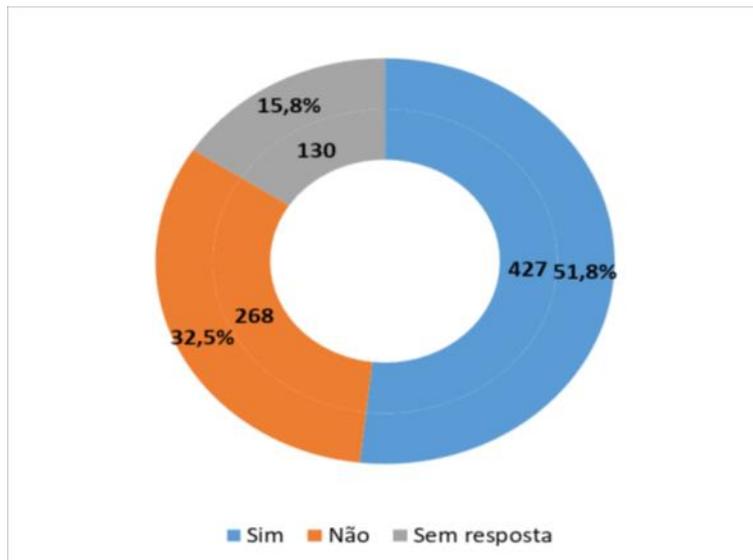
O gráfico 53 mostra os dados referentes aos entrevistados que consideram que precisam de apoio/tratamento/acompanhamento psicológico. Desses 58,1% responderam que sim, 30,9% responderam que não e 11,0% dos entrevistados não responderam essa questão.

**Gráfico 54** – Problemas de saúde bucal



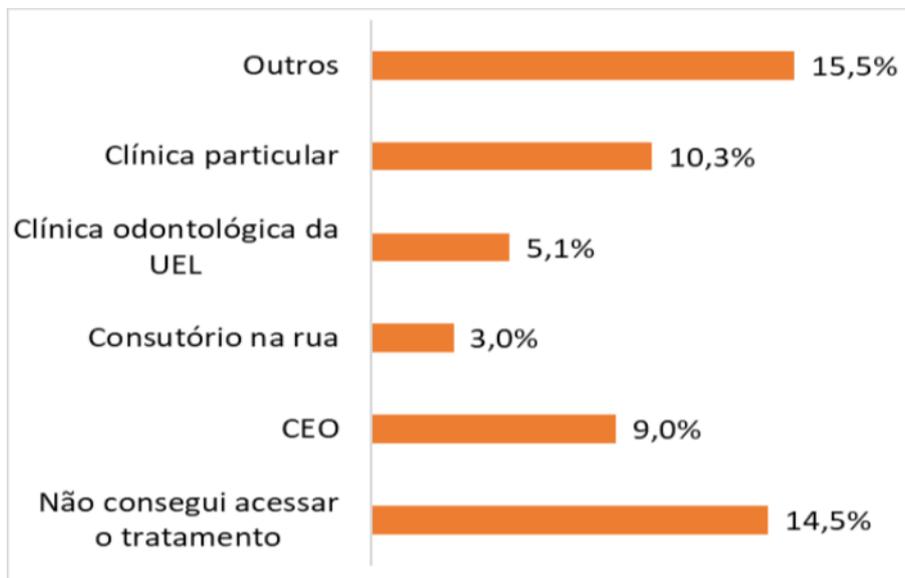
**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

**Gráfico 55** – Pessoas que já precisaram tratamento odontológico



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

**Gráfico 56** – Clínicas onde realizaram tratamento odontológico



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Os problemas relacionados à saúde bucal da população em situação de rua podem estar relacionados a várias questões: a falta de hábito com a higienização bucal, a falta de locais adequados para realizar a higiene, o uso excessivo de substâncias psicoativas, a falta de conhecimento e informação de onde buscar atendimento quando necessário, dificuldades de acesso ao tratamento por não terem endereço fixo, falta de documentos e/ou falta de recursos financeiros, medo dos procedimentos clínicos, entre outros.

A saúde bucal está entre as prioridades de saúde elencadas pelo Ministério da Saúde (2012) e muitas dessas questões elencadas contribuem como fatores que levam a condições crônicas e agudas de doenças bucais.

Nesse sentido, as equipes de saúde bucal têm sido orientadas e incentivadas a reconhecer as especificidades e as demandas apresentadas pela população em situação de rua, buscando, além da assistência clínica, articular um cuidado integral, que favoreça a construção do vínculo, podendo contribuir no resgate da autoestima e na garantia de acesso aos serviços de qualidade.

Os gráficos 54, 55 e 56 estão relacionados às questões referentes a saúde bucal. O gráfico 54 refere-se aos entrevistados que afirmaram ter apresentado ou não algum problema de saúde bucal nos últimos 06 meses: 40,2% afirmaram que sim, 45,9% afirmaram que não e 13,8% dos entrevistados não responderam esta questão.

Os dados do gráfico 55 referem-se aos entrevistados que afirmaram já terem precisado ou não buscar tratamento de saúde bucal: 51,8% afirmaram que já precisaram, 32,5% disseram que não precisaram e 15,8% não responderam à pergunta.

Os entrevistados que afirmaram ter precisado de tratamento, foram questionados sobre os locais onde buscaram atendimento. O gráfico 56 demonstra um número considerável de entrevistados, 14,5%, que afirmaram que ao buscar tratamento, não conseguiram acesso. Dos demais entrevistados, 9,0 % afirmaram ter tratado no Centro de Especialidades Odontológicas (CEO - estabelecimento de atenção ambulatorial especializada em Odontologia do SUS), 3,0% pela equipe do Consultório na Rua, 5,1% na Clínica Odontológica da UEL (serviço que oferece atendimento emergencial 24h e ambulatorial), 10,3% em Clínica particular e 15,5% dos entrevistados afirmaram ter buscado outros locais para tratamento.

## 6 VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DESSE PÚBLICO

A análise dos dados a partir das entrevistas realizadas nos permitem perceber a existência de múltiplos tipos de violência cotidiana que afetam a população em situação de rua, vítimas de um processo socioeconômico excludente. O direito da população à segurança, mencionado no preâmbulo<sup>19</sup> da Constituição da República Federativa do Brasil, é considerado tanto como direito fundamental individual e coletivo em seu Artigo 5º, quanto direito fundamental social no Artigo 6º, a saber:

Art. 5º, *caput*, da CF: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à *segurança* e à propriedade [...].

Art. 6º da CF: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a *segurança*, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

A violência é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) como o “uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações”.

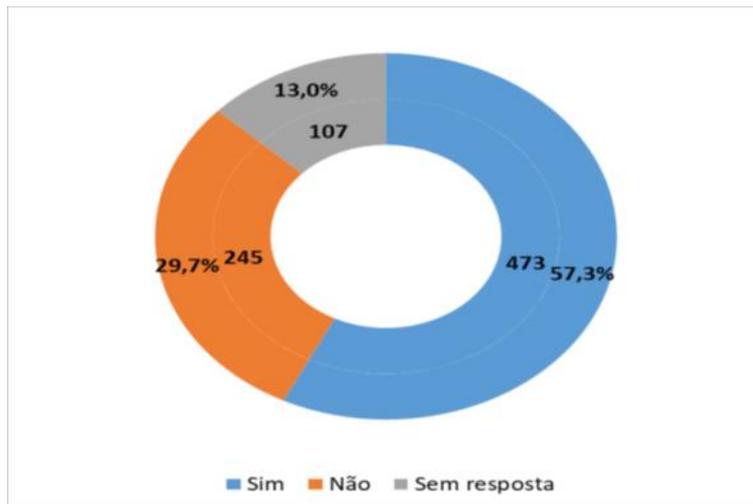
A mesma organização apresenta um conceito ampliado de saúde, que seria composta pelo completo bem-estar físico, mental, social e espiritual dos indivíduos. Minayo (2006) entende que a violência está ligada à saúde e, conseqüentemente, às condições de vida das pessoas.

No caso das pessoas em situação de rua, as constantes situações de violência a que estão submetidas lhes causam danos físicos, psíquicos e morais exigindo – em contrapartida – que lhes sejam prestados uma gama de cuidados, tais como serviços médico-hospitalares, apoio psicológico, social e material.

---

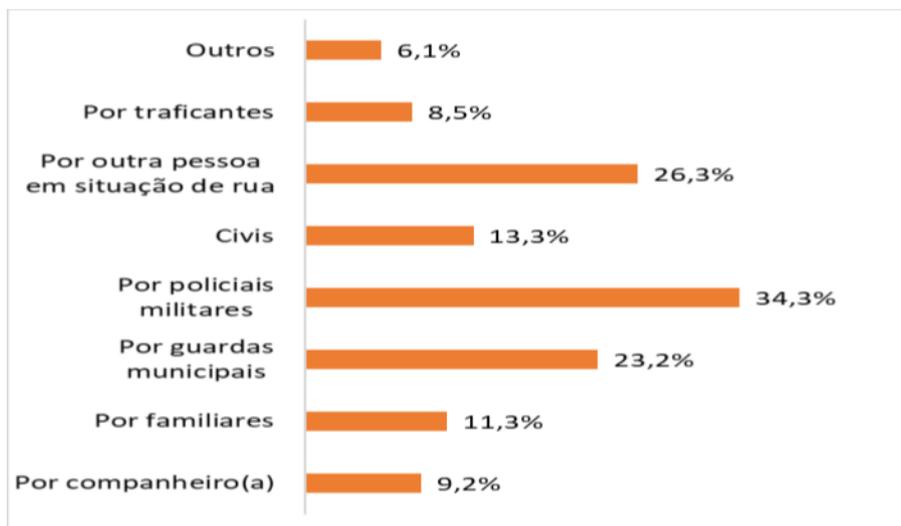
<sup>19</sup> Preâmbulo da Constituição da República Federativa do Brasil: “Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a *segurança*, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL”.

**Gráfico 57** – Pessoas que já sofreram violência física



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

**Gráficos 58** – Pessoas que cometeram violência contra a população em situação de rua



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

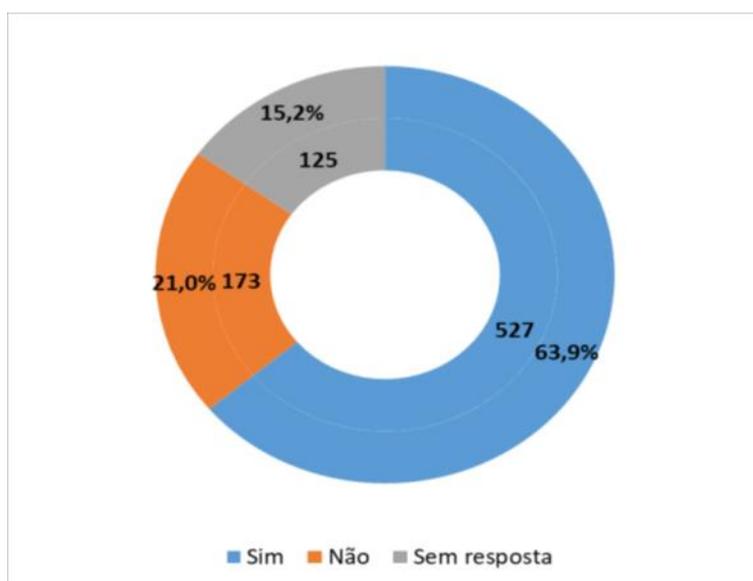
Os dados da pesquisa revelam ainda que grande parcela dos entrevistados, 57,3% ou 473 pessoas já sofreram algum tipo de violência física, sendo a maioria delas por policiais militares, o que corresponde a 34,3% ou 283 pessoas, seguido por 26,3% ou 217 pessoas que sofreram violência física praticada por outra pessoa em situação de rua e 23,2% ou 191 pessoas que foram violentadas por guardas municipais.

Nesse contexto, afirma-se mais uma vez o quanto as pessoas em situação de rua sofrem violência por todos os lados, seja dos agentes de segurança pública, como a polícia e guardas municipais, seja por parte do Poder Público, por meio da omissão, insuficiência e ineficiência de políticas públicas para esse público, seja da

própria sociedade civil, que, respaldada por um sistema de exclusão, é protagonista de casos de violência física, conforme indicam 13,3% ou 110 entrevistados.

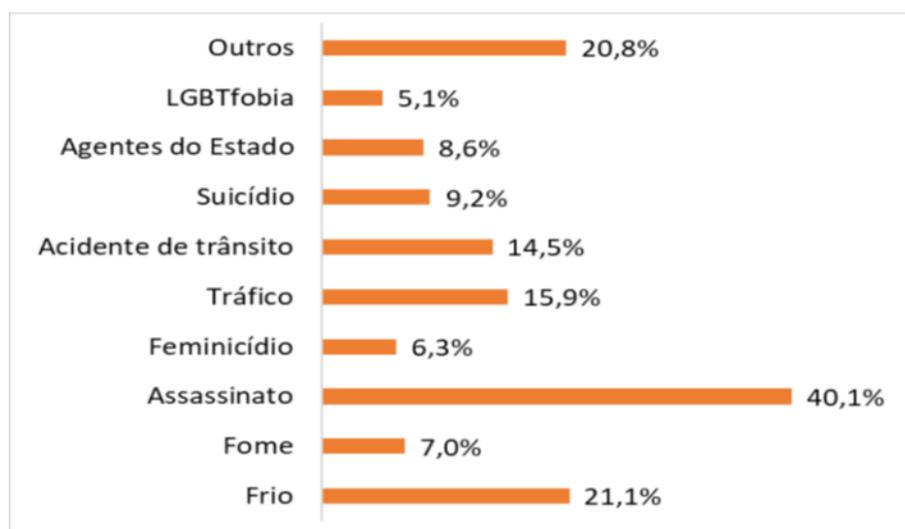
No que diz respeito ao fenômeno da violência institucional, aquela praticada por agentes da segurança pública, nota-se a ausência de investimentos na formação de policiais militares e guardas municipais, com ênfase na capacitação e sensibilização das necessidades deste público em questão e não mais amparada pelo poder para a manutenção da repressão.

**Gráfico 59** – Se já conheceu alguma pessoa em situação de rua que morreu na rua



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

**Gráfico 60** – Causas de morte da pessoa em situação de rua que morreu na rua



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

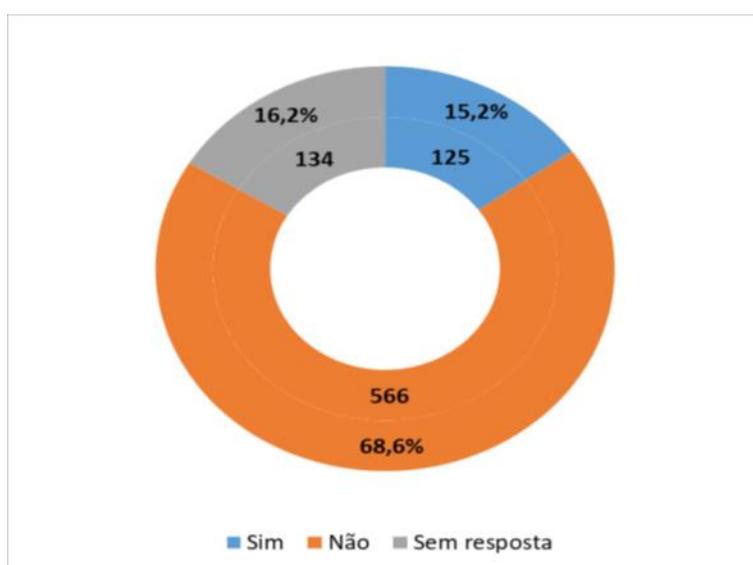
Considerando que 63,9 % do(a)s entrevistado(a)s ou 527 pessoas conheceram pessoas em situação de rua que morreram nessa trajetória. Dessas,

40,1% ou 331 pessoas foram assassinadas, 21,1% ou 174 pessoas morreram de frio e 15,9% ou 131 pessoas morreram em função de problemas relacionados ao tráfico de drogas. Verifica-se, portanto, a desproteção social a que está submetida a população em situação de rua e o quanto a naturalização das violências destinadas a esse público reflete na sua invisibilidade social e contribui significativamente para a manutenção e a reprodução de mais violência.

Destaca-se que uma grande parcela dos entrevistados deixou de responder a duas questões relacionadas à violência sofrida: sendo que 13% ou 107 pessoas deixaram de responder à pergunta “Você já sofreu algum tipo de violência física?” e 15,2% ou 125 pessoas não responderam à pergunta “Já conheceu alguma pessoa em situação de rua que morreu na rua?”.

Não é possível afirmar, com certeza, os motivos que levaram tais entrevistado(a)s a se omitirem em determinadas questões, entretanto, nos é permitido levantar algumas hipóteses que justifiquem o fato, tendo como principal pressuposto a insegurança em revelar as violências sofridas e, principalmente, o protagonista do ato violento. Posto isto, tratando-se de um público em situação de extrema vulnerabilidade social, pode-se considerar a naturalização de um ou mais tipos de violência, não lhes sendo permitido sequer perceber a vivência de um ou mais atos considerados como violência.

**Gráfico 61** – Se já procurou acolhimento em alguma unidade de acolhimento para crianças e adolescente



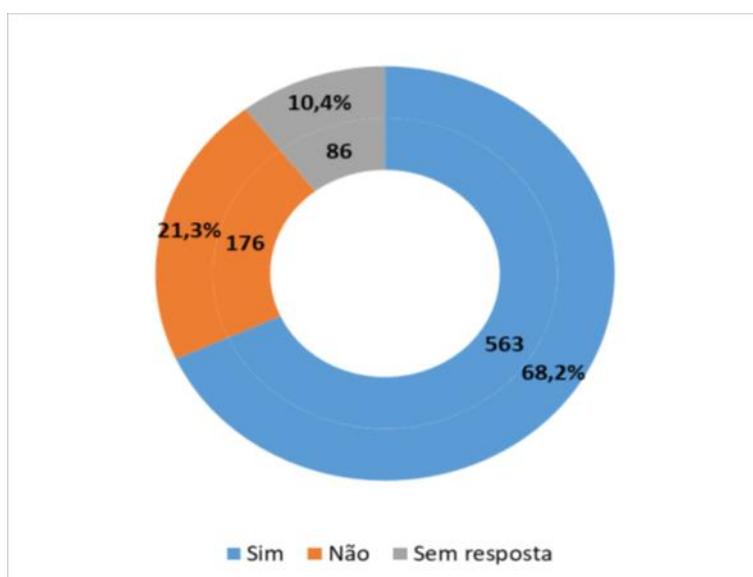
**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

No que se refere à institucionalização, quando perguntados se já haviam passado por acolhimento em alguma unidade de acolhimento para crianças e adolescentes, 15,2% do(a)s entrevistados responderam que sim, enquanto 68,6% responderam negativamente e 16,2% deixaram de responder a essa questão.

Considerando que 15,2% do(a)s entrevistado(a)s correspondem a 125 pessoas, podemos afirmar que um número significativo de pessoas em situação de rua foi institucionalizado desde a infância, o que também autoriza a inferência de que essa condição não se colocou em suas trajetórias como um “acidente de percurso”, mas como consequência de dificuldades vivenciadas em suas relações familiares desde a mais tenra idade, que resultaram na negação do acesso à convivência familiar e comunitária.

Por outro lado, essa institucionalização precoce também pode explicar a resistência de parcela dessa população em submeter-se aos regulamentos das unidades de acolhimento institucional voltadas para esse público, considerando-se que a sujeição às regras institucionais desde a infância pode ter causado certo “stress” e cansaço de tais pessoas em relação à vida institucionalizada.

**Gráfico 62** – Se procurou acolhimento em alguma instituição para adultos



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

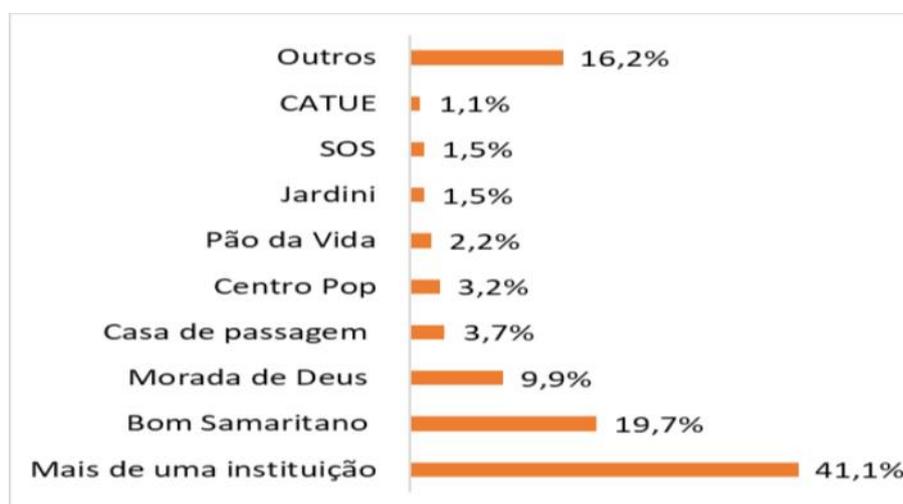
Ao serem indagado(a)s acerca da busca de acolhimento em alguma instituição para adultos, 68,2% ou 563 pessoas responderam afirmativamente, enquanto 21,3% (176 pessoas) negaram ter feito tal busca e 10,4% (86 pessoas) não responderam a essa questão.

O percentual de pessoas em situação de rua que respondeu ter buscado acolhimento em instituições que oferecem tal serviço para adultos reflete a importância desse serviço para esse público, reforçando aquilo que parece óbvio: o ser humano, ainda que por diversos motivos tenha feito das ruas seu espaço de vida, precisa do abrigo e da proteção de um teto e de outros seres humanos.

A busca por abrigo responde às necessidades relativas à proteção contra as intempéries climáticas, à defesa contra a violência das ruas ou ainda à satisfação das necessidades básicas como alimentação, higiene ou descanso, a busca por abrigo.

Há que se considerar que o percentual de pessoas que não procurou por acolhimento institucional para adultos, que equivale a 21,3% ou 176 pessoas, pode explicar-se pelo fato de tais indivíduos não ter recorrido aos acolhimentos por estarem há pouco tempo nas ruas, por terem encontrado outras possibilidades de proteção (ainda que precárias, como os “mocós” ou as pensões) ou por ainda encontrarem guarida com amigos e familiares.

**Gráfico 63** – Locais em que procurou acolhimento



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Quando indagado(a)s acerca de quais instituições haviam procurado em busca de acolhimento, as respostas apresentaram uma miríade de instituições, localizadas em Londrina e sua região metropolitana, assim como em municípios de outras regiões paranaenses e de outros estados.

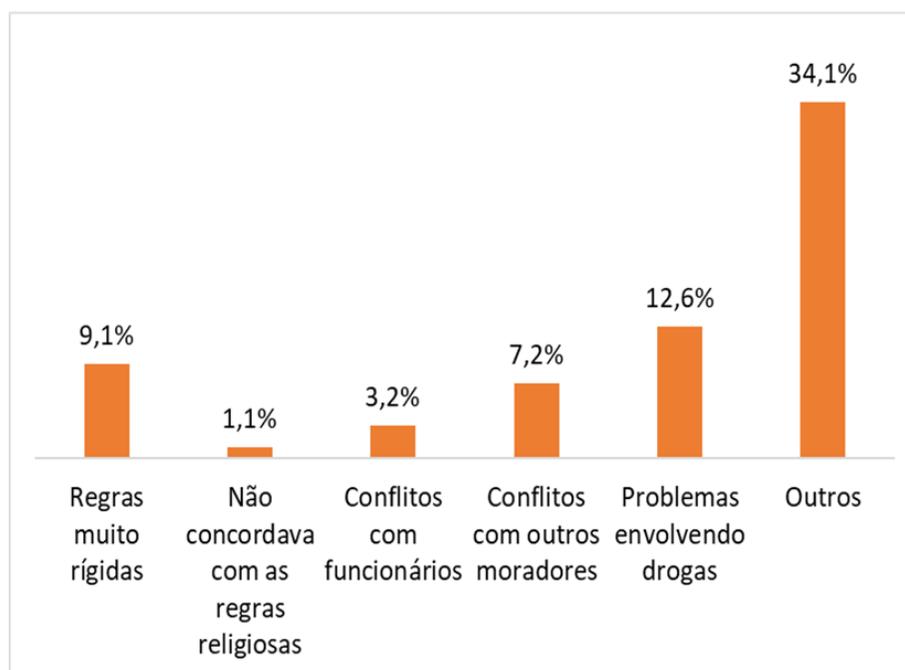
A instituição “Casa do Bom Samaritano” foi a mais citada pelo(a)s entrevistado(a)s, correspondendo a 19,7% das respostas (ou 106 pessoas), como o lugar onde o(a)s participantes da pesquisa procuraram acolhimento, seguida pelo

“Centro de Assistência e Recuperação de Vidas Morada de Deus”, com 9,9% das indicações recebidas pelo(a)s entrevistado(a)s.

Outros dois dados chamam a atenção: o fato de 17 entrevistado(a)s terem citado o “Centro Pop” como unidade de acolhimento, revelando o desconhecimento dessas pessoas em relação aos serviços prestados por aquele equipamento da política de assistência social e o número considerável de pessoas, 221 ou 41,1% do(a)s que responderam à pesquisa, que indicaram já ter procurado mais de uma instituição de acolhimento.

Esse último dado reforça a ideia de que a trajetória de uma pessoa que faz das ruas seu espaço de vida e de sobrevivência não é uma linha reta ou uma sequência que vai da desproteção à integração social, mas um caminho cheio de percalços no qual cabem recaídas, momentos de retorno para a casa de familiares, acolhimentos, novas recaídas, inserção no mercado de trabalho, desemprego, entre outros momentos de superação e de novas dificuldades.

**Gráfico 64** – Motivos pelos quais não permaneceu na instituição



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Em relação aos motivos pelos quais as pessoas não permaneceram nas unidades de acolhimento, a justificativa mais citada foi “outros”, com 281 respostas ou 34,1% do(a)s entrevistado(a)s. Esse dado pode indicar que o(a)s entrevistado(a)s não se sentiram seguro(a)s para revelar o verdadeiro motivo pelo qual não permaneceram acolhidos nas unidades.

A segunda justificativa mais citada para a não permanência do(a)s entrevistado(a)s nas unidades de acolhimento foram os “problemas envolvendo drogas”, com 104 citações ou 12,6% das respostas apresentadas.

De fato, muitas pessoas em situação de rua reclamam do uso de substâncias psicoativas no interior das unidades, enquanto outros reclamam das regras muito rígidas em relação a essa questão como, por exemplo, quando o trabalhador da unidade impede a pessoa em situação de rua de ser recebida quando esta fez uso de álcool. Trata-se de uma questão complexa que afeta sobremaneira tanto a população em situação de rua, quanto o(a)s trabalhadores(as) das unidades de acolhimento e os serviços prestados por tais equipamentos sociais.

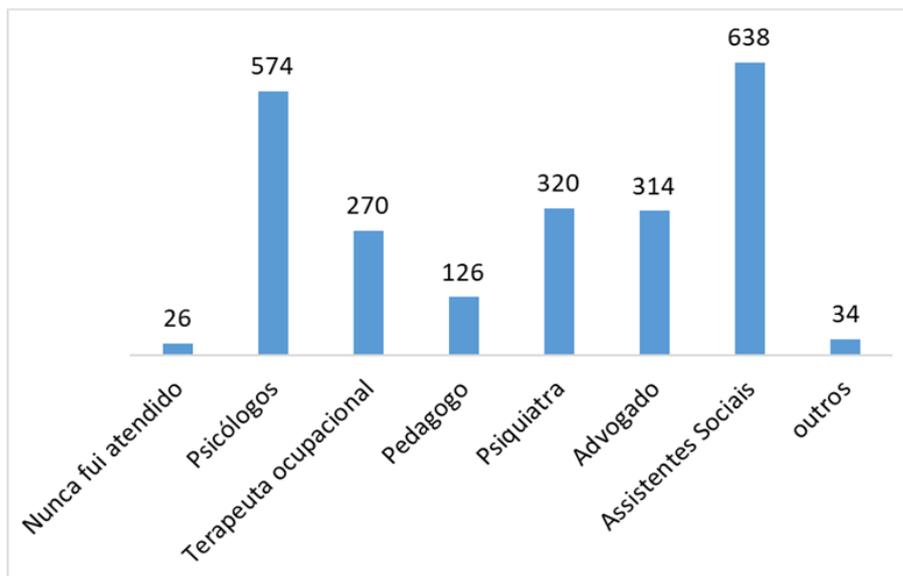
Em terceiro lugar como motivo para a não permanência no acolhimento, foram citadas “as regras muito rígidas”, indicadas por 75 pessoas ou 9,1%. Caso se some essa justificativa com a opção “não concordava com as regras religiosas”, indicada por 1,1% ou 9 respondentes, teremos no total 84 respostas ou 10,2% do total de indicações.

Trata-se de outra questão complexa, frequentemente discutida pelas equipes das unidades de acolhimento em reuniões com a rede e com o Ministério Público. Por um lado, tais instituições precisam de regras para poder organizar-se e funcionar adequadamente. Sob outra perspectiva, boa parte dos usuários afirma não conseguir enquadrar-se dentro de regras muito rígidas, em função de seu histórico de passagens por um sem número de instituições no decorrer da vida e também porque o período vivido diretamente nas ruas pode habituar a pessoa a viver longe dos regramentos institucionais.

Outro motivo para a não permanência no acolhimento foram os “conflitos com outros moradores”, apontado por 59 pessoas entrevistadas, ou 7,2% dos que responderam à pesquisa.

Esse dado, que reflete o quanto pode ser difícil a convivência entre pessoas com história de vida marcada pela exclusão e negação de direitos, também pode indicar o quanto é necessário o investimento no diálogo entre os moradores, entre estes e os funcionários do acolhimento, podendo indicar também como é importante a fixação de regras para a estadia e a convivência entre as pessoas acolhidas.

**Gráfico 65 – Profissionais pelos quais já foi atendido**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019)

Quando questionado(a)s em relação aos profissionais que já os atenderam, 638 ou 77,3% disse que foi atendido(a) por assistentes sociais; 574 ou 69,6% respondeu ter sido atendido(a) por psicólogo(a)s; 320 ou 38,8% afirmou que foi atendido(a) por psiquiatras; 314 ou 38,1% disse ter sido atendido(a) por advogado(a); 270 ou 32,7% respondeu que recebeu atendimento por parte de terapeutas ocupacionais e, finalmente, 126 ou 15,3% alegou ter sido atendido(a) por pedagogo(a)s.

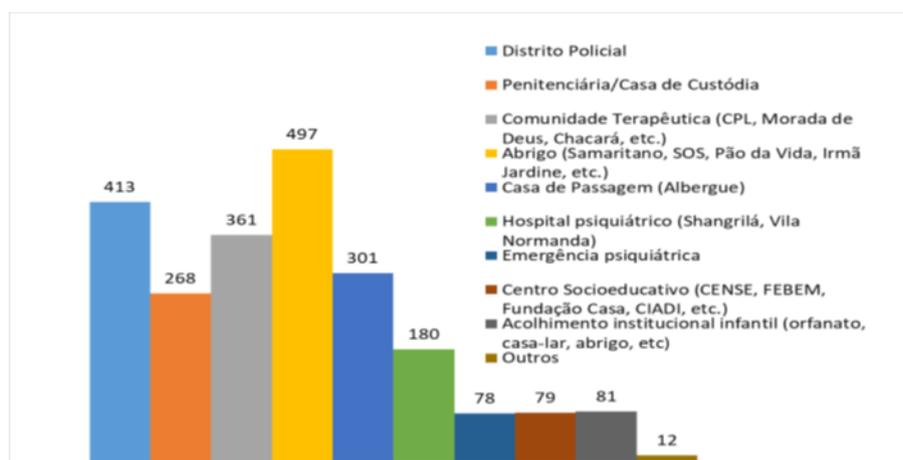
Dado significativo é o fato de que apenas 26 pessoas – ou 3,2% do(a)s entrevistado(a)s – ter afirmado que nunca foi atendido por nenhum profissional.

Os dados acima podem demonstrar que o atendimento da pessoa em situação de rua por um profissional que atue nas equipes da política pública da assistência social ou da saúde, entre outras, não tem o condão de, por si só, favorecer a superação da condição de “população em situação de rua”, pois é possível constatar que apenas 3,2% do(a)s entrevistado(a)s nunca receberam atendimento profissional, no entanto a totalidade do(a)s entrevistado(a)s continuava fazendo das ruas seu espaço de vida e sobrevivência, à época da realização das entrevistas.

Para que os atendimentos profissionais tivessem de fato efetividade, seria necessário que os profissionais dispusessem dos serviços e programas demandados pelo(a)s usuário(a)s, como vagas nas unidades de acolhimento, em cursos de formação profissional, em centros de tratamento de dependência química,

em colocação no mercado de trabalho, em iniciativas voltadas ao esporte, lazer, cultura, entre outras.

**Gráfico 66 – Instituições pelas quais já teve passagem**



**Fonte:** Pesquisa Pop Rua: estudos sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Quando questionados em relação às instituições em que já estiveram, 413 pessoas, ou 50,1% do total, disseram ter estado em distritos policiais, 268 pessoas, ou 32,5%, do total afirmaram ter estado em penitenciárias e 79, pessoas ou 9,6% do total, responderam que estiveram internadas no CENSE (Centro de Socioeducação).

Os dados revelam que um número muito significativo de pessoas em situação de rua pode estar sendo “selecionado” pelas forças de segurança pública para responder por crimes e atos infracionais, desde o período infante-juvenil.

Mesmo que os dados revelem a grande incidência da repressão policial sobre a população em situação de rua, isso por si só, não permite o aprofundamento desta análise.

Por outro lado, 497 pessoas, ou 60,2% do total, já passaram por unidades de acolhimento institucional, 301, ou 36,5%, estiveram em casas de passagem e 81, ou 9,8% do total, responderam que passaram por unidades de acolhimento institucional para crianças e adolescentes. Esse dado reforça a importância, antes discutida, das unidades de acolhimento para o público que vive em situação de rua – desde a mais tenra idade.

Ainda que os dados analisados anteriormente revelem uma relação conflituosa entre algumas pessoas em situação de rua e as unidades de acolhimento, tais espaços serão procurados por essa população, sempre que tais pessoas buscarem abrigo, proteção, calor humano e a satisfação das necessidades

humanas mais essenciais, como alimentação, banho e espaço para reposição do sono.

Os dados revelam ainda que 361 pessoas, ou 43,8%, do total alegaram já ter passado por comunidades terapêuticas para tratamento de dependência química, enquanto 180 pessoas, ou 21,8% do total, responderam ter recorrido a hospitais psiquiátricos e 78 pessoas, ou 9,5% do total, disseram ter passado por emergências psiquiátricas.

Os dados apresentados pela pesquisa indicam que a vivência da situação de rua pode expor as pessoas a intensos processos de sofrimento mental, que podem ou não ter relação com a dependência química.

Há que se questionar se o atendimento recebido pela população em situação de rua nas comunidades terapêuticas, hospitais psiquiátricos e emergências psiquiátricas tiveram, de fato, efetividade. No entanto, os dados disponibilizados por este estudo não permitem tal análise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Texto de orientação para o reordenamento do serviço de acolhimento para população adulta e famílias em situação de rua**. 2012. Disponível em: <<https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Anexos/fcd74bd2-b062-4b8b-b8bf-12caf78d9003.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua**. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/manual\\_cuidado\\_populacao\\_rua.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/manual_cuidado_populacao_rua.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n. 7053 de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.html)>. Acesso em: 03 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política nacional para Inclusão Social da População em situação de rua**. Brasília: MDS, 2008. Disponível em: <<http://www.cidadeviva.org/anjosdanoite/wp-content/uploads/2010/12/politica-nacional-para-inclusao-social-da-populacao-em-situacao-de-rua-para-consulta-publica.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social. **Política nacional para Inclusão Social da População em situação de rua**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.cidadeviva.org/anjosdanoite/wp-content/uploads/2010/12/politica-nacional-para-inclusao-social-da-populacao-em-situacao-de-rua-para-consulta-publica.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CABRAL JUNIOR, Luciano Roberto Gulart; COSTA, Eder Dion de Paula. Violências às pessoas em situação de rua: o Direito fundamental à segurança em xeque. **JURIS**, Rio Grande, v. 27, n. 2, p. 25-40, 2017.

COSTA, Daniel de Lucca Reis. **A Rua em Movimento**: Experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. 2007. 241 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KUNZ, G. S. **Os modos de vida da população em situação de rua**: narrativas de andanças nas ruas de Vitória/ES. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

LONDRINA. Prefeitura Municipal. **Plano Municipal de Saúde 2018-2021**. 2017. Disponível em: <[http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec\\_saude/Plano%20Municipal/plano\\_municipal\\_2018\\_2021.pdf](http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_saude/Plano%20Municipal/plano_municipal_2018_2021.pdf)>. Acesso em: 08 fev. 2018.

MATTOS, Patrícia. **O conceito de interseccionalidade e suas vantagens para os estudos de gênero no Brasil**. Congresso SBS, XV, 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Sociologia. Disponível em: <[http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=191&Itemid=170](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=191&Itemid=170)>. Acesso em: 14 jul. 2017.

MELO, Tomas Henrique de Azevedo Gomes. **A Rua e a Sociedade**: Articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua. 2011. 194 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

NETTO, José Paulo. Cinco Notas a propósito da “Questão Social”. **Revista Temporalis**, Brasília, ano II, n. 3, jan./jun. 2001.

OREIRO, José Luís. José Oreiro. **Aborda A Visão Keynesiana Sobre A Distribuição Da Riqueza No CBE**. [Entrevista concedida ao] CORECON-PR. 02 abr. 2015. Disponível em: <<http://cbe2015.org.br/noticia/jose-luis-oreiro-aborda-a-visao-keynesiana-sobre-adistribuicao-da-riqueza-no-cbe-2015/>>. Acesso em: 24 maio 2015.

PAUGAM, Serge. O Enfraquecimento e a Ruptura dos Vínculos Sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. *In*: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da Exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PNUD; IPEA; FJP. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. 2013. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130729\\_Atlas\\_PNUD2013.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130729_Atlas_PNUD2013.pdf)>. Acesso em: 02 abril 2019.

PRATES, Flávio Cruz; PRATES, Jane Cruz; MACHADO, Simone Araújo. Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Revista Temporalis**, Brasília, ano 11, n. 22, p.191-215, jul./dez. 2011.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de rua**. São Paulo: Hucitec, 2005.

SANTOS, M. B.; MACEDO, M. D. C.; MENDES, C.; NEVES, A. T. L. Relacionamentos interpessoais, população em situação de rua e família: realocações de papéis. *In*: GARCI, A.; PEREIRA, F. N.; OLIVEIRA, M. S. P. (org.). **Relações interpessoais e sociedade**. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2013. p. 15-28.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e população em situações de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Maria Ozanira da Silva *et al.* Pobreza no Brasil e na Argentina: dimensão e políticas de enfrentamento. **Revista de Políticas Públicas**, v. 11, n. 2, p. 171-196, 2007.

SILVA, Maria Ozanira da Silva. Os programas de transferência de renda e a pobreza no Brasil: superação ou regulação? **Revista de Políticas Públicas**, v. 9, n. 1, p. 251-278, 2005.

\_\_\_\_\_. A política pública de transferência de renda enquanto estratégia de enfrentamento à pobreza no Brasil. **Revista de Políticas Públicas**, v. 7, n. 2, p. 233-253, 2003.

\_\_\_\_\_. (coord.) **Comunidade Solidária**: o não-enfrentamento da pobreza no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.

SPOSATI, A. O caminho do reconhecimento dos direitos da população em situação de rua: de indivíduo à população. *In*: CUNHA, J. V. Q.; RODRIGUES, M. (org.). **Rua**: aprendendo a contar: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Brasília: MDS/SAGI/SNAS. 2009. p. 193-223.

## APÊNDICE

### EXPOSIÇÃO E BREVE ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS

Como pode ser verificado no questionário anexo, além das perguntas objetivas, cujas respostas geraram os dados anteriormente apresentados, a pesquisa reservou um espaço para *palavras do(a) entrevistado(a)*, e para *outras informações importantes ou impressões do(a) entrevistador(a)*. Do total de 927 formulários preenchidos, houve algum tipo de anotação em 465 (50,3%), assim distribuídas: 259 no primeiro campo, 131 no segundo, e 75 em ambos. Durante o processo de digitalização, observamos que essa delimitação nem sempre foi rigorosamente obedecida, tendo sido muitas vezes anotados depoimentos das pessoas entrevistadas no segundo campo. Nesses casos, foram registrados e computados no primeiro.

As anotações serão apresentadas abaixo, agrupadas conforme a classificação acima, e pelos assuntos abordados: impressões acerca da entrevista e/ou das pessoas entrevistadas motivos de se encontrarem em situação de rua, histórias e projetos de vida, opiniões sobre as políticas públicas de atenção à população de rua. Elas aparecem em três formatos: inteiramente entre aspas, indicando que foi com essas palavras que a pessoa entrevistada falou; sem aspas, quando o relato foi registrado livremente pelo (a) entrevistador (a), que conta o que a pessoa em situação de rua falou; uma mescla dos dois formatos anteriores.

Por uma questão ética, apenas as iniciais dos nomes das pessoas entrevistadas foram relacionadas, quando registrados, uma vez que esta informação era opcional. No campo afeto às anotações de entrevistadores (as), os nomes são informados sempre que tiverem sido registrados. Em uma pequena parte das entrevistas não aparecem.

Em respeito às pessoas que as pronunciaram, ao seu desejo de “passar a visão”<sup>20</sup>, todas as falas foram mantidas, mesmo que possam nos causar alguma estranheza. Acima de tudo elas têm, em nossa avaliação, grande importância para conhecermos em profundidade a vida da população em situação de rua, suas histórias, razões para estarem na rua, esforços para superação, ou mesmo manifestações de contentamento com a vida, e desejo de permanecer nessa condição, e, ainda, suas opiniões sobre as políticas públicas a elas dirigidas e suas

---

<sup>20</sup> Expressão bastante comum entre as pessoas em situação de rua, em especial as mais jovens.

sugestões para aprimorá-las, uma vez que este é o grande objetivo da pesquisa cujos resultados são aqui apresentados.

Este material complementa os dados objetivos da pesquisa, anteriormente apresentados, não sendo possível, contudo, neste momento, explorar toda a sua potencialidade de análise. Fundamental é poder dar voz aos sujeitos motivadores da pesquisa, deixar que falem por si mesmos, desejando que novas pesquisas venham a 86rejudi-la em profundidade, e, parafraseando Thiago de Mello<sup>21</sup>, dizer da dor que sentem, para 86reju-la a ter fim.

Entre as muitas indicações bibliográficas possíveis, capazes de ajudar na compreensão desta gravíssima questão social, sugerimos a leitura de *Vidas desperdiçadas* do sociólogo Zygmunt Bauman (Rio de Janeiro: Zahar, 2005).

### **“PASSANDO A VISÃO”: PALAVRAS DOS (AS) ENTREVISTADOS (AS)**

Foi possível observar que, ainda que a pergunta não tenha sido explicitamente formulada, a maior incidência de comentários das pessoas em situação de rua recaiu sobre os serviços que lhe são destinados, tanto para criticá-los ou apontar sua inadequação e/ou ausência, quanto para elogiá-los e/ou apresentar sugestões de aprimoramento. Trata-se de uma rica avaliação das políticas pública das quais têm ou necessitam da atenção. Foram expressivos, também, registros relativos aos motivos de estarem nessa situação, às suas histórias de vida, expressões de fé e desesperança, estas manifestadas até mesmo por quem se recusou a responder o questionário. Houve, inclusive, manifestações sobre o sentimento que a entrevista provocou, ponto de partida desta apresentação.

---

<sup>21</sup> MELLO, Thiago de. **Já faz tempo que escolhi**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/11994/ja-faz-tempo-que-escolhi>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

<b>A ENTREVISTA: SENSações E EXPECTATIVAS</b>
“Fazer essa entrevista foi como conversar com um psicólogo. Foi bom se abrir e falar” (D.M)
“Bom ser entrevistado, e que o sistema POP possa obter resultados com a pesquisa” (O.S.)
“Que Deus abençoe isso aí [a pesquisa], e que eu possa ser feliz” (L.L.)
“Eu, Sidnei, achei ótima a entrevista” (S.)
“Se alguém ler essa pesquisa, por favor, dê atenção pra gente, e que tenha uma solução pra nós, porque tem gente que quer sair dessa vida. A maior parte não tá pedindo, tá gritando por ajuda! O fato de estar usando droga, ou catando latinha, é uma forma dela [a pessoa] pedir, dizer: ‘ó, eu não quero estar aqui, eu quero estar em casa’. A gente vive numa mansão chamada rua. A gente nem sabe em qual quarto mora de tão grande que é” (C.R.)
“Espero uma resposta a partir dessa pesquisa” (J.S.)

<b>A SITUAÇÃO DE RUA: MOTIVOS EXPLICITADOS E SENTIMENTOS RELACIONADOS</b>
<b>Entre a casa e a rua: conflito e violência familiar, dependência química, desemprego, desejo de vida e liberdade (o “vício” da rua)</b>
“Tenho casa, mas não gosto de ficar lá, meus pais me encham o saco às vezes” (V.L.B)
“Não recomendo essa vida para ninguém. Estou aqui porque meu pai não me aguenta, briguei com ele e essa é uma forma de protesto. Posso sair dessa vida quando quiser, e se quiser” (M.R.C.)
“A dependência química e o vínculo familiar dificulta na saída da rua” (C.R.)
“Nenhuma lágrima de uma mãe liberta um filho condenado” (C.A.M.)
“Estou na rua por ser dependente de álcool e cigarro. Pretendo sair ainda, amanhã. Quando faço <i>freelance</i> , tenho dinheiro para pagar hotel. Fico variando entre estar ou não em situação de rua” (C.)
“Se eu sair da rua eu morro” (A.)
“A rua é um vício. Estou nessa situação, pois gosto de liberdade, mas a falta de emprego que me empurrou pra rua. Se eu conseguir emprego, vou terminar de construir minha casa e sair da rua. Pretendo ficar em Londrina até dezembro só” (P.C.)
“Não consigo mais ficar dentro duma casa. Eu me adaptei na rua; só vou sair com a morte... A casa da família tem tudo, mas parece uma prisão” (R.T.P.)
“Venho aqui [na Concha] por uma necessidade, mas me sinto bem aqui de ver esses irmãozinhos. Aqui também ouço a palavra de Deus que é mais um incentivo para eu não me jogar de vez” (R.A.E.)
“Na rua vale a lei da rua: se desrespeita um irmão os outros tiram satisfação” (V.P.J.)
<b>As idas e vindas em busca de “apoio” e “oportunidades”<sup>22</sup></b>
C. trabalha formalmente e se orgulha disso, mas quer sair do trabalho e ir embora para Santa Catarina procurar uma nova oportunidade de vida. Disse que não quer sair da rua porque se sente solitário e não sabe lidar com a solidão
L.R.S. está há sete meses na rua, mas já ficou em situação de rua em outras ocasiões
F.M. chegou ao Brasil em 2016. Já ficou em acolhimento em São Paulo, saiu após

<sup>22</sup> Ao fazermos uma busca com o localizador de palavras no texto, podemos verificar que estas aparecem com bastante frequência.

conseguir trabalho. Veio para Londrina em busca de trabalho, está em processo de contratação. Quando começar a trabalhar vai alugar um local, assim como fez em São Paulo
H. contou que chegou de Bauru há aproximadamente 6 anos para trabalhar. Ficou no Bom Samaritano, onde recebeu restrição e acabou ficando na rua e agora já se acostumou, e não quer saber do Centro POP nem de ajuda de ninguém. Atribui ao abrigo a sua situação de rua. Disse que não bebe há mais de 10 anos
W.A.B veio de Curitiba para trabalhar e acabou abandonado na cidade. É pedreiro, gostaria de ter oportunidade de trabalho
V.P.S. recebe BPC, tem onde dormir: quarto alugado na Vila Brasil. Vem para se alimentar <sup>23</sup>
<b>Documentação</b>
R. mostrou-se preocupado com a sua documentação, principalmente com o título de eleitor, pois gostaria de ir votar
“Preciso tirar documentos” (A.A.)
C.S. informou que está tirando sua documentação, pois foi roubada. E informou que quer tirar seu passaporte e trabalhar como pintor em Portugal
<b>Ser ou não ser, estar e não estar, eis a questão</b>
“Eu não sou morador de rua, eu tô na rua” (C. R.)
M.B.F. relatou que não está em situação de rua. Verbalizou que estava a trabalho em Cornélio e sofreu um infarto, e só está no abrigo para fazer o tratamento médico. Falou que vai voltar para São Paulo assim que receber alta
J.K. não gosta de ficar na rua; alugou um quarto, mas fica na rua para passar o tempo. Não aceita que é pessoa em situação de rua porque não é usuário de SPA. Já ficou na Rodoviária quando não pode pagar um lugar. É japonês, e expressa preconceito em relação aos moradores de rua. Passa o dia e parte da noite na rua, principalmente para se alimentar
<b>Discriminação, invisibilidade, prisão, e “uma luz no fim do túnel”</b>
“Às vezes você vai falar com uma pessoa, ela te agride. A sociedade te agride, a sociedade julga muito os moradores de rua... Todo mundo tem algum vício, pode ser de droga, de jogo, de zona” (I.W.O.)
“A sociedade discrimina muito. Muita gente não gosta de quem mora na rua” (C.R.O.)
M.A.P. relatou que algumas vezes pessoas na rua ao verem começam a esconder a bolsa, o celular
R. saiu hoje da penitenciária, mas já estava em situação de rua
J.C.F. se envolveu com o tráfico, se considera um assassino, mas hoje diz que está recuperado, houve uma mudança na vida dele
<b>A “culpa” é de quem?</b>
“Acho que a maioria das pessoas está na rua por suas decisões” (D.C.B.)
“Tudo isso aqui é culpa minha mesmo; eu que não soube aproveitar o que Deus pôs na minha vida” (V.P.J.)
“Feliz daquele que olha para si mesmo e não culpa ninguém pelos seus fracassos”

<sup>23</sup> Referência as chamadas “bocas de rango”, locais onde há distribuição de alimentos por parte de entidades religiosas: Casa da Sopa, Concha Acústica, Bosque, calçada em frente à Sonkei, calçada em frente ao supermercado Condor.

(R.Q.G.)
“Somos o que repetidamente fazemos. A excelência, portanto, não é um feito, é um hábito” (Aristóteles, citado por J.)

<b>HISTÓRIAS DE VIDA: FAMÍLIA E TRAJETÓRIA</b>
E.G. diz que sua ex-mulher se suicidou e deixou sua filha de 1 ano na vida, por conta da dependência do álcool
J.F.A. possui mais de 10 filhos, porém só tem reconhecimento 2. Sofreu agressão pela ex-mulher e por isso nunca quis nada a sério novamente devido a essa experiência passada
L.S.C. tem 9 filhos, mas não conhece a maioria deles; disse que vai embora para Curitiba morar com a filha mais nova
H.S. não vê nem tem contato com os filhos há mais de 10 anos
V. foi vítima de violência sexual – estupro do próprio pai. Está em situação de rua por isso
S. foi abandonada quando era criança, viveu em orfanatos e casa de parentes. Tinha uma casa, que conseguiu pela COHAB, mas foi expulsa por traficantes
“Amo muito minha família, mas perdi tudo por causa de pinga. Mas eu fui um bom pai, meu filho está trabalhando. Eu aprendi ‘só por hoje’, o amanhã não me pertence” (O.M.C)
“Não tenho uma família, tenho uma quadrilha” (A.C.)
“Fui abandonada pela minha mãe e criada pela minha avó, falecida há 2 anos” (V.C.P)
L. contou que já tinha o desejo de sair viajando, e devido a conflitos familiares, adiantou essa saída. Agora está voltando para o Uruguai, mas devido à falta de dinheiro para pagar uma passagem direta, foi passando por diversas cidades e está indo assim, até chegar ao Uruguai. Disse que em alguns lugares é tratado mal por ser estrangeiro e por não ter documentos daqui
“Sempre fui trabalhador, não preciso estar assim. Eu tinha minha casa e minhas filhas. Fui pra rua depois que me separei da segunda mulher. Depois não consegui mais estabilizar por conta de falta de trabalho e de droga. Tem hora que sinto vergonha de mim, mas sei que posso ser diferente” (A.L.S.)

<b>O DESEJO DE “SAIR DESSA SITUAÇÃO”: MOTIVAÇÕES E FATORES DE FORTALECIMENTO</b>
“Quero sair dessa situação” (F.M.)
“Querida sair dessa vida. Já tentei de várias formas” (S.C.S.)
“Dificuldade para romper barreiras” (J.S.)
“A vida tá complicada. Quero sair dessa situação o mais rápido possível” (J.P)
“Quero voltar para casa” (A.)
“Quero chegar mais próximo da família” (G.S.S.)
“O dia que arrumar um lar, largo o álcool” (J.G.A.)
“Necessito de apoio para trabalho” (V.B.)
“Quero arrumar serviço fixo e estabilizar” (N.B.)
“Quero juntar dinheiro e voltar pra minha aldeia” (B. da Terra Indígena Apucarantina)
“Querida ter minha dignidade de volta, porque morar na rua não é para ninguém” (B.P.)
“Ficar na rua é sofrido. Tem que aproveitar quando a pessoa quer ajuda para sair dessa

vida” (D.A.P.)
C.M.S. tem vontade de sair da rua, trabalhar, cuidar da mãe que agora não tem mais condições. Quer formar uma família.
“A família me apoia na cura [está internado em Comunidade Terapêutica] Posso fazer diferente agora, depende de cada um” (F.)
“Estou aprendendo agora, minha juventude foi só na rua. Daqui (da Comunidade Terapêutica) eu quero só melhora. Quero procurar meus irmãos e mostrar que mudei, arrumar um serviço...” (A.)
“Eu só queria igualdade, independente de qualquer coisa” (M.)
“Que as pessoas sejam mais humildes e que acabem as drogas” (W.M.R.)
“Coloca aí que o Lula amanhã vai ganhar!” <sup>24</sup>
“Viver essa vida louca não é fácil. O certo é parar; depende de cada um”
“A gente tem que pesar o melhor pra gente” (G.J.S.)
“Se você tem um sonho, o foco é persistir” (J.C.)
“Só sai da rua o sujeito que toma vergonha” (C.)
“O tempo revela tudo. Tenho medo do tempo. Aproveite o tempo que tem” (J.S.)
“Oportunidades na vida são ricas e únicas. Pois nós devemos entender que todas as coisas cooperam para o próprio bem de si mesmo. Busque enquanto se pode achar e faça valer a pena tudo que te proporcionaram” (E.P.N.)
“Que Deus nos abençoe e nos dê sabedoria, paz, fé e mansidão” (M.)
“Deus é mais” (C.S.)
“Fé e coragem” (L.)
“O que Deus manda, eu participo. Ele me ajuda” (A.A.F.)

<b>AVALIAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: VELHAS HISTÓRIAS, NOVOS PERSONAGENS<sup>25</sup></b>
“O Governo deveria abrir mais espaço para a população de rua e os animais” (S.A.)
“O país tá muito ruim, muita roubalheira, muita gente morando na rua” (J.M.C.)
“O dinheiro público (do governo) tem que ter transparência.” (C.R.)
“Precisa mais atenção do governo” (W.B.)
“Os políticos, o governo, deveria se preocupar mais com os indivíduos na sociedade” (A.D.F.)
“Gostaria que o governo ajudasse mais” (A.P.P.D.)
“Precisa aumentar a oferta de serviço e benefícios para as pessoas saírem da rua” (J.G.R.)
“Não incentivar o acolhido a viver na rua, mas sim, fazê-lo voltar para a sociedade. Pra fazer isso tinha que mudar o Brasil, porque o que sobrou pra gente foi só a ‘rapa’. Se a

<sup>24</sup> Entrevista realizada na véspera do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, dia 06/10.

<sup>25</sup> Nesta seção relacionaremos primeiro as avaliações gerais, que se referem ao conjunto das políticas de atenção às pessoas em situação de rua, seguidas das específicas a cada uma das áreas. Optamos por colocar em primeiro plano aquilo que apareceu com maior intensidade: as críticas e sugestões. Os elogios e expressões de gratidão vêm em seguida.

gente tivesse uma boa educação, boa saúde e emprego, o resto a gente dá conta” (E.M.F.)
“Falta apoio nas políticas públicas, alguém que faça a diferença neste meio” (M.E.)
“Não fornecem assistência, banho escasso, é um cúmulo toda essa situação” (M.O)
“Caps e acolhimento é redução de danos. Falta um projeto de ressocialização; tem que oferecer trabalho” (J.E.M.)
“Precisa de mais atendimento odontológico e jurídico” ( R.I.C.)
“Deveria haver parcerias com a Secretaria do Trabalho para nos dar oportunidades. E também aumentar o valor do benefício enquanto não conseguimos trabalho” (W.A.)
“Saí do Rio de Janeiro e vim em busca de oportunidade no Paraná. Ouvi falar muito bem do trabalho feito por aqui e até o momento estou satisfeito” (C.J.F.)
“Precisa respeito com quem vem de fora” (R.F.)
“O governo e assistentes sociais deveriam dar mais atenção para as pessoas em situação de rua. A receptividade é maior com as pessoas que são da cidade, mas o direito é de todos. Tem gente que está na rua não porque quer” (J.C.S.S.)
“Aumentar a oferta de alimento e roupas pelos serviços públicos” (N.J.C.)
“A culpa vem da prefeitura, em relação a instituições, não tem estrutura, o atendimento não é abrangente, não tem nenhum pão pra comer” (L.F.L.)
“Dar atenção maior às meninas na rua” (M.)
“Policial mal preparado; tem que saber chegar nas pessoas; pessoal da saúde trata com pouco caso (exceto o consultório de rua)” (L.)
<b>“As histórias são sempre as mesmas, só mudam os personagens” (F.)</b>
“Eu fui bem tratado, tudo que precisei me ajudou” (F.C.E.)
“Eu agradeço a atenção de vocês, que Deus abençoe.” (W.A.B.)
“Eu me considero uma pessoa curada e vitoriosa. Fui dependente de crack e álcool. Consegui superar através dos acompanhamentos social e psicológico do CAPS-Ad, Consultório na Rua, Centro POP, além de ser bem acolhida nos abrigos. Também foi ótima minha passagem pelo Conselho de Assistência” (V.A.)
“Os serviços fazem, basta eles acatarem. Falta vergonha! Só sairá das drogas se tiver vergonha na cara, se parar de manguear, que aí não terá dinheiro para usar drogas” (G.A.S.)
“Estou vivo graças às pessoas que trabalham me atendendo” (M.B.O.)
<b>Assistência Social</b>
<b>Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop)</b>
“No Centro Pop tem muito pouco banho” (I.B.)
“O atendimento no Centro Pop é muito demorado!”(I.B.)
“Não tenho paciência pra esperar atendimento no Centro POP, que fica todo mundo brigando por comida” (M.)
“A Assistência não faz nada pelos moradores de rua, e tem as preferências, escolhe” (C.R.)
“Noutros lugares se o cara fuma crack com o Bolsa Família, corta; aqui não! O Centro POP tem que rastrear, porque pessoas que precisam de verdade ficam abandonadas. O único lugar suave é aqui em Londrina! A pessoa pega passagem, vende! Pega Bolsa Família, usa droga! Tinha que mudar a regra, ter uma regra boa” (I.B.)

“O Centro Pop me ajudou muito, mas devia ter um espaço maior para ajudar mais pessoas, e mais funcionários, porque eles são a única ajuda” (P.R.O.)
“O Centro Pop ajuda muito, gosto muito” (I.)
“Quero muito ajuda dessa equipe do Centro POP, para que eu venha ser alguém que eu possa ajudar meus irmãos de situação de rua, que era o mesmo que eu me encontrava, e quero fazer a diferença nesse mundo que nós vivemos hoje. Muito obrigado!” (M.)
“O atendimento é bom, mas tinha que ter disciplina mais rigorosa. Tem que ter respeito dos dois lados, os educadores não podem querer ser mais que os atendidos, humilhar, deixar pra fora” (A.A.F.)
<b>Serviço de Acolhimento Institucional (Abrigos)</b>
“Falta abrigo.” (E.M.)
“Precisa mais abrigos.” (M.R.)
“Acontecem [nos abrigos] humilhações, abuso de poder; pessoas alcoólatras não podem entrar, mesmo em dia de chuva” (J. C.M.)
“É melhor ficar na rua do que ir pra abrigo” (K.)
“Samaritano é pior que a rua” (M.C.)
“[Sugere] Mais oportunidade de poder estar em abrigo menos lotado, pois as pessoas poderiam ter uma noção de como é ter uma casa com suas próprias regras, pois há muitos moradores de rua que não têm noção de como é ter sua casa, poder tomar um banho quente, assistir uma novela, fazer uma comida sem se preocupar com os seus pertences, se não vão ser roubados” (R.F.S.)
“Leio o jornal e diz que sobram vagas no abrigo, porém as pessoas vêm para suprir as necessidades básicas, como água (banho) e fome e saem, pois, a rua, tudo é mais fácil (álcool e drogas)” (M.E.)
“Seria importante um lugar diferente de abrigo para quem está trabalhando, até se restabelecer” (A.A.S)
“O acolhimento [Bom Samaritano] está de parabéns. Tiro o chapéu para os profissionais” (J.S.)
“Bom Samaritano é bem limpo” (A.)
“Precisa uma casa para diferenciar as pessoas que querem trabalhar até se levantar, para não ficar em situação de rua. Tem que passar uma peneira para diferenciar quem tá na dependência química alta daqueles que estão em condições de fazer cursos e trabalhar. A pessoa precisa de um tempo pra se estabilizar, não pode ser jogada na rua quando termina o prazo, como aconteceu quando estava na Casa de Passagem. Parabéns para o CPAM, tem que ter ordem!” (E.L.V.)
<b>Saúde</b>
“Preciso fazer tratamento das pernas” (A.A.)
“Falta saúde, cuidar dos idosos que estão na rua” (D.D.S.)
R.D. tem muitos machucados por causa de briga na rua
R. tem HIV.
<b>Saúde bucal</b>
“Precisa de mais atendimento odontológico”( R.I.C.)
W.S. nunca teve um tratamento de saúde bucal contínuo; no momento só tem quatro dentes e disse que precisa de um implante
I.A. precisa de uma prótese dentária
<b>Saúde mental</b>

“Eu quero um tratamento pra mim poder colocar minha mente em dia” (R.T.P.)
“Quero ser internado [para tratar a dependência química] num lugar onde ninguém passa a mão na minha cabeça, senão eu engano todo mundo” (C.R.)
“Tem que ter apoio de verdade; assistência se saúde pública fraquejam muito, não dão apoio de verdade” (C.R.)
“A pinga é minha melhor amiga” (J.C.M.)
“Quero ajuda com psicólogo particular pra superar o vício” (J.)
“Estou tranquilo, em constante luta para parar o uso” (J.S.)
“Enquanto houver drogas vai haver pessoas que usam. Precisa instruir as crianças. A sociedade não tem noção dessa doença, só acha que a pessoa é ‘noiada’. A sociedade deveria entender mais, senão, mesmo se tratando a pessoa fica marcada como noiada, bêbada...” (W.W.P.)
“O lugar mais cracolândia em Londrina é o Novo Amparo; tem crack até de R\$2,00. Depois das 10 ferve; a viatura nem desce mais lá. A mata ali do Boulevard também, parece walking dead. Perdeu tudo por causa das drogas, até mulher, família. Sente muita vergonha” (B.)
“É preciso investir mais em segurança para reduzir o acesso, ou até acabar, mas não há interesse, é cômodo porque acaba facilitando o desvio de verbas; é cômodo e conveniente que a população use drogas. Morou no exterior, lá se diz que o Brasil é um país riquíssimo, as melhores mercadorias produzidas aqui são vendidas lá. Falta mesmo ao nosso país a vontade política de fazer do país uma potência mundial. O nosso combustível é exportado pra Argentina e lá se paga 1/3 do valor daqui, e se as pessoas se dopam não veem as falcatruas” (E.G.G.)
<b>CAPS-AD</b>
“No CAPS-Ad falta estrutura e profissionais capacitados”
I.B. foi ao CAPS-AD pediu remédio para dormir e não deram. Queria remédio para dormir para não ter que usar pinga; usa pinga para dormir.
<b>Comunidade Terapêutica</b>
“A internação [na C.T. Resgate] está sendo boa. Espero mudar de vida” (G.S.)
“Passei por várias clínicas, comunidades, mas nunca tive um ensino tão profundo quanto o da Água Verde” (M.O.)
“Deve valorizar mais as Comunidades Terapêuticas e haver menos discriminação, porque a dependência química é uma doença progressiva e fatal, e na Comunidade aprendi isto” (W.L.S.)
“A dependência é uma doença incurável e fatal... a maioria quer beber sim, é raro quem não queira, mas precisa ter muita opinião, e mudar hábitos, amizades, lugares. O Credequia é excelente, uma das melhores comunidades terapêuticas do sul do país. Tem que ter regras!” (O.T.)
“Colegas utilizaram internamento e voltaram a usar” (C.P.S.)
“Tenho nojo de Comunidade Terapêutica, uma das coisas mais terríveis que tem, mau atendimento; eles criaram uma ilha de fantasia, não têm noção nenhuma. Tinha que fechar tudo” (J.C.M)
<b>Previdência Social</b>
J.A.P. disse que está precisando se aposentar, mas teve atestado recusado pelo INSS
H.S. está esperando sair a aposentadoria e depois vai embora de Londrina

<b>Trabalho e Renda</b>
“Os governantes tinham de zelar mais para as pessoas não ficarem desempregadas. Falta emprego; trabalhando me sinto bem” (W.M.S.)
“Precisa melhorar a oferta de serviço” (C.L.S.)
“Gostaria que tivesse mais empregos para as pessoas” (M.S.)
“Eles deveriam criar uma política melhor de qualificação profissional” (J.I.S.)
“Falta oportunidade de emprego” (J.G.S.)
“Emprego, oportunidades faltando” (F.B.)
“Oportunidade de trabalho: Sempre trabalhei e paguei meu quarto. Faz 15 dias que estou nessa situação. O que preciso é trabalho” (J.E.A.)
“Deveria ter uma forma de encaminhar quem quiser para emprego” (P.)
“Deveria ter um alojamento para abrigar os trabalhadores que queiram trabalhar” (I.W.O.)
“Tem trabalho batendo na porta, porém agora estou em tratamento de saúde: visão. Sempre que dá indico para os amigos do abrigo” (B.)
[Existe] “exploração dos usuários de substâncias que são empregados por baixos salários” (J.S.)
<b>Educação</b>
Fez dois anos de Direito no CESUMAR. Interrompeu os estudos porque “a vida descontrolou” (C.R.)
O entrevistado disse que foi expulso da escola: “A professora batia muito. Botei um revólver na cara dela” (A.A.F.)
Estudou técnico em Contabilidade (M.B.)
<b>Cultura</b>
<p>Justo eu que me esforçava,  Em servir a majestade  Fui um dia ter vontade...  Uma vontade de ser rei.  De um reinado diferente,  Imagine só o dia que  O palhaço fosse rei!  Todo mundo sorria  Até quando eu não sabia,  Até hoje ainda não sei...  Mas o fato é que tentei  (Chico Viola)  (R.W.G.S. – preenchido pelo próprio)</p>
O entrevistado fez menção à capoeira quando perguntado sobre a sua religião; se classificou em três opções: Africana e afro-brasileira, Cristã/ Católica e Outros: Capoeira. (J.)
<p>Sufrimento, dor, ódio, rancor, alegria momentânea, conflito interno.  Amizades boas, péssimas escolhas, a saudade se destaca, os músculos tensos.  Sinto medo, o futuro me assombra, o passado se põe presente.  Com a ponta dos meus dedos massagens em acúmulos irritantes de energia.</p>

Desejos reprimidos, pensamentos se assimilam lentos. (R. – preenchido pelo próprio)
“Preciso de um violão” (C.P.S.)
<b>Esporte e Lazer</b>
M. gosta de futebol. Gostava de ir no estádio ver jogo do Londrina.
<b>Segurança Pública</b>
N.A.B. disse que já apanhou muito da Guarda Municipal: fizeram comer maconha, usaram cassetete etc.
E.M.S.S. mencionou violência sofrida na Rodoviária, pelos seguranças, tentando tirá-lo diversas vezes do local
L. disse que só dorme em praças e bancos, lugares onde possuem muitas câmeras
“Fui preso” (F.)
“Nunca entrei para o crime.” (I.V.S.)
“Na infância, sofri todo tipo de violência; minha adolescência passei consumindo álcool e drogas; na juventude, fui segregado injustamente nas masmorras penais do Estado do Paraná. Não sou traficante. Hoje, minha fase adulta, estou trancando curso na UEL, pois sou usuário de crack e preciso reconstituir minha saúde. Ao Ministério Público do Paraná e a todos os juízes desembargadores do Tribunal de Justiça, deixo-lhes a mensagem: retribuirei ao Estado com a mesma moeda. Vocês me torturaram na cela em São Jerônimo da Serra. Vocês me condenaram por tráfico de drogas. Repito, não sou traficante. Vocês destruíram a minha vida” (F.)
<b>Habitação<sup>26</sup></b>
“Querida que todos os moradores de rua tivessem casa” (R.)
“Quero uma casa pra morar, e trazer meus filhos, minha mulher. Se eu tivesse condições, eu não precisava pedir esmola!” (N.N.)
“Gostaria de sair da rua se tivesse uma casa para morar e cuidar da vida” (A.C.)

## INFORMAÇÕES E IMPRESSÕES DOS (AS) PESQUISADORES (AS)

Como foi dito no início deste capítulo, a maior parte das anotações feitas neste campo referiam-se a relatos feitos pelos (as) entrevistados (as), e foram, portanto, deslocadas para o campo anterior, mantendo-se aqui apenas as informações e impressões acerca da recusa em participar, e aquelas decorrentes da interpretação de quem realizou a entrevista, cujo nome é informado sempre que tiver sido registrado, já que em uma pequena parte das entrevistas não aparece. Em geral as afirmações são, repetidamente, precedidas das palavras o (ou a)

---

<sup>26</sup>Aqui o desejo de ter uma casa revelou-se mais forte entre as mulheres, que são minoritárias entre as pessoas em situação de rua e, conseqüentemente, entre as pessoas entrevistadas, porém majoritárias em comentários que nos remetem à política de habitação: as três primeiras falas são femininas, o que representa 60% do total de manifestações relacionadas ao desejo de ter uma casa.

entrevistado (a), que foram suprimidas justamente por causa da repetição, já que todas as afirmações se referem à pessoa entrevistada.

<b>ANOTAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA</b>
<b>Resistências, receios, dificuldades, dores e desistências</b>
Um senhor foi abordado, mas se recusou a responder e não quis se identificar, e alegou não ter respondido o questionário. (Ana Paula)
Estava na mendicância; abordado, recusou-se a responder: “Eu vou confiar em pesquisa?!” (Clarice Junges)
Se negou a responder; informou que possui residência (rua como cena de uso); estava pedindo dinheiro no semáforo. (Kemeli)
Teve receio de que a entrevista fosse prejudicá-lo, porém após um intervalo foi possível terminar a entrevista. Mostrou-se perturbado com as perguntas mais pessoais e pesadas, principalmente sobre a morte de companheiros. (Pedro)
E. estava com receio de que fôssemos alguma equipe de internação por causa do uso de drogas, mas aceitou responder o questionário quando lhe disse que era apenas uma pesquisa (Alice)
Teve dificuldade em responder, pois sofreu um traumatismo craniano, e pelo uso de drogas. Também sofreu maus tratos de familiares. (Eduardo e Raphaela)
Estava falando comigo quase dormindo; quase caiu de sono, mas respondia com clareza. (Kawana)
Estava exausto; o final da entrevista foi difícil porque cochilava. Estava há dias no uso. (Clarice Junges)
Estava deitada na calçada sem condições de conversar, não conseguia nem abrir os olhos. É conhecida desde criança pelos serviços da rede. Família com muitas vulnerabilidades. (Danieli)
Estava de passagem pela Av. Leste-Oeste seguindo em direção à UPA. Disse que não estava bem e precisava de atendimento médico, e que não iria responder o questionário. (Rozinaldo)
Não consegui todas as respostas; o traficante ficou do nosso lado esperando a entrevistada para entregar droga, e ela estava aflita, respondia o que vinha na cabeça por estar com pressa para usar droga. (Kawane – Bratac)
Chorou durante o questionário, falando sobre a família; perdeu duas filhas com um ano de idade e isso dói muito nele. (Aparecido/Kawana)
Chorou durante a entrevista. (Mariluci)
Estava fumando juntamente com outros dois na Leste-Oeste; se recusou a participar da pesquisa e saiu de perto do grupo. (Rozinaldo)
“Deficiente intelectual” (Kassiane Sampaio)
<b>Elogios às potencialidades das pessoas entrevistadas</b>
Muito comunicativo. (Giovana Mormeve)
Rapaz bem articulado, conversa muito bem. (Kawane)
Bastante comunicativo e com grandes chances de sair da situação de rua. (Giovana Ellen Mormeve)
Bastante comunicativo, educado e receptivo, e pareceu bastante lúcido. (Fernanda Nunes)

A entrevistada foi muito gentil, fez questão que sentássemos na sua coberta para realizar a entrevista. (Clarice Junges)

É uma pessoa com muita bagagem e vivência de rua, uma pessoa incrível. (Gabriela Nogueira)

#### **Outras constatações e orientações**

Foi muito objetivo em responder, disse apenas o necessário, não falou nada de sua vida pessoal além do que foi perguntado. Não quis acrescentar nada. (Daphne)

Gringo; se encontra em Londrina há uma semana; natural da Colômbia, pardo. (Heloísa Dias)

Se declarou heterossexual, mas durante a entrevista declarou que teve relações sexuais com outro homem. (Carlos Alexandre Guimarães)

As questões que estão assinaladas com x do lado é para desconsiderar (Nara)

Percebemos que o desemprego pode levar muitas pessoas a buscar abrigos e estar em situação de rua; já sofreu violência pelos ex-maridos e buscou tratamento psicológico. (Heloísa Dias)

Observei que o sujeito não conhecia muito bem a rede de saúde pública, pois precisava muito de atendimento odontológico, porém relatou não ter recursos. A pesquisadora orientou que fosse a uma UBS ou consultório da UEL. (Lorena Carvalho)

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO

#### Pesquisa Municipal Sobre Pessoas em Situação de Rua Londrina/PR – 2018

**Nome (opcional):** \_\_\_\_\_

Entrevistado (a)

**Local:** \_\_\_\_\_

**(1) Você já foi entrevistado por essa pesquisa Pop Rua?**  a) Sim  b) Não

**(2) Você está em situação de rua?**  
 a) Sim  b) Não

**(3) Há quanto tempo você está em situação de rua?**

- a) de 1 dia a 6 meses
- b) de 7 meses a 1 ano
- c) de 1 a 2 anos
- d) de 3 a 5 anos
- e) de 5 a 10 anos
- f) de 11 a 15 anos
- g) de 16 a 20 anos
- h) de 21 a 30 anos
- i) mais de 30 anos

**(4) Qual sua idade?**

- a) menos de 12 anos
- b) de 12 a 17 anos
- c) 18 a 24 anos
- d) 25 a 36 anos
- e) 37 a 50 anos
- f) 51 a 60 anos
- g) 61 a 80 anos
- h) mais de 80 anos

**(5) De que cor você se considera? (apenas uma das opções):**

- a) Branca
- b) Preta
- c) Negra
- d) Parda
- e) Amarela
- f) Indígena

**(6) Seu sexo (gênero):**

- a) Feminino
- b) Masculino
- c) Sem resposta
- d) Transexual
- e) Travesti

**(7) Qual sua orientação sexual?**

- a) Heterossexual
- b) Homossexual
- c) Bissexual
- d) Pansexual
- e) Assexual
- f) Outros

**(8) Estado Civil?**

- a) Casado(a)
- b) Separado(a) / divorciado(a)
- c) Solteiro(a)
- d) Viúvo(a)
- e) União Estável (amasiado, companheirismo)
- f) Outros

**(9) Quais documentos possui? (multi – ler as opções)**

- a) RG
- b) CPF
- c) Certidão de Nascimento
- d) Certidão de Casamento
- e) Certificado de Reservista
- f) Carteira de Trabalho
- g) Título de Eleitor

- h) Passaporte
- i) Certidão de União Estável
- j) Outros. R: \_\_\_\_\_

**(10) Qual cidade você nasceu?**

R: \_\_\_\_\_

**(11) Qual cidade morou mais tempo?**

R: \_\_\_\_\_

**(12) Qual foi a última cidade que morou antes de Londrina?**

R: \_\_\_\_\_

**(13) Por quais razões saiu da sua região de origem/ que morou mais tempo? (multi – espontânea)**

- a) Busca de trabalho
- b) Busca de tratamentos
- c) Busca de Oportunidades
- d) Devido ao uso de SPA
- e) Violência, ameaças
- f) Desentendimento com familiares
- g) Afastamento de companhias indesejadas
- h) Insatisfação pessoal
- i) Separação, divórcio
- j) Viuvez
- k) Vergonha
- l) Curiosidade e/ou vontade de conhecer outros lugares e pessoas
- m) Em Londrina é mais fácil para um “morador de rua” sobreviver do que em minha cidade de origem
- n) Outro

**(14) Você possui animal de estimação?**

- a) Sim
- b) Não

**(15) Se possui religião, qual/quais é/são a(s) matriz(es) pertencente(s) à sua religião?**

- a) Judaica
- b) Islâmica
- c) Oriental
- d) Ateísta
- e) Hinduísta
- f) Africana e afro-brasileira
- g) Esotérica
- h) Indígena
- i) Satanista
- j) Cristã - Católica
- k) Cristã - Protestante/ Evangélica
- l) Espiritista
- m) Agnóstico
- n) Não possui religião
- o) Outros: \_\_\_\_\_

**(16) Você tem filho(s)?**

- a) Sim
- b) Não

**(17) Se sim, quantos?**

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) 5
- f) entre 6 e 9
- g) mais de 10

**(18) No caso de ter filhos, quem detém a guarda deles?**

- a) Você mesmo
- b) a mãe/pai dos filhos
- c) avós
- d) Parentes (tios, primos, cunhados, etc)
- e) O filho está em Serviço de Acolhimento (Abrigo, Casa Lar, Família Acolhedora)
- f) Foi entregue para adoção
- g) Outros

**(19) No caso de ter filhos, como é seu vínculo com eles?**

- a) Vivem comigo
- b) Vejo meus filhos ao menos uma vez por semana.
- c) Vejo meus filhos ocasionalmente (mensal).
- d) Vejo meus filhos raramente (uma vez por ano ou fica mais de um ano sem vê-los)
- e) Nunca mais vi meus filhos, mas sei onde se encontram.
- f) Nunca mais vi meus filhos e não sei o paradeiro deles.

**(20) Possui familiares em situação de rua?**

- a) Sim
- b) Não

**(21) Se sim, quem? (multi)**

- a) pai
- b) mãe
- c) Cônjuge/companheiro
- d) filho
- e) irmão
- f) primo
- g) tio/tia
- h) sobrinho/sobrinha
- i) outro

**(22) Você tem algum contato com familiares domiciliados?**

- a) Sim
- b) Não

**(23) Qual sua escolaridade?**

- a) Não alfabetizado/a
- b) Fundamental incompleto
- c) Fundamental completo
- d) Médio incompleto
- e) Médio completo
- f) Superior incompleto
- g) Superior completo
- h) Pós-graduação

**(24) Por que interrompeu os estudos?**

- a) Não gostava
- b) Dificuldade de acesso
- c) Não se sentia aceito na sala de aula
- d) Precisava trabalhar
- e) Outros

**(25) Gostaria de retomar seus estudos?**

- a) Sim
- b) Não

**(26) Qual o valor da sua renda média diária?**

- a) Nenhuma
- b) De R\$ 1,00 até R\$ 10,00
- c) De R\$ 10,00 até R\$ 20,00

- d) De R\$ 20,00 até R\$ 30,00
- e) De R\$ 30,00 até R\$ 40,00
- f) De R\$ 40,00 até R\$ 50,00
- g) Mais de R\$ 50,00
- h) Não respondeu

**(27) Você tem alguma profissão?**

- a) Sim, qual? R: \_\_\_\_\_
- b) Não

**(28) Principais fontes geradoras de renda? (multi -espontânea)**

- a) Reciclagem
- b) Mendicância (Pede dinheiro e alimentos)
- c) Guardador de carros
- d) Construção civil/pedreiro
- e) Programas sexuais
- f) Trabalho esporádico (bicos, vende balas, etc)
- g) Trabalho informal (artesanato, chapa, etc)
- h) Artista de Rua
- i) Trabalho formal
- j) Outros
- k) Nenhuma
- l) Não respondeu

**(29) Você recebe algum tipo de benefício? (multi -ler as opções)**

- a) Bolsa Família
- b) PMTR (Aux. Aluguel)
- c) BPC
- d) Auxílio Doença
- e) Seguro desemprego
- f) Aposentadoria
- g) Cupom alimentação
- h) Cesta Básica
- i) Auxílio Transporte
- j) Outros

**(30) Onde você costuma dormir? (multi-espontâneo)**

- a) Calçadas
- b) Marquises
- c) Pensão/hotel
- d) Mocó
- e) UBS
- f) Escolas
- g) Viadutos/pontilhão
- h) Praças
- i) Acolhimentos
- j) Rodoviária
- k) UPA
- l) outros

**(31) Quais as razões para estar em situação de rua? (multi- espontânea)**

- a) Desemprego
- b) Conflitos Familiares
- c) Dependência Química
- d) Busca de liberdade
- e) Opção própria
- f) Perda de moradia
- g) Separação conjugal
- h) Não aceitação da orientação sexual
- i) Os responsáveis moravam na rua, portanto nasceu nela
- j) Abandono na Infância
- k) Outros

**(32) Você faz quantas refeições por dia?**

- a) Menos de uma (não se alimenta todos os dias)
- b) 1
- c) 2

**(33) Como obtém seu alimento? (multi - espontânea)**

- a) Restaurante Popular
- b) Centro Pop
- c) Abrigo
- d) Casa de Passagem (Albergue)
- e) Compro meu alimento
- f) Ganho comida dos restaurantes
- g) Ganho comida de instituições religiosas ou doações particulares
- h) Peço comida na casa de famílias
- i) Outros

**(34) Onde você costuma tomar banho? (multi - espontânea)**

- a) Nas torneiras disponíveis nas ruas
- b) Banheiros de postos de gasolina
- c) Banheiros públicos (rodoviária, centro de convivência, etc)
- d) Abrigo
- e) Casa de Passagem (albergue)
- f) Centro Pop
- g) Igrejas
- h) Casa de parentes ou amigos
- i) Rios, lagos, represas, fontes
- j) outros

**(35) Você já foi impedido alguma vez de? (multi - ler as opções)**

- a) entrar em estabelecimento comercial
- b) entrar em transporte coletivo
- c) tirar (emitir) documentos
- d) entrar em shopping center
- e) entrar em bancos
- f) receber atendimentos na rede de saúde
- g) entrar em escolas
- h) entrar em Universidades/Faculdades
- i) entrar no Restaurante Popular
- j) Outros

**(36) Você gostaria de sair da situação de rua?**

- a) Sim
- b) Não

**(37) Você possui alguma deficiência? (multi)**

- a) Não
- b) Deficiência física-motora
- c) Intelectual
- d) Cego
- e) Surdez
- f) Outras. R: \_\_\_\_\_

**(38) Você tem algum problema de saúde? (multi - espontânea)**

- a) Não
- b) Enfermidade nos pés (calos, micose, bicho de pé e etc)
- c) Infestações (piolhos, sarna e etc)
- d) Tuberculose
- e) DSTs exceto HIV (clamídia, herpes, chato, cranco mole, hepatite B e C)

- f) HIV, AIDS;
- g) Gravidez de alto risco
- h) Doenças crônicas (diabetes, hipertensão, doenças pulmonares como asma)
- i) Dependência de álcool
- j) Dependência de cigarro
- k) Dependência de drogas/substâncias químicas psicoativas
- l) Problemas de saúde bucal
- m) Saúde mental
- n) outros

**(39) Caso tenha problema de saúde mental:**

- a) Buscou e não obteve tratamento
- b) Tratou no CAPS III (Alto da Boa Vista)
- c) Tratou no CAPS AD (Milton Gaveti)
- d) Tratou no CAPS Infantil
- e) Tratou na Clínica Universitária
- f) Tratou em Clínica Particular
- g) Não buscou tratamento
- h) Outros

**(40) Se sim você faz algum tipo de tratamento ou uso de medicamento? (multi)**

- a) Não
- b) Sim, qual? R: \_\_\_\_\_

**(41) Como você costuma acessar o tratamento de saúde? (multi - espontânea)**

- a) Vou ao Centro Pop e eles me encaminham ao médico
- b) Ligo para o Sinal Verde (Abordagem) e sou encaminhado
- c) Vou diretamente ao serviço médico (UBS, UPA, HU, Hospital Municipal, etc)
- d) Sou atendido pelo Consultório na Rua
- e) SAMU
- f) Outro

**(42) Destes produtos que irei listar, quais você usa e com que frequência (multi)?**

Produtos	Sim		Não
	Todo dia	Às vezes	
a) Crack (pedra)			
b) Bebida Alcoólica			
c) Cigarro			
d) Cocaína (pó)			
e) Maconha (baseado, beck)			
f) Inalantes (Loló, benzina, gasolina, cola de sapateiro)			
g) Oxi			
h) Etanol			
i) Outros			



**PLANO DE AÇÃO**  
**PESQUISA MUNICIPAL SOBRE A PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA LONDRINA/PR – LOCALIDADES PARA APLICAÇÃO DOS**  
**QUESTIONÁRIOS**

A equipe responsável pela organização do Plano de Ação apresenta as seguintes considerações para aprimorar a metodologia de aplicação da Pesquisa sobre a População em Situação de Rua de Londrina.

Os mapas apresentados abaixo oferecem uma primeira demarcação da presença de moradores em situação de rua que deverão ser entrevistados. Para favorecer as condições de segurança e mesmo de colaboração entre as equipes, organizamos por área de proximidade e, com isso, temos 5 polos de atuação.

## **Polo 1**

### **Mapa 1 (distância 1,5 km) – Avenida Rio Branco**

Rota: Início na Avenida Rio Branco, na rotatória com a Avenida Leste-Oeste, seguindo até o início da Avenida Winston Churchill, na rotatória de saída da Avenida Brasília.

### **Mapa 2 (distância 2,4 km) – Rua Tietê**

Rota: Início no Santuário Nossa Senhora Aparecida de Londrina (Rua Grajaú); segue até Rua Tietê; Rua Tietê até Avenida Duque de Caxias; segue na Avenida Duque de Caxias até Rua Guaicurus; segue Guaicurus até Praça Princesa Isabel.

### **Mapa 3 (distância 1,2 km) – Rua Quintino Bocaiúva**

Rota : Início na Rua Quintino Bocaiúva (próximo ao início da Rua rio Branco) e segue até o final próximo à Praça Quinze de Novembro.

### **Mapa 4 (distância 1,3 km) – Avenida Tiradentes**

Rota: Início na Rua Rebouças em direção à Avenida Tiradentes; segue pela Avenida Tiradentes até o Com-Tur; entrar na Rua Bauru até Rua Poços de Caldas; segue pela Rua Poços de Caldas até o fim.

### **Mapa 5 (distância 1,5 km) – Avenida Leste-Oeste**

Rota: Início na Avenida Arcebispo Dom Geraldo Fernandes (Leste-Oeste) na esquina com a Rua Cabo Verde (próximo ao Depósito São Marcos); segue até a rotatória com a Avenida Rio Branco; continua pela rua Abélio Benatti até o cruzamento com a Avenida do Sol.

# MAPA 1

The image shows a Google Maps interface with a walking route highlighted in blue. The route starts at Avenida Rio Branco, 367 - Jardim Agari and ends at Avenida Winston Churchill, 80-152 - Andes. A pop-up box indicates a walking time of 19 minutes for a distance of 1.5 km. The map shows various streets, including Av. Rio Branco, Av. Tiradentes, and Av. Odilon Borges de Carvalho. Landmarks such as McDonald's and Ministério do Trabalho e Emprego are visible. The sidebar on the left lists the route and provides options to send it to a smartphone or view details. The browser address bar shows the URL: <https://www.google.com.br/maps/dir/-23.2935261,-51.1728678/-23.2989868,-51.173613/-23.2918936,-51.1729761/@-23.2957141,-51.1773689,16z/data=!4m2!4m1!3e2>. The system tray at the bottom shows the date 05/10/2017 and time 17:00.

## MAPA 2

The image is a screenshot of a Google Maps interface on a web browser. The browser's address bar shows the URL: <https://www.google.com.br/maps/dir/Santuário+Nossa+Senhora+Aparecida+de+Londrina/-23.2953717,-51.1616208/-23.2953487,-51.1537124/Praça+Princesa+Isabel,+Londrina+-+PR/@-23.2983648,-51.1629558,...>

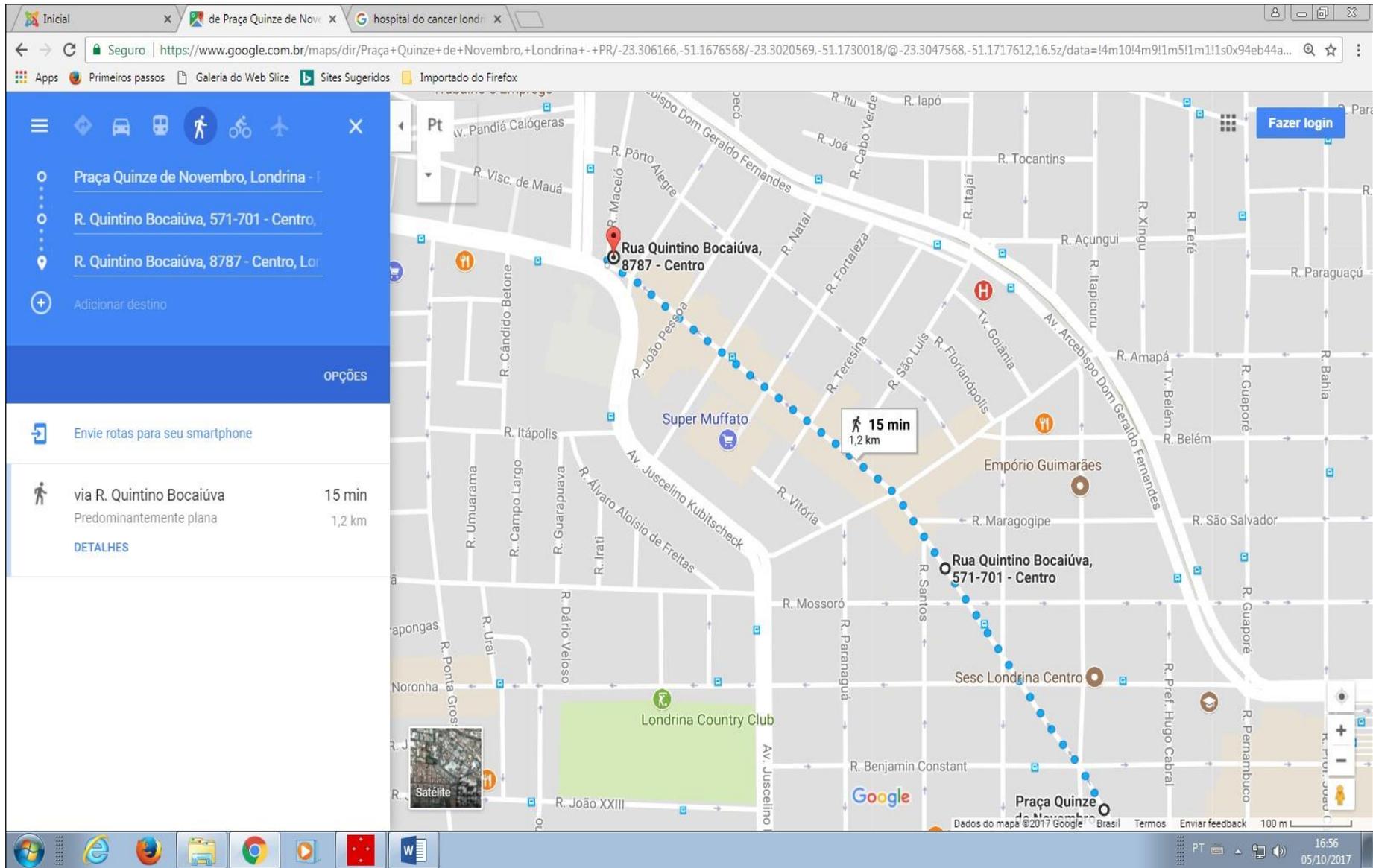
The map displays a walking route (indicated by a blue dotted line) starting from **Santuário Nossa Senhora Aparecida de Londrina** and ending at **Rua Ermelindo Leão, 321-345 - Rica**. A callout box above the route indicates a duration of **30 min** and a distance of **2,4 km**. The route is described as **via R. Grajaú e R. Tietê** and is **Predominantemente plana**. A satellite view inset is visible in the bottom-left corner of the map area.

The left sidebar contains the following information:

- Destination list:
  - Santuário Nossa Senhora Aparecida de Londrina
  - R. Tietê, 748-900 - Jardim Tabapua, Londrina
  - Rua Ermelindo Leão, 321-345 - Rica, Londrina
  - Praça Princesa Isabel, Londrina - PR
- Buttons: **Fazer login**, **Adicionar destino**, **OPÇÕES**, **Envie rotas para seu smartphone**, **DETALHES**

The bottom of the screenshot shows the Windows taskbar with various application icons and the system tray displaying the time **15:59** and date **05/10/2017**.

### MAPA 3





## MAPA 5

de R. Abelio Benatti, 4151 x

Seguro <https://www.google.com.br/maps/dir/-23.2969424,-51.1819834/Depósito+São+Marcos/@-23.2990754,-51.1794388,16.29z/data=!4m9!4m8!1m0!1m5!1m1!1s0x0:0x61141fd229c84...>

R. Abelio Benatti, 4158-4198 - Jardim d  
Depósito São Marcos, R. Fortaleza, 271  
Adicionar destino

OPÇÕES

Envie rotas para seu smartphone

	via Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes	19 min	1,5 km
	Predominantemente plana		
	<a href="#">DETALHES</a>		
	via R. Abelio Benatti e Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes	19 min	1,5 km
	via Av. do Sol e Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes	19 min	1,5 km

19 min  
1,5 km

Ministério do Trabalho e Emprego

McDonald's

Depósito São

Satélite

Dados do mapa ©2017 Google Brasil

17:55  
06/10/2017

## **Polo 2**

### Mapa 6 (distância 1,0 km) – Avenida Jorge Casoni / Terminal Rodoviário

Rota: Início na Avenida Jorge Casoni na esquina com a Rua Santa Catarina; segue pela Avenida Casoni até Rua Potiguares; segue Rua Potiguares até Avenida Dez de Dezembro; segue pela Avenida Dez de Dezembro até Terminal Rodoviário de Londrina.

### Mapa 7 (distância 1,4 km) – Avenida Theodoro Victorelli

Rota: Início na Avenida Theodoro Victorelli em frente ao Boulevard Shopping; segue pela Avenida Theodoro Victorelli até Rua Santa Teresinha; segue pela Rua Santa Teresinha até Rua Martiniano do Valle Filho; segue pela Rua Martiniano do Valle Filho até a Rua Dib Libos, em frente ao Centro Pop.

### Mapa 8 (distância 1,4 km) – Rua Tremembés

Rota: Início na Rua Tremembés na esquina com a Rua Bauxita; segue pela Rua Tremembés até Rua Ametista; segue pela Rua Ametista até o DNIT Unidade Local de Londrina; retorna para contornar o Cemitério Padre José de Anchieta; segue pela Rua Rutilo até Rua Tremembés.



## MAPA 7

The image is a screenshot of a Google Maps web browser interface. The browser's address bar shows the URL: <https://www.google.com.br/maps/dir/-23.3115569,-51.1459963/-23.3143694,-51.1472084/R,+Dib+Libos++Boa+Vista,+Londrina++PR/@-23.3132638,-51.1472329,16.5z/data=!4m15!4m14!1m5!3m4!1m2!1d-51.1...>. The map displays a walking route (indicated by a blue line with dots) starting at Avenida Theodoro Victorelli, 162-300 and ending at Rua Dib Libos. The route passes through several streets, including R. Santa Teresinha and R. Damasco. Key locations marked on the map include Londrina Shopping, Kalunga Papelaria e Informática, Leroy Merlin Londrina, Hotel ibis Londrina Shopping, and SEST SENAT. The left sidebar shows the route details: 18 minutes and 1.4 km, with a note that the terrain is predominantly flat. The Windows taskbar at the bottom shows the system clock as 15:49 on 05/10/2017.

## MAPA 8

Seguro | <https://www.google.com.br/maps/dir/-23.2958936,-51.1374589/-23.2998666,-51.1399199/@-23.2970256,-51.1403417,16.58z/data=!4m2!4m1!3e2>

Apps Primeiros passos Galeria do Web Slice Sites Sugeridos Importado do Firefox

**R. Ametista, 391-451 - Waldemar Hauer**

**R. Tremembés, 1075 - Ideal, Londrina -**

Adicionar destino

**OPÇÕES**

Envie rotas para seu smartphone

	via R. Ametista e R. Tremembés	8 min
	Predominantemente plana	650 m
	<a href="#">DETALHES</a>	
	via R. Rútulo	8 min
		700 m

Rua Ametista, 391-451 - Waldemar Hauer

Rua Tremembés, 1075 - Ideal

8 min 700 m

8 min 650 m

Dados do mapa ©2017 Google Brasil Termos Enviar feedback 100 m

16:27 05/10/2017

### **Pplo 3**

#### Mapa 9 (distância 1,4 km) – Avenida Higienópolis

Rota: Início na Avenida Higienópolis em frente à Sávio Sorvetes; segue pela Avenida Higienópolis até o seu início na Praça Quinze de Novembro.

#### Mapa 10 (distância 2,0 km) – Avenida Juscelino Kubitscheck

Rota: Início na Avenida Juscelino Kubitscheck esquina com a Avenida Duque de Caxias; segue pela Avenida Juscelino Kubitscheck até a Rua Chile; segue pela Rua Chile até Rua Espírito Santo; entra na Rua Espírito Santo até Rua Uruguai; entra na Rua Uruguai até Rua Pará; segue pela Rua Pará até esquina com a Rua Brasil (próximo ao Mercado Super Muffato).

#### Mapa 11 (distância 1,0 km) – Avenida São Paulo

Rota: Início na Praça Marechal Floriano; segue pela Avenida São Paulo, passando pelos fundos da Catedral, pela Praça Sete de Setembro e pelo Bosque Central até cruzamento com a Rua Alagoas.

#### Mapa 12 (distância 1,3 km) – Avenida Leste-Oeste

Rota: Início no Museu Histórico de Londrina; contorna o Museu Histórico pela Rua São Paulo até a Avenida Arcebispo Dom Geraldo Fernandes (Leste- Oeste); segue pela Avenida Leste-Oeste até a Rua Manaus; segue pela Rua Manaus até a Travessa Goiânia; entra na Travessa Goiânia até o Cismepar.

#### Mapa 13 (distância 1,8 km) – Rua Piauí / Rio de Janeiro

Rota: Início na Concha Acústica; segue pela Rua Piauí até a Rua Rio de Janeiro; segue pela Rua Rio de Janeiro no estacionamento do Bosque Central, passando pela frente da Catedral até Avenida Paraná (Calçadão); entra na Avenida Paraná e segue até a Praça Gabriel Martins; retorna pela Avenida Paraná (Calçadão) até a Rua Minas Gerais; entra na Rua Minas Gerais até a Rua Benjamin Contant; contorna a Praça Tomi Nakagawa e segue pela Benjamin Constant até o Pronto Atendimento Infantil (PAI).





# MAPA 11

The image shows a Google Maps interface on a desktop browser. The browser's address bar displays the URL: <https://www.google.com.br/maps/dir/Praça+Mal.+Floriano+Peixoto/-23.3133072,-51.1611113/-23.317628,-51.1596686/@-23.3141963,-51.1645324,16.75z/data=!4m10!4m9!1m5!1...>

The map displays a walking route (indicated by a blue line with a person icon) starting at Praça Marechal Floriano Peixoto and ending at Rua Alagoas, 780 - Centro. The route is 1.0 km long and takes 13 minutes. The map shows a grid of streets including Av. Paraná, R. Piauí, R. Goiás, R. São Paulo, and R. Alagoas. Landmarks such as Copel, Crillon Palace, and Hospital Santa Casa de Londrina are visible.

The left sidebar contains the following information:

- Destination list:
  - Praça Mal. Floriano Peixoto, Av. Paraná
  - R. Piauí, 414-522 - Centro, Londrina - PR
  - R. Alagoas, 780 - Centro, Londrina - PR
- Buttons: "Adicionar destino", "OPÇÕES", "Envie rotas para seu smartphone", "DETALHES"

The bottom of the screen shows the Windows taskbar with the search bar and various application icons. The system tray in the bottom right corner displays the time as 17:48 and the date as 06/10/2017.

## MAPA 12

The image is a screenshot of a Google Maps interface on a web browser. The browser's address bar shows the URL: <https://www.google.com.br/maps/dir/CISMEPAR+-+Consórcio+Intermunicipal+de+Saúde+do+Médio+Paranapanema/Restaurante+Popular+Londrina,-23.3078586,-51.1608517/...>. The map displays a walking route in Londrina, Brazil, starting from CISMENAR and ending at the Museu Histórico de Londrina. The route is marked with a blue line and dots. The left sidebar shows the route details: 16 minutes, 1.3 km, and predominantly flat terrain. The map shows a grid of streets with various landmarks like Empório Guimarães, Sesc Londrina Centro, and Museu de Arte de Londrina. The bottom of the screen shows the Windows taskbar with the search bar and several application icons.

de CISMEPAR - Consórcio

Seguro <https://www.google.com.br/maps/dir/CISMEPAR+-+Consórcio+Intermunicipal+de+Saúde+do+Médio+Paranapanema/Restaurante+Popular+Londrina,-23.3078586,-51.1608517/...>

Fazer login

CISMENAR - Consórcio Intermunicipal de Saúde do Médio Paranapanema

Restaurante Popular Londrina, R. Prof. ...

Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes, ...

Museu Histórico de Londrina, Antiga es...

Adicionar destino

OPÇÕES

Envie rotas para seu smartphone

via Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes 16 min  
1,3 km  
Predominantemente plana  
DETALHES

Satélite

Museu Histórico de Londrina

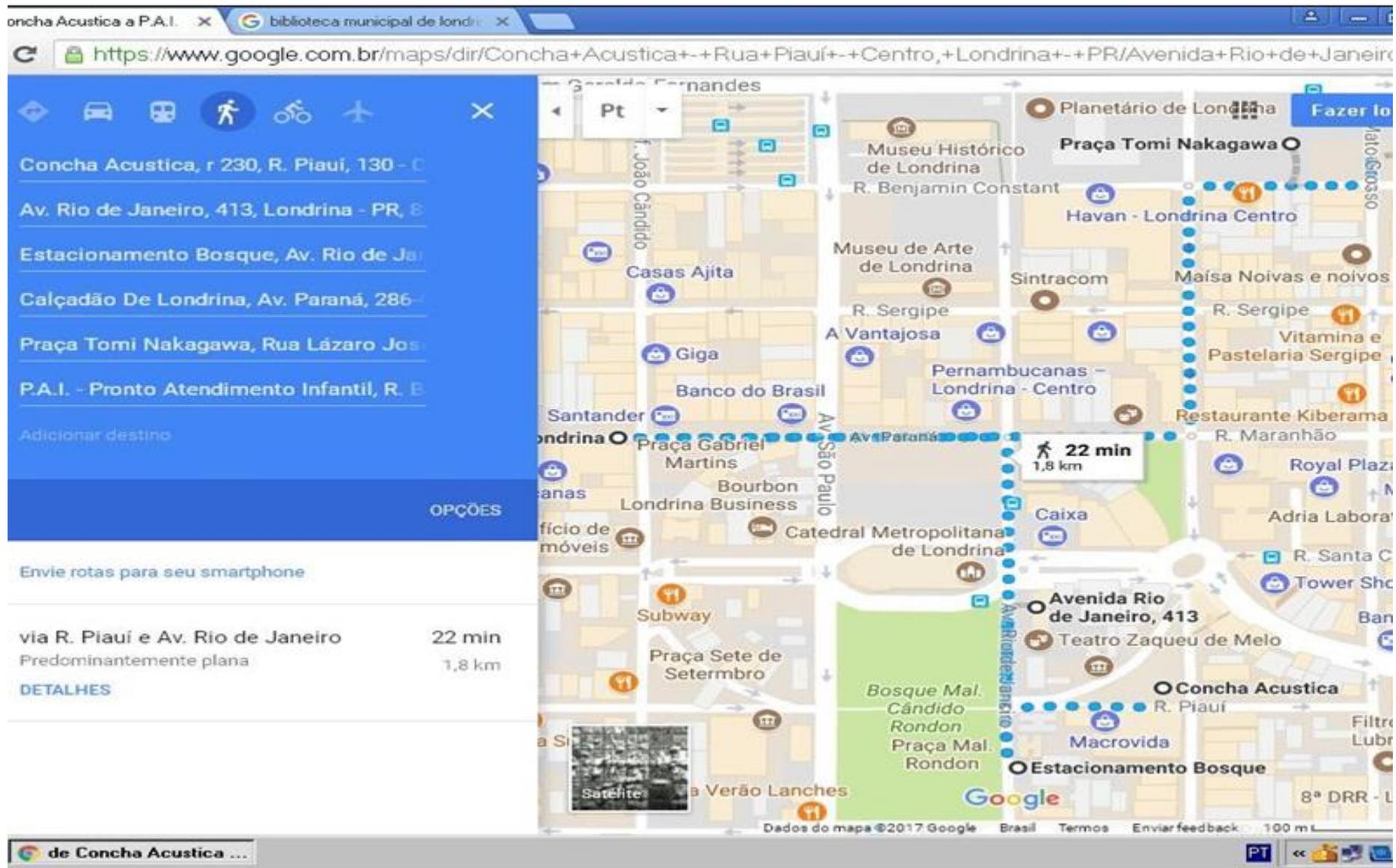
Museu de Arte de Londrina

Dados do mapa ©2017 Google Brasil Termos Enviar feedback 100 m

Digite aqui para pesquisar

17:53 06/10/2017

MAPA 13



#### **Polo 4**

##### Mapa 14 (distância 1,3 km) – Avenida Higienópolis

Rota: Início na Avenida Higienópolis na praça em frente à Igreja São Vicente de Paulo; segue pela Avenida Higienópolis até esquina com Rua Riachuelo.

##### Mapa 15 (distância 1,2 km) – Avenida Madre Leônia Milito

Rota: Início Avenida Madre Leônia Milito na esquina com a Avenida Ayrton Senna da Silva; segue pela Avenida Madre Leônia Milito até Rua Georgetown; segue pela Rua Georgetown até Rua Montevideó; entra na Rua Carácas até Gelobel.

##### Mapa 16 (distância 2,8 km) – Rua Humaitá

Rota: Início na Rua Humaitá no cruzamento com a Avenida Higienópolis; segue pela Rua Humaitá e continua pela Avenida Prefeito Faria Lima até o final no cruzamento com a Avenida Aniceto Espiga; segue pela Avenida Aniceto Espiga até a rotatória de saída da Rodovia Celso Garcia Cid.

## MAPA 14

The image shows a Google Maps interface on a Windows desktop. The browser address bar displays the URL: <https://www.google.com.br/maps/dir/-23.3089669,-51.1654683/Pátio+San+Miguel/Galpão+Nelore+Churrascaria/Sávio+Sorvetes/@-23.3151162,-51.1670287,15.75z/data=!4m2!14...>

The map displays a walking route (indicated by a blue line with a person icon) starting at Praça Quinze de Novembro and ending at Sávio Sorvetes. The route passes through Pátio San Miguel. The map shows various streets and landmarks in Londrina, Brazil, including the Cathedral Metropolitana de Londrina, Hospital Santa Casa de Londrina, and several shopping centers like Royal Plaza Shopping.

The left sidebar shows the route details:

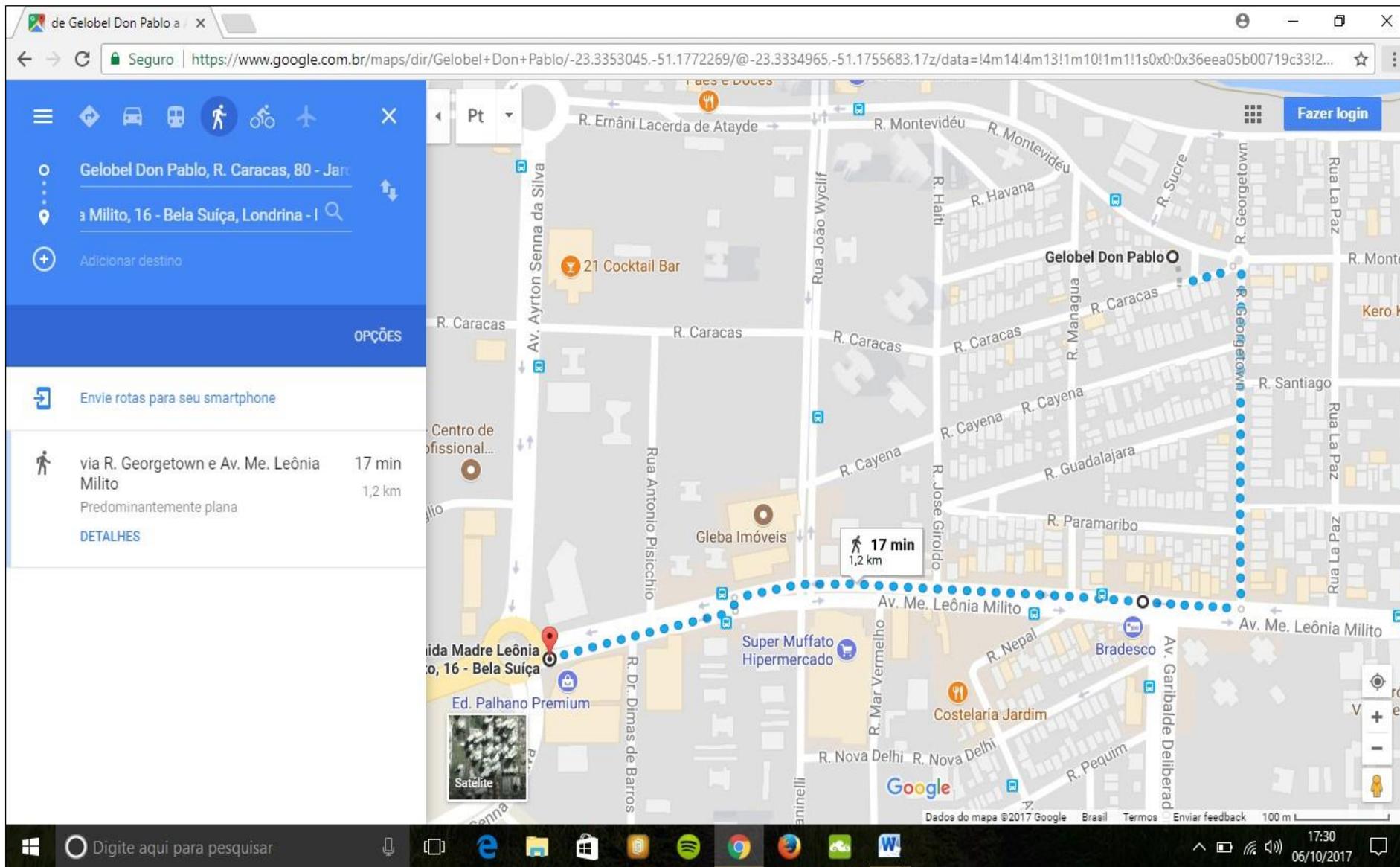
- Prça Quinze de Novembro, 24-98 - Jan
- Pátio San Miguel, Av. Higienópolis, 762
- Galpão Nelore Churrascaria, Av. Higienópolis, 1247
- Sávio Sorvetes, Av. Higienópolis, 1247
- Adicionar destino

The bottom sidebar shows the route options:

- Envie rotas para seu smartphone
- via Av. Higienópolis 17 min
- Predominantemente plana 1,4 km
- DETALHES

The Windows taskbar at the bottom shows the time 17:41 and the date 06/10/2017.

### MAPA 15



# MAPA 16

de R. Humaitá, 106 - Ken x

Seguro | <https://www.google.com.br/maps/dir/-23.3219644,-51.1681964/-23.323323,-51.1936148/@-23.3217032,-51.1887896,15z/data=!4m2!4m1!3e2>

**R. Humaitá, 106 - Kennedy, Londrina - PR**

**R. Constantino Pialarissi, Londrina - PR**

Adicionar destino

OPÇÕES

Envie rotas para seu smartphone

	via R. Humaitá e R. Pref. Faria Lima	38 min
	↑ 57 m · ↓ 39 m	2,8 km
		586 m
		542 m
	DETALHES	
	via R. Humaitá	45 min
		3,4 km
	via R. João Huss	49 min
		3,8 km

Map labels: IGUACU, HEDY, JARDIM PRES. ARAXÁ, UNIVERSITÁRIO, PORTAL DE VERSALHES 2, LÖWE, JARDIM MONTREAL, LIMA AZEVEDO, PARQUE DO LAGO JULIANA, RUA HUMAITÁ, 106 - KENNEDY, R. Constantino Pialarissi, R. João Calvino, ALTO DA COLINA, ALBERTO J ZORTÉA, ARCO IRIS, GUANABARA, SANTA ROSA, PARQUE DO CAMBÉ, RIBEIRÃO DO CAMBÉ, ÁREA DE RECREAÇÃO E LAZER LUIGI BORGHESI...

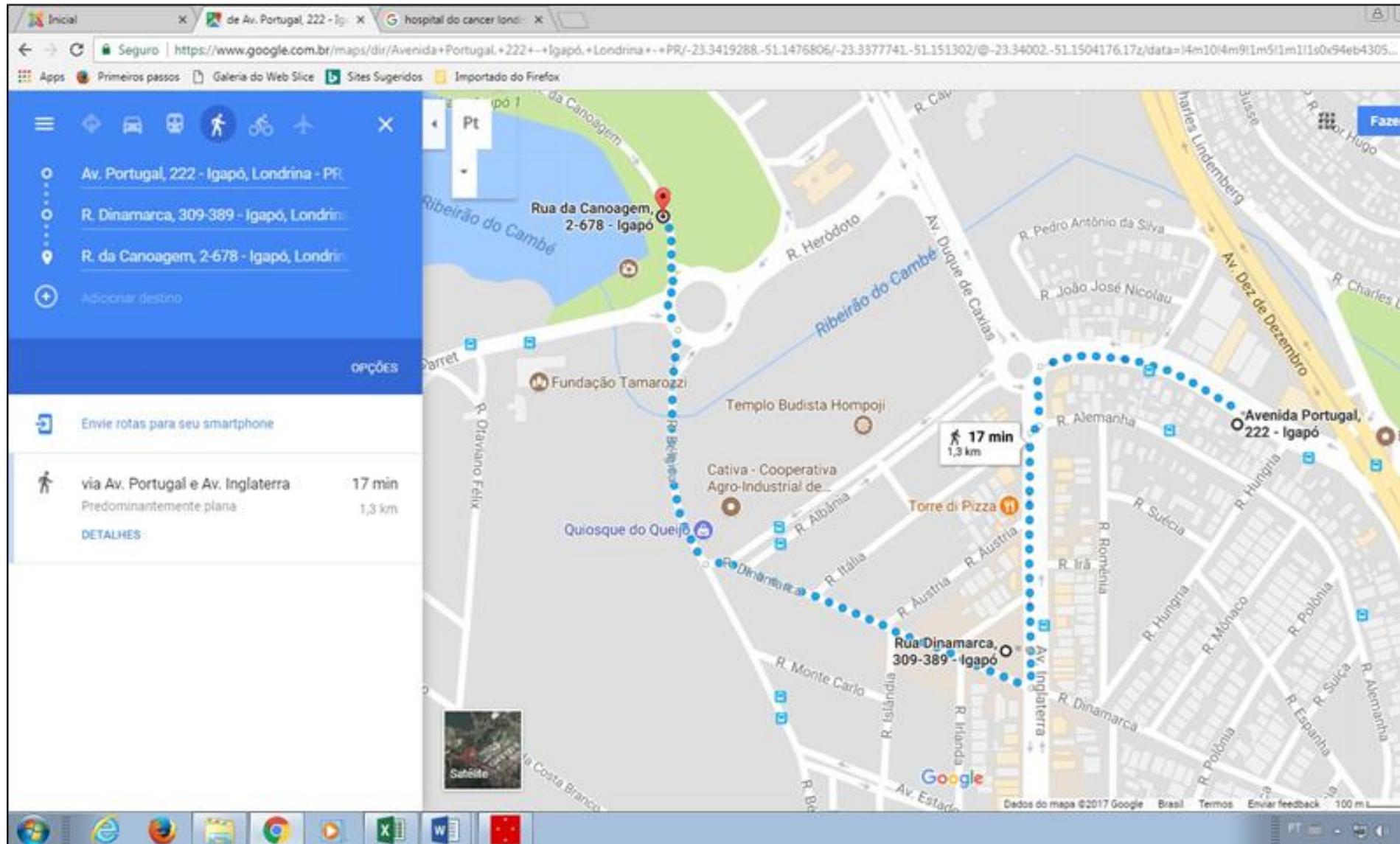
Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, 17:26, 06/10/2017

## **Polo 5**

Mapa 17 (distância 1,3 km) – Avenida Inglaterra / Barragem do Lago Igapó

Rota: Início na Avenida Portugal na saída da Avenida Dez de Dezembro; segue pela Avenida Portugal até a rotatória com a Avenida Inglaterra; segue pela Avenida Inglaterra até a Rua Dinamarca; entra na Rua Dinamarca e segue até Rua Bélgica; segue pela Rua Bélgica até rotatória da Barragem do Lago Igapó; segue por aproximadamente 200 metros pela Rua da Canoagem.

## MAPA 17



## **PROGRAMAÇÃO DA CAPACITAÇÃO PARA PESQUISADORE(A)S PESQUISA SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE LONDRINA**

### **1º DIA – 12/09/2018**

**16h00m – 16h30m** - Recepção e organização dos 8 grupos, que terão 30 minutos para se conhecer (inclusive os facilitadores POP RUA)

**16h30m – 18h30m** – Apresentação, pelos grupos, dos trabalhos realizados a partir da leitura dos textos, bem como da visita ao Centro Pop (se realizada)

**18h30m – 19h00m** – Fechamento (fala representante Centro POP e representante(s) do Movimento)

Ao final, entregar cópia do instrumento para o(a)s novo(a)s participantes (UNOPAR e Comunicação Social da UEL)

### **2º DIA – 13/09/2018**

**16h00m – 18h00m** – Vivência da aplicação do instrumento de coleta de dados.

Quatro grupos (número ímpar) vivenciarão os papéis de sujeitos da pesquisa e quatro grupos (número par) vivenciarão os papéis de aplicadores do instrumento de pesquisa. Deverão ser simuladas situações possíveis de acontecer durante a pesquisa.

**18h00m – 18h45m** - Discussão da vivência, com esclarecimento de dúvidas

**18h45m – 19h00m** – Fechamento pela equipe de coordenação da pesquisa

### **3º DIA – 14/09/2018**

**16h00m – 17h00m** – Roda de conversa com os facilitadores (representantes da POP RUA) e profissionais da área. Espaço destinado para a exposição de dúvidas e para a definição de uma “referência” em cada grupo: trata-se da definição de um(a) líder em cada grupo, para representá-lo perante a Coordenação da pesquisa.

**17h00m – 18h00m** – Informes gerais sobre a logística de realização da pesquisa. Definição dos papéis do(a)s pesquisadore(a)s, das pessoas que ficaram como referência dos grupos, do(a)s coordenadore(a)s e dos facilitadores (POP RUA). Definição do local de referência para o pessoal da pesquisa (Praça Rocha Pombo). Roteiros/trajetos, dias/horários e demais informações necessárias para a execução da pesquisa.

**18h00m – 19h00m** – Exibição e discussão do documentário “Filhos do mundo, filhos da rua”.

**PROPOSTA DE PROGRAMAÇÃO DE EVENTO PARA COMPOR AS  
COMEMORAÇÕES ALUSIVAS AO DIA DO  
ASSISTENTE SOCIAL – 2018**

**DIA 21 DE MAIO – 14H ÀS 17H30M – LOCAL: AUDITÓRIO DO CESA / UEL  
TEMA: “TORNAR VISÍVEL A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE LONDRINA:  
CONDIÇÃO PARA A GARANTIA DE SEUS DIREITOS”**

**14h00m às 14h30m – ABERTURA**

Apresentação cultural pela população em situação de rua atendida pelo Centro Pop (música instrumental)

Mostra de trabalhos de artesanato feitos pela população em situação de rua atendida pelo Centro Pop

**14h30m às 15h00m – MESA DE ABERTURA**

A ser composta por representantes: do MNPR em Londrina (André); do MP-PR (Dr. Paulo Tavares); da Defensoria Pública - a ser indicado(a); do Município - a ser indicado(a); do CRESS - a ser indicado(a); do Departamento de Serviço Social da UEL - a ser indicado(a).

**15h00m às 17h00m – MESA PRINCIPAL:**

*Professora Doutora Ana Lúcia Rodrigues*<sup>27</sup> – “A experiência da produção de conhecimentos sobre a população em situação de rua desenvolvida pelo Observatório das Metrôpoles, no âmbito da Universidade Estadual de Maringá”

*Leonildo José Monteiro Filho*<sup>28</sup> – “A pauta recente do Movimento Nacional da População em Situação de Rua e os avanços e retrocessos da política de atendimento nos municípios paranaenses”

*Eliezer Rodrigues dos Santos*<sup>29</sup> – “A importância da produção de conhecimentos sobre a população em situação de rua para o aprimoramento do trabalho desenvolvido pelo Assistente Social nesse campo”

**17h00m às 17h30m – COFFE BREAK**

---

<sup>27</sup> Pós-doutora em Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Professora Associada na Universidade Estadual de Maringá, do Departamento de Ciências Sociais, coordenou o Mestrado Profissional em Políticas Públicas e coordena o INCT/CNPq-Observatório das Metrôpoles-Núcleo Região Metropolitana de Maringá. Professora dos Programas de pós-graduação em Ciências Sociais e em Políticas Públicas e dos cursos de graduação em Ciências Sociais e em Arquitetura e Urbanismo.

<sup>28</sup> Membro da Coordenação Nacional do MNPR (PR) e membro do Conselho Nacional de Direitos Humanos

<sup>29</sup> Assistente Social, Especialista na Modalidade Residência Multiprofissional em Saúde da Família (2008 - 2010), Mestre em Serviço Social e Política Social pela UEL (2011 - 2013). Membro da Equipe do Centro Pop de Londrina e Professor do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR / Campus Apucarana

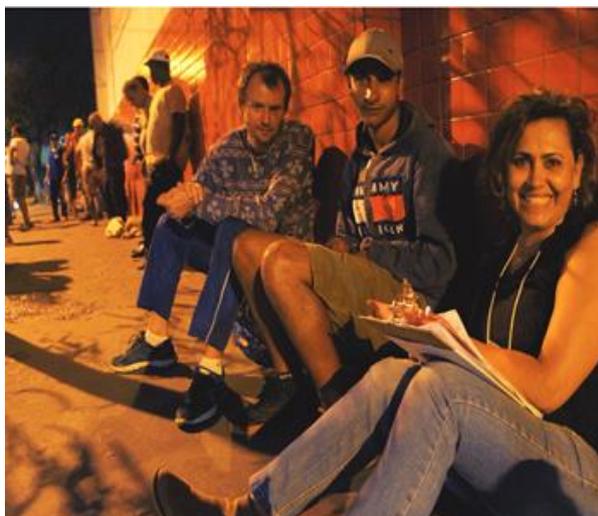
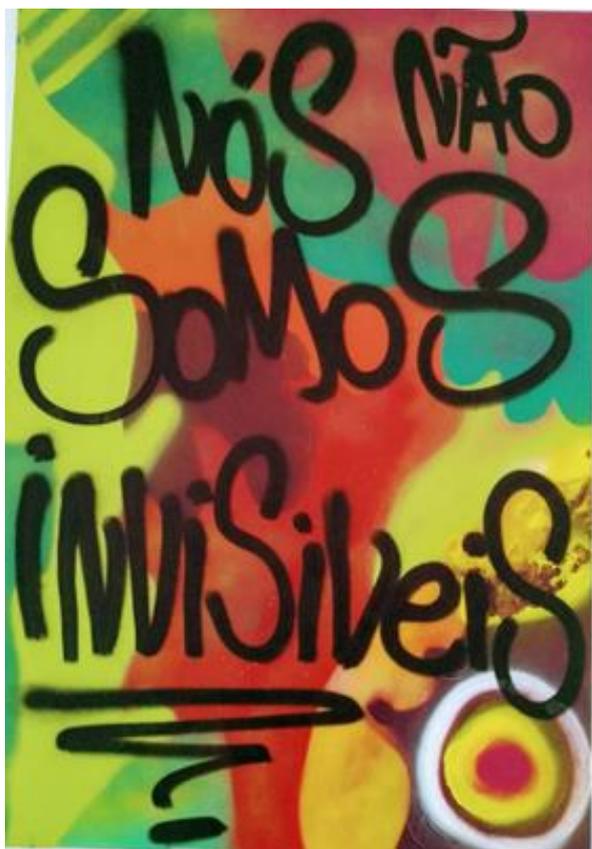
**REGISTROS FOTOGRÁFICOS**  
**ETAPAS DE PREPARAÇÃO DA(O)S PESQUISADORA(E)S**

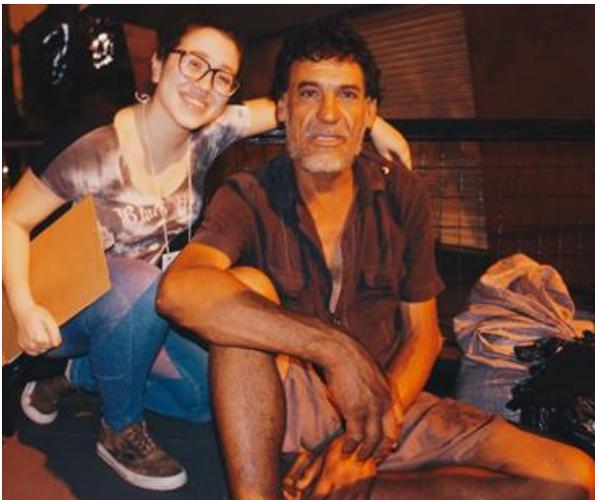






REALIZAÇÃO DA PESQUISA NAS RUAS DE LONDRINA





## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA



